

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANNE MAYARA ALMEIDA CAPELO

**O LUGAR DAS IDEIAS:**  
**a biblioteca da FAUUSP e a construção de uma história da arquitetura**

São Paulo  
2023



ANNE MAYARA ALMEIDA CAPELO

**O LUGAR DAS IDEIAS:  
a biblioteca da FAUUSP e a construção de uma história da arquitetura**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Augusto Costa

Exemplar revisado e alterado em relação à versão original, sob responsabilidade do autor e anuência do orientador. A versão original, em formato digital, ficará arquivada na Biblioteca da Faculdade.

São Paulo, 06 de julho de 2023.

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço Técnico de Biblioteca  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Capelo, Anne Mayara Almeida

O lugar das ideias: a biblioteca da FAUUSP e a construção de uma história da arquitetura / Anne Mayara Almeida Capelo; orientador Eduardo Augusto Costa. - São Paulo, 2023.  
123.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

1. Historiografia da Arquitetura. 2. História das Bibliotecas. 3. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. I. Costa, Eduardo Augusto, orient. II. Título.

Nome: CAPELO, Anne Mayara Almeida

Título: O lugar das ideias: a biblioteca da FAUUSP e a construção de uma história da arquitetura

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: 19 de maio de 2023

Banca examinadora

---

Prof. Dr. Eduardo Augusto Costa – Universidade de São Paulo (Orientador)

---

Profª Drª Iara Lis F. Schiavinatto – Universidade Estadual de Campinas (Banca Examinadora)

---

Prof. Dr. Pedro Meira Monteiro – Universidade de Princeton (Banca Examinadora)

Esta dissertação recebeu o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

As opiniões, hipóteses, conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

Para Jaime, meu pai, todas as bibliotecas do mundo.  
Para Fatima, Tayane e Munir, com todo o meu amor.



## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi realizada durante uma pandemia. O meu distanciamento físico das bibliotecas, das salas de aula, dos restaurantes universitários, dos corredores, dos encontros não combinados e dos arquivos faz com que, aqui, eu agradeça àqueles que estiveram presentes na ausência e que desenvolveram nesse espaço da dualidade, difícil de definir, parcerias e afetos fundamentais para a realização desta dissertação.

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Eduardo Costa. É através de uma inquietação sua que essa pesquisa surge e é através de sua parceria – sempre estimulante e intelectualmente exigente – que este trabalho é desenvolvido. Desde a minha graduação a sua presença é iluminadora.

É ainda durante a graduação que as aulas e os diálogos com Silvana Rubino, Cristina Meneguello e Josianne Cerasoli fizeram com que eu abrisse livros, textos, ideias e caminhos de vida. É por isso – e por tudo – que agradeço a elas. Agradeço também ao professor Haroldo Gallo, que com delicadeza conduziu processos importantes da minha formação.

Aos professores José Lira, Joana Mello, Ana Castro, Nilce Aravecchia, Ivo Giroto, Laura Moutinho e Pedro Lopes, eu agradeço por terem mantido a excelência no ensino mesmo diante de salas de aula que cabiam em telas de celulares.

De casa, vivi momentos de alegria e troca com os amigos dos grupos de pesquisa dos quais participo: Cultura Visual, História Intelectual: Arquivos e Coleções de Arquitetura e Arquipélago Disciplinar. É neste espaço que encontro alegremente Isabel Bairão Sanchez, Marina Rigolletto, Bruna Canepa, Gabriel Biselli, Karina Silva e Souza, Camila Alba, Luana Regiani, Carla Baute, Ivânia Valim, Alexandra Tedesco, Bruno Pinheiro, Leonardo Novo, Silvana Rubino e Eduardo Costa.

Agradeço à Joana Mello e Ana Lanna, com quem tive a alegria de trabalhar e aprender sobre o lugar – instável – da docência no ensino superior e as enormes exigências que o seu exercício demanda. As trocas em nossas salas de aula físicas e virtuais marcaram meus dias.

Agradeço à Joana Mello e à Fernanda Peixoto pela leitura atenta de meu texto e pelas sugestões debatidas durante a qualificação. Elas foram fundamentais para o desenho de novos rumos tomados por esta pesquisa.

Ao Miguel Palmeira, professor do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, eu agradeço por ter confiado à uma arquiteta de formação a tutoria de uma turma de jovens estudantes de história.

Agradeço à Giselle Brito do Nascimento, Mônica Arruda e a todos os funcionários da biblioteca da FAUUSP por todo apoio à pesquisa e à exposição *Zona de Contato*. O acesso às atas do Conselho da Biblioteca, aos livros de tombo, aos volumes do acervo bibliográfico e aos materiais do arquivo só foram possíveis pelo trabalho empenhado de todos eles que sempre acolheram as minhas dúvidas com generosidade.

A João Paulo Campos Peixoto, Ana Carolina Saviolo, Ana Luiza Kitamura e Jessica Mello, Vinícius Wohnrath, meus amigos, agradeço o apoio, com todo meu carinho.

À CAPES e à FAPESP (processo nº 2019/27167-9), agradeço pelas bolsas concedidas. Elas foram essenciais para a realização desta pesquisa.

How can you know what the episteme of the day is if you don't know what is on the shelves? - Jonathan Rose

A história dos textos é inseparável da história dos livros que os transmitiram, e esta é tributária da história das coleções que reuniram os livros. Através da história das coleções é todo um aspecto essencial da vida cultural que se desenha: os livros são feitos por homens, para homens, e as coleções refletem as preocupações da sociedade que as criou [...] ou as dispersou. - Louis Holtz

Para que um corpo de conhecimento reivindique o status de disciplina, ele precisa ter não apenas um passado, mas também uma história. - Alistair Blac



Capelo, Anne Mayara Almeida. **O lugar das ideias:** a biblioteca da FAUUSP e a construção de uma história da arquitetura.

## RESUMO

A presente pesquisa procura problematizar as relações entre mudanças historiográficas ocorridas na forma de concepção da história da arquitetura no Brasil, principalmente a partir da década de 1980, e o processo de aquisição de coleções pela Seção Técnica de Materiais Bibliográficos da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Percebe-se que, naquele momento, ocorria a consolidação do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo oferecido pela faculdade e a aproximação dos estudos em história da arquitetura das ciências humanas. Ainda, é possível entrever um progressivo distanciamento da prática projetual, que demarca a procura por parte dos pesquisadores por novos marcos analíticos e metodológicos. Conjuga-se a este percurso o aumento do número de pesquisas na área, assim como a diversificação de tipologias documentais utilizadas nas investigações acerca da história da arquitetura e dos diálogos travados com disciplinas do campo das humanidades como a sociologia, a antropologia, a economia e a história. Para compreender as relações entre a mudança historiográfica descrita e os processos de aquisição de coleções pela biblioteca da FAUUSP, a pesquisa toma como referência as informações da base de dados desta biblioteca, estabelecendo um diálogo com a produção intelectual de pesquisadores de destaque da própria FAUUSP ligados ao estudo da história da arquitetura. Procura-se, por fim, compreender a complexidade que o acervo bibliográfico da biblioteca da faculdade representa para a construção de matrizes teóricas diversas, buscando realçar os sentidos articulados através do acervo da biblioteca e questões historiográficas que atravessaram as produções do período.

Palavras-chave: historiografia da arquitetura, história das bibliotecas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.



Capelo, Anne Mayara Almeida. **The place of ideas:** the FAUUSP library and the creation of a history of architecture.

### **ABSTRACT**

The current research aims to problematize the relations between historiographical changes that occurred in the conception of the history of architecture in Brazil, especially after the 1980s, and the process of acquisition of collections by the Technical Section of Bibliographic Materials of the Library of the Faculty of Architecture and Urbanism (FAUUSP). At that period the consolidation of the graduate program in architecture and urbanism offered by the school and the approximation of the studies in history of architecture to the human sciences were in progress. Still, It is possible to observe a progressive distancing from the projectual practice that marks the search activities, on the part of researchers, for new analytical and methodological frameworks. This path is accompanied by the increase in the number of studies in the field, as well as the diversification of document typologies used in investigations on the history of architecture, and the dialogues established with various disciplines such as sociology, anthropology, economy and history. In order to understand the relations between the described historiographical change and the processes of acquisition of collections by the library, this research takes as reference the information from its database, establishing a dialogue with the intellectual production of prominent faculty members linked to the study of history of architecture. It seeks, finally, to understand the complexity of this bibliographic collection to the construction of various theoretical frameworks.

**Keywords:** historiography of architecture; history of libraries; Faculty of Architecture and Urbanismo of the University of São Paulo.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cópia tipo “xerox” de fax enviado pela editora Companhia das Letras à biblioteca da FAUUSP.....	25
Figura 2: O circuito da comunicação de Darnton.....	74
Figura 3: O circuito da comunicação de Darnton adaptado.....	75



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Livros sob classificação "300": Ciências sociais e educação.....	80
Tabela 2 - Livros sob classificação "900": História e geografia.....	81
Tabela 3 - Livros sob classificação "100": Filosofia e psicologia.....	82



## LISTA DE SIGLAS

AUH – Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAUUSP  
AUP – Departamento de Projeto da FAUUSP  
AUT – Departamento de Tecnologia da Arquitetura da FAUUSP  
ECA-USP – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo  
EPHE – Paris - École Pratique des Hautes Études  
FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo  
FAUUSP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo  
FFCL – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo  
FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo  
GFAU – Grêmio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo  
IAU – Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo  
IEB – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo  
MAC USP – Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo  
MAE-USP – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo  
MEC – Ministério da Educação  
MP – Museu Paulista  
PUCCAMP – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
SERFHAU – Serviço Federal de Habitação e Urbanismo  
SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas  
USP – Universidade de São Paulo



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	23
<b>1. A PROFISSIONALIZAÇÃO DA PESQUISA EM HISTÓRIA DA ARQUITETURA E A BIBLIOTECA DA FAUUSP</b> .....	33
<b>2. A CIRCULAÇÃO DOS LIVROS E A CRIAÇÃO DE BALIZAS DISCIPLINARES: A BIBLIOTECA DA FAUUSP E SUA COMUNIDADE DE SENTIDO</b> .....	61
2.1. O livro de tombo da biblioteca da FAUUSP.....	76
2.2. O <i>Thesaurus Experimental de Arquitetura</i> .....	84
2.3. O <i>Índice de Arquitetura Brasileira</i> .....	87
<b>3. A CONSTRUÇÃO DE UMA BIBLIOTECA, DE UM DEPARTAMENTO, DE UM CAMPO</b> .....	93
<b>CONCLUSÃO: IMAGINAR A BIBLIOTECA COMO UM ARQUIVO</b> .....	105
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	109
<b>APÊNDICES</b> .....	117
Apêndice A – Teses defendidas junto ao AUH entre as décadas de 1970 e 1990.....	117



## INTRODUÇÃO

No ano de 1997, a editora Cia. das Letras lançou os quatro volumes da coleção *História da vida privada no Brasil* organizados pelo historiador Fernando Novais, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). A obra, segundo a editora, “tem por objetivo descrever e analisar os costumes, os hábitos e os modos de ser” (COMPANHIA DAS LETRAS, 2023) associados aos períodos tratados em cada volume. Em cada livro da coleção, os hábitos cotidianos praticados em território brasileiro são recuperados a partir da leitura de destacados historiadores.

O volume 1 é dedicado aos três primeiros séculos de ocupação portuguesa, desde a chegada dos colonizadores à costa até a instalação da corte de Dom João VI no Rio de Janeiro. Organizado por Laura de Melo e Souza, *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*<sup>12</sup> traz textos de Luiz Mott, Mary del Priore, István Jancsó, entre outros. Por sua vez, o segundo volume foi organizado por Luiz Felipe de Alencastro e é lançado sob o título *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*<sup>3</sup>. Nele, a formação nacional do Brasil e os mecanismos de modernização da sociedade são investigados por meio de textos de autores como Ana Maria Mauad, Hebe Mattos e Robert Slenes, entre outros. O terceiro volume, organizado por Nicolau Sevcenko, carrega o título *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*<sup>4</sup>. Nele, em sete artigos, é explorado o cotidiano republicano brasileiro, que abrange o final do século XIX e o início do século XX. Por fim, no quarto volume, *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*<sup>5</sup>, organizado por Lilia Schwarcz, busca a compreensão dos hábitos da população a partir da década de 1930, quando o país se insere com mais força na economia global e os meios de comunicação passam por profundas transformações.

---

<sup>1</sup> Nesta dissertação serão mobilizados títulos de diversos livros, artigos, capítulos de livros e periódicos. Para que a leitura seja facilitada, os títulos de livros, teses, dissertações e periódicos serão grafados em itálico. Os títulos dos artigos e capítulos de livro serão, por sua vez, grafados entre aspas.

<sup>2</sup> Tombo do exemplar na biblioteca da FAUUSP: 33341. Nesta dissertação, a coleção bibliográfica da biblioteca é compreendida como um arquivo de práticas intelectuais. Desta forma, os livros citados serão tratados como documentos. O número de tombo localiza o documento na biblioteca.

<sup>3</sup> Tombo do exemplar na biblioteca da FAUUSP: 33342.

<sup>4</sup> Tombo do exemplar na biblioteca da FAUUSP: 33343.

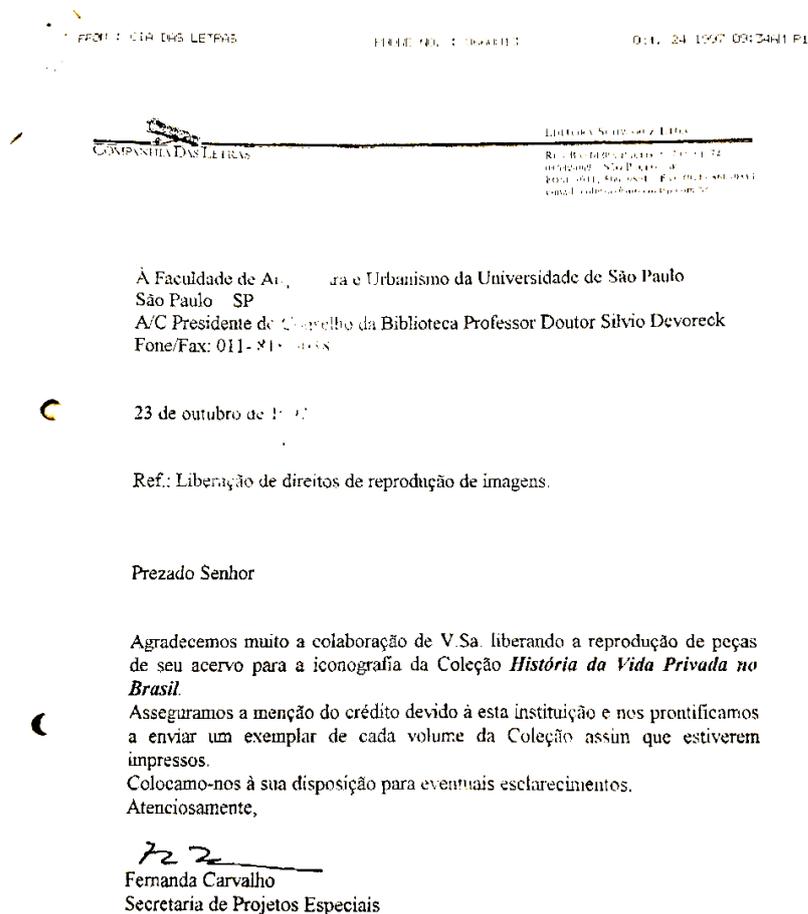
<sup>5</sup> Tombo do exemplar na biblioteca da FAUUSP: 33603.

A coleção, como se vê, é devotada à temática do cotidiano em território brasileiro. Como objeto de pesquisa, o “cotidiano” está associado à “Nova História”, que se interessa por toda a atividade humana (BURKE, 1992), inclusive aquela praticada pelas pessoas comuns. Se tudo possui uma história, como afirmam historiadores ligados a essa corrente, o cotidiano não seria uma exceção. Os volumes de *História da vida privada no Brasil*, é necessário ressaltar, são fruto das experiências historiográficas acerca da vida privada elaboradas, originalmente, em território francês. Naquele país, entre as décadas de 1970 e 1980, uma geração de historiadores herdeiros da “Escola dos Annales” empreendeu um novo campo de estudos dedicado ao cotidiano e aos hábitos. Organizados por Georges Duby e Philippe Ariès, os cinco volumes de *Histoire de la vie privée* são lançados entre 1985 e 1987 pela editora Seuil. Neles, estudos sobre a vida privada no Império Romano até os nossos dias são abordados.

É sob este recorte teórico que o modo de morar, parte do cotidiano privado, situa-se como objeto de atenção em vários dos artigos escritos para a coleção brasileira. Ao formularem, a partir de objetos não usuais, — o cotidiano, os hábitos, os modos de morar — perguntas de pesquisa, os historiadores “tiveram que buscar novos tipos de fontes” (BURKE, 1992, p. 25). A pesquisa acerca da dimensão privada da vida exigia dos historiadores associados às perspectivas de investigação da “Nova História” o manejo de fontes históricas até então timidamente exploradas. Tratados sobre comportamentos e imagens diversas de ambientes privados, por exemplo, eram parte dessas fontes. É, então, no terceiro volume da coleção, aquele organizado por Sevchenko, que as revistas depositadas na biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, a FAUUSP, são buscadas por Paulo César Garcez Marins para a construção de seu capítulo “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras”. Cópias das imagens de revistas e fotografias pertencentes à coleção da faculdade foram incorporadas ao livro acompanhadas de seus devidos créditos. A biblioteca da FAUUSP participa, portanto, desta empreitada historiográfica e editorial ao preservar e fazer circular fotografias e revistas de arquitetura que ajudam a contar a história do Brasil, suas cidades e ambientes domésticos.

A editora Cia. das Letras, quando da publicação dos livros, envia à FAUUSP um exemplar de cada um dos volumes da coleção pela colaboração da biblioteca nos levantamentos iconográficos da obra (Figura 1). É possível conferir na contracapa dos volumes uma observação acerca da doação da editora à biblioteca, onde se lê “Doação. Editor. 1997”. Essa marca de proveniência pode mostrar ao historiador uma parte do percurso daquele

livro, da editora à biblioteca. Ainda, por meio das notas presentes nos textos dos livros, o historiador obtém mais uma pista acerca da forma de produção daquele material: parte das pesquisas voltadas à iconografia do volume foram feitas na FAUUSP.



**Figura 1:** Cópia tipo “xerox” de fax enviado pela editora Companhia das Letras à biblioteca da FAUUSP.

Documento enviado por Fernanda Carvalho, funcionária da Secretaria de Projetos Especiais da Cia. das Letras, em que agradece a cooperação da FAUUSP nas pesquisas para o terceiro volume da coleção *Vida Privada no Brasil*. **Fonte:** Biblioteca FAUUSP. Documentação do Conselho da Biblioteca. Pasta 1996-1997. 23 out. 1997 (documento não processado).

A aproximação da História dos edifícios não monumentais — aqueles em que habitava o homem comum — era nova naquele momento; assim como era nova, no Brasil, a aproximação da arquitetura das ciências humanas, inclusive da história. É sabida que a significativa mudança que, desde os anos 1980, vinha ocorrendo nas pesquisas em história da arquitetura no país (CASTRO; SILVA, 2016, p. 4), e que sua formulação deve muito às referências teóricas fundamentais emprestadas das ciências humanas — não sendo diferente no âmbito da FAUUSP. As influências que essas renovadas formas de investigação geraram sobre a demanda pela obtenção de livros ou, ainda, o inverso, a influência que essa coleção bibliográfica promoveu sobre as pesquisas é passível de verificação através da leitura da biblioteca como um arquivo de práticas intelectuais exercidas naquela faculdade.

A apreensão de metadados<sup>6</sup> associados aos livros, como títulos, datas de inclusão do volume na coleção da biblioteca, data de publicação, além de documentos gerados nos trâmites cotidianos da biblioteca revelam o seu funcionamento habitual ao longo de suas décadas de funcionamento e possibilita ao historiador o acesso às camadas sedimentadas de relações intelectuais e editoriais travadas a partir, e através, da própria biblioteca — como é o caso da construção da coleção anteriormente apresentada. A circulação de ideias e a formação do campo<sup>7</sup> profissionalizado dedicado à história da arquitetura<sup>8</sup> são entendidas aqui, portanto, como dependentes de trocas empreendidas entre os artefatos de pesquisa, os impressos, seus referenciais teóricos e os intelectuais<sup>9</sup> que deles fazem uso.

O processo de autonomização do campo da história da arquitetura ocorre através da consolidação de espaços abertos à reflexão, entre os anos 1980 e 1990, sob a forma de programas de pós-graduação que tinham na cultura arquitetônica especial interesse (CASTRO; SILVA, 2016a, p. 4). Este movimento é relacionado com a reforma universitária levada a cabo no ano de 1968, pelo regime militar, que mudou o caráter dos programas de

---

<sup>6</sup> Os metadados são informações estruturadas que descrevem as bases que representam. Os metadados aqui trabalhados são aqueles que fornecem informações sobre a coleção bibliográfica da biblioteca da FAUUSP.

<sup>7</sup> O campo, segundo Bourdieu, é um sistema estruturado de posições, regado, e ocupado por diferentes agentes. O campo é um espaço de lutas que objetivam a captação por determinado agente de certo capital, distribuído de maneira desigual entre os agentes do campo (LAHIRE, 2017, p. 65).

<sup>8</sup> Aqui, por se estudar a formação do campo profissional da história da arquitetura a partir do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAUUSP, o AUH, serão observados os diferentes interesses manifestados pelos professores e estudantes ligados a ele a partir da nomenclatura “história da arquitetura”, mesmo sabendo que havia — e há — pesquisas dedicadas à história do urbanismo, à história da técnica e à história da cidade.

<sup>9</sup> Nesta pesquisa, intelectuais são compreendidos a partir de sua função laboral associada ao escrito, tanto como seus criadores, como seus mediadores, como descreve Sirinelli. No entanto, pela compreensão da sobreposição dos papéis de intelectual, professor e pesquisador sobre vários dos sujeitos presentes na pesquisa, pede-se ao leitor que compreenda essas três instâncias articuladas e chamadas ao texto em momentos diferentes a partir de sua maior aproximação com o tema então tratado.

pós-graduação, no Brasil. A reforma universitária fez da pós-graduação uma atividade semiautônoma ligada a departamentos recém-criados que viriam a substituir o sistema de cátedras até então vigente (BALBACHEVSKY, 2005). A partir dos anos 1970, o número de programas de pós-graduação é ampliado a partir de políticas federais de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico.

A década de 1980 funciona, então, como marco para estudiosos da histografia da arquitetura da consolidação dos processos de autonomização do campo. Neste quadro de mudanças pelas quais as universidades brasileiras passavam, a FAUUSP lança o primeiro programa de doutorado em arquitetura e urbanismo do país, criado em 1980, e que seria único na área até o ano de 1998. Seu programa de mestrado é fundado em 1972 e apesar de não ser o primeiro do Brasil, tem grande importância na configuração do campo. Abílio Guerra cita o programa de pós-graduação da faculdade, principalmente seu curso de doutorado, como aquele que daria “novos parâmetros para a pesquisa em história, além de formar um expressivo contingente de professores para os cursos de mestrado que serão fundados a seguir em outras universidades públicas brasileiras”<sup>10</sup> (GUERRA, 2010, p. 12). A biblioteca da instituição, local de reunião dos impressos responsáveis pelas construções intelectuais no período, ganha relevo ao colaborar na formação dos primeiros doutores desta área no país.

A profissionalização da pesquisa em história da arquitetura, é necessário ressaltar, tem na aproximação entre arquitetura e outros campos das humanidades, assim como suas referências teóricas fundamentais, uma chave de compreensão historiográfica. Castro e Silva, em apresentação ao “Dossiê fazer história: o estatuto das fontes e o lugar dos acervos nas pesquisas de história da arquitetura e da cidade no Brasil” chamam a atenção para o fato de que:

[...] houve uma ampliação e diversificação não apenas do número de pesquisas nessa área, mas das próprias tipologias documentais mobilizadas, incorporando-se, para além de fontes mais afeitas ao campo, como planos urbanos e projetos de arquitetura, um sem-número de outros artefatos que passaram também a ser vistos como documentos (LE GOFF, 1990, p. 535-553). Ao mesmo tempo, referenciais teóricos de outras disciplinas, sobretudo os da História, mas ainda da Sociologia, Antropologia, Psicologia, Economia, entre outros, passaram a alimentar investigações que revisavam temas e agentes de narrativas consagradas e formulavam novos objetos de pesquisa, contribuindo para um aprofundamento historiográfico significativo. (CASTRO; SILVA. 2016a, p. 12)

---

<sup>10</sup> Para mais informações sobre os doutores formados pela FAUUSP, entre 1972 e 2000, que ingressaram como professores em diversas universidades brasileiras, ver: “Apêndice A: Teses defendidas junto ao AUH entre as décadas de 1970 e 1990”, ao final desta dissertação.

A ampliação do uso de referenciais teóricos de disciplinas do campo das humanidades, como salientados por Castro e Silva no trecho acima citado — e a conseqüente aproximação de seus ferramentais de trabalho — implica numa mudança qualitativa e quantitativa das publicações necessárias à realização de pesquisas. Roger Chartier, ao debater o papel das bibliotecas especializadas nas produções contemporâneas, relata a importância que esses locais tomam quando da especialização do fazer científico:

Essa ideia do fim do século XIX e início do XX, segundo a qual se podia abraçar, em uma área específica do saber, todas as publicações fundamentais e, portanto, em certo sentido, dominar e instalar em casa este conhecimento exaustivo, se desfez com o crescimento do número de professores, a proliferação das revistas, a multiplicação das pesquisas. A posse particular do saber torna-se impossível e entramos na era, talvez particularmente inquietante para o trabalho intelectual, do desconhecimento forçado. Salvo se reduzirmos drasticamente nosso domínio de especialização, ao qual o modelo antigo ainda pode ser transposto. Desde que este seja dimensionado mais amplamente, as bibliotecas, sejam elas nacionais, públicas ou universitárias, tornam-se um recurso absolutamente indispensável (...). (CHARTIER, 1998, p. 124)

A afirmação de Chartier sobre o papel das bibliotecas especializadas na produção de pesquisas ganha relevo quando pensada sobre a mudança no campo da história da arquitetura, como destacam Silva e Castro. Afinal, a faculdade, a partir de novas orientações intelectuais, é levada a consumir um material que atenda às também novas necessidades. Situando-se no domínio da história das bibliotecas e da história intelectual, esta pesquisa pretende analisar as formas como a captação, sistematização e disseminação de livros configuram — e são configurados — por mudanças epistemológicas na história da arquitetura, ocorridas a partir da década de 1980 (COSTA, 2021; CASTRO; SILVA, 2016a; CASTRO; SILVA, 2016b; PEREIRA; LIRA, 2010; GUERRA, 2010). Ou seja, pretende-se compreender a forma pela qual uma coleção de livros, a biblioteca da FAUUSP, funciona como um dispositivo de configuração do campo e na conformação de práticas de pesquisa. Situa-se, portanto, na relação entre a estratégia compositiva da coleção e o processo histórico mais amplo de institucionalização da pesquisa em história da arquitetura no Brasil.

Tomar a coleção da Setor de Materiais Bibliográficos da biblioteca da FAUUSP e confrontá-lo com os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores da faculdade durante a chamada virada historiográfica na escrita da história da arquitetura — que demandou uma grande quantidade de materiais de pesquisa, possível somente, como coloca Chartier, através da constituição de bibliotecas especializadas — significa atentar “às condições e aos processos

que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido [...] é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas.” (CHARTIER, 2002, p. 26).

Os textos e os aportes teóricos presentes nos livros não se apresentam à leitura de maneira abstrata, eles são mediados por um suporte físico que é atravessado por condições sociais e econômicas que marcam seu conteúdo textual, sua circulação e sua recepção. Esta condição material dos textos é fundamental, pois é através dela que pode ser problematizada a própria condição do “autor”, agente relevante para a história intelectual. Frédéric Barbier chama a atenção que, para alguns pesquisadores, declaradamente Georges Duby, Louiz Holtz e Alain de Libera, a tecitura de ideias só ocorre em meios históricos coercitivos e “baseando-se num conjunto de instrumentos materiais, de instituições e de práticas [...] que lhe garantem o que vamos chamar de logística.” (BARBIER, 2018, p. 14). Salienta, ainda, que esse conjunto de instrumentos materiais incluiria camadas e problemas no arranjo de questionamentos de uma história dedicada às ideias, aos conceitos e às instituições.

A biblioteca especializada, como aquela aqui estudada, apesar de sofrer com as interferências próprias da condição material do livro — preço, distribuição e produção, por exemplo — supera, de alguma forma, os modos de circulação tradicionais operacionalizados pela condição mercadológica do artefato. Para a composição desse tipo de coleção, outros itens são igualmente importantes: o prestígio da editora, do autor, e sua circulação em campos disciplinares já assentados, a circulação de professores, o interesse de pesquisadores pelo tema abordado, entre outros. Isso significa que na biblioteca especializa o conjunto de instrumentos materiais utilizados na formulação das ideias, como assinala Barbier, possui uma condição singular de legitimação. É por esta razão que os livros, os metadados associados a eles, as marcas de proveniência, os documentos burocráticos da biblioteca, e o material produzido por professores e pós-graduandos da FAUUSP no momento de rearranjo das posições teóricas e disciplinares pelo qual o campo passava são fontes fundamentais a esta pesquisa. Através dos procedimentos de composição e categorização de sua coleção, a biblioteca da FAUUSP exerceu uma função estratégica nas transações intelectuais efetuadas dentro do ambiente universitário.

A biblioteca, é necessário ressaltar, surge no mesmo ano da fundação da Faculdade, em 1948. Hoje, ela conta com duas seções: a Seção Técnica de Materiais Bibliográficos que é composta por livros, folhetos, periódicos, teses e dissertações; e a Seção Técnica de Materiais Iconográficos é composta, por sua vez, por mapas, fotografias, negativos, negativos

em vidro, diapositivos, microfilmes, gravações em áudio e vídeo, gravuras, cartazes e desenhos originais de arquitetura, urbanismo, paisagismo e artes visuais.

O exame da configuração do campo da história da arquitetura por meio de um de seus dispositivo, ou seja, de uma coleção bibliográfica, encontra justificativa na ausência de estudos deste caráter no campo da história das bibliotecas (BARBIER, 2014; VARRY, 2005; MOUREN, 2021), e também no campo da história da história da arquitetura, que carece de pesquisas acerca do uso de referências teóricas fundamentais nas teses que compõe o quadro de trabalhos ligados às mudanças historiográficas ocorridas no campo (PEREIRA; LIRA, 2010).

Não foram localizadas pesquisas que possuíssem a pretensão de compreender as mudanças intelectuais de uma disciplina a partir do estudo de coleções bibliográficas universitárias, ou seja, em ambientes em que as duas esferas estivessem em permanente contato. Por outro lado, dois trabalhos acerca da relação entre bibliotecas e áreas do saber chamaram a atenção durante a realização desta dissertação: o primeiro deles é *A vocação das ciências sociais no Brasil: um estudo da sua produção em livros no acervo da Biblioteca Nacional 1945 – 1966*, de autoria de Glaucia Villas Bôas. Na obra, como esclarece o título, Bôas mapeia a produção editorial voltada às ciências sociais entre os anos de 1945 e 1966 por meio de uma coleção bibliográfica. Entretanto, por trabalhar sobre a coleção da Biblioteca Nacional, que tem por ambição a reunião da totalidade das obras comercializadas no país, a vinculação com setores específicos dos estudos sociais não era possível, nem mesmo desejável. Outro trabalho, o de Leonardo Capelossi Caramori, *A biblioteca da Escola Politécnica de São Paulo e seus acervos de engenharia civil e arquitetura entre 1894 e 1928*, procurava correlações entre a biblioteca da Escola Politécnica e os debates em andamento entre os profissionais da engenharia civil e da arquitetura. No entanto, Caramori focou seus estudos na história da biblioteca em si, inclusive nas formas de uso e administração do espaço, e não no estabelecimento de uma relação entre a coleção e o campo.

Assim, diferente dos trabalhos acima comentados, esta dissertação procura vincular dois campos de estudos: o da história das bibliotecas e o da história intelectual. Esta opção de pesquisa, que atrela a confecção de uma obra aos circuitos intelectuais e do livro contemporâneos a ela, desafia o pesquisador na compreensão da formulação das ideias, seus lugares e seu tempo. Para tanto, este trabalho está dividido em três capítulos.

O primeiro capítulo “A profissionalização da pesquisa em história da arquitetura e a Biblioteca da FAUUSP” tem como objetivo a apresentação das mudanças nas formas de se

fazer pesquisa em história da arquitetura no contexto da FAUUSP e as maneiras pelas quais essas mudanças podem ser observadas na Seção Técnica de Materiais Bibliográficos da biblioteca da faculdade. Procura-se esmiuçar, ainda, as reorientações no nascente entendimento da cientificidade atrelada à escrita da história.

O segundo capítulo, “A circulação dos livros e a criação de balizas disciplinares: a biblioteca da FAUUSP e sua comunidade de sentido” — a partir da inscrição desta pesquisa no campo da história das bibliotecas, seus dilemas, fontes e objetivos — tem como propósito apresentar a biblioteca da FAUUSP como uma engrenagem associada ao ensino e à pesquisa desenvolvidos na faculdade. Para tanto, três peças dessa engrenagem são observadas: a primeira delas é O Livro de Tombo da biblioteca e a situação das compras e doações de livros à instituição nele registrada; a segunda é a organização do *Thesaurus Experimental de Arquitetura* e suas pistas sobre o lugar da história da arquitetura em uma vista geral da disciplina, nos anos 1980 e, por último, a análise acerca do *Índice de Arquitetura Brasileira*, por meio do qual é possível a análise de mudanças no campo, seja por meio das características dos periódicos listados em seus diferentes volumes, assim como dos artigos neles indexados.

Ao terceiro capítulo, “A construção de uma biblioteca, de um departamento, de um campo”, caberá o estudo da biblioteca como mediadora entre a o mercado editorial e as demandas da Faculdade. Nele será apresentada a situação do mercado editorial e das livrarias que abasteciam a biblioteca durante a segunda metade do século XX. Ainda, serão apresentadas as formações de arquivos universitários da USP, do qual a Seção de Materiais Iconográficos da FAUUSP faz parte. Por fim, será debatida a possibilidade de uso dos paratextos como via de acesso às bases teóricas fundamentais que devem ser analisadas para uma ampliação da compreensão das mudanças que ocorreram na forma de escrita da história da arquitetura.

Esta investigação, ancorada em uma perspectiva interdisciplinar, procura contribuir com novos caminhos de pesquisa em história da arquitetura e em história das bibliotecas, lançando luz às possibilidades de compreensão do funcionamento de uma biblioteca especializada e universitária em direção aos debates do campo a que ela pertence.



## **1. A PROFISSIONALIZAÇÃO DA PESQUISA EM HISTÓRIA DA ARQUITETURA E A BIBLIOTECA DA FAUUSP**

No ano de 1994, o Seminário “O Estudo da História na Formação do Arquiteto” é organizado pelo Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto (AUH) da FAUUSP. O evento tinha como objetivo o “aprofundamento das questões de fundo do estudo da história na formação do arquiteto” (LAMPARELLI, 1995). A comissão organizadora formada por Benedito Lima de Toledo, Júlio Roberto Katinsky, Maria Cecília França Lourenço, Maria Irene Szmrecsanyi, Refina Maria Prospero Meyer, todos professores da Faculdade, além de dois representantes discentes, Mariana Fix e Mauro Claro, debatia, naquele momento, a possibilidade de intensificação do contato com colegas de dentro e fora do país que tinham na relação entre história e formação do arquiteto um problema a ser enfrentado.

Celso Lamparelli, então chefe do AUH, destacava no texto de abertura aos anais do evento que aquele momento poderia ser visto como uma “oportunidade oferecida pelas profundas mudanças no panorama internacional que deveria mobilizar nossos professores e nossas escolas de arquitetura para repensar suas tarefas teórico-pedagógicas, seus temas de pesquisa e suas práticas de projeto” (LAMPARELLI, 1995, p. 16). Ele ainda tomava aquele período como uma fase de intensificação da crise da vida material e das políticas urbanas, além de atentar ao esgotamento das utopias. Período, portanto, ideal à construção de um “conhecimento crítico e totalizante que só a história pode dar” (LAMPARELLI, 1995, p. 16).

A compreensão da história como ferramenta para tratar do presente e do futuro da arquitetura, da cidade e do patrimônio era central às discussões trazidas ao Seminário dividido em três agrupamentos temáticos: a) à frente “Arquitetura, Sociedade e História” cabia a abordagem da produção da arquitetura como bem social, assim como documento e expressão da história. Nela também se dava a discussão da arquitetura como a responsável pela organização do espaço arquitetônico e urbano como construção para o futuro; b) À segunda parte “Arquitetura e Criação, o Entendimento Contemporâneo da Arte” cabia a discussão sobre o objeto artístico, o julgamento de seu valor, a arquitetura como a arte voltada à organização dos espaços, assim como as inovações, permanências e mudanças na arquitetura e c) por fim, ao bloco “História do Conhecimento da Arquitetura” cabia a discussão acerca da história do ensino da arquitetura, do ensino de história da arquitetura, dos desenvolvimentos

da historiografia e seus possíveis diálogos com a história da arquitetura, assim como os enlaçamentos entre a história e o exercício da profissão do arquiteto.

A escolha das temáticas que foram desenvolvidas no Seminário pode ser lida, hoje, como uma pista para as vertentes da disciplina histórica que importavam ao Departamento em sua relação com o ensino e a pesquisa. Mas é sobretudo no trato com o tempo e com os problemas do presente que a escolha das temáticas se destaca: todas as frentes de trabalho do Seminário apresentavam ao fazer histórico questões oriundas da prática profissional no tempo presente e o tomava como ferramenta que pudesse auxiliar o arquiteto no exercício de sua profissão.

Chama a atenção, então, o convite a dois historiadores de formação, Fernando Novais e Peter Burke, para apresentarem conferências que procurassem articular a história, enquanto disciplina do campo universitário, aos problemas próprios do fazer arquitetônico. O interesse pela história no evento é claro, assim como é clara a demanda por um caráter prático desta disciplina. Novais apresenta dificuldades em responder à demanda, assim como Burke. O primeiro inicia sua fala da seguinte maneira: “Eu não sei muito bem o que posso falar a respeito do assunto a não ser apresentar algumas reflexões a respeito da importância da história para a formação do arquiteto” e emenda: “a História realmente não precisa de muita justificativa” (NOVAIS, 1995, p. 32). Burke, por sua vez, inicia sua fala levantando a questão: “Como pode um historiador cultural contribuir num congresso como este?” (BURKE, 1995, p. 96).

Apesar da evidente dificuldade apresentada pelos pesquisadores em elaborar uma relação prática entre a História e o exercício projetual da arquitetura, ambos recorrem aos domínios da história cultural para elaborar uma possível solução. Novais evoca a infinitude dos possíveis objetos de estudos para a História e realça que “tudo o que já aconteceu com homens, com seres vivos, humanos, é o campo da história. Portanto o campo é absolutamente ilimitado. Ilimitado e ilimitável, caracterizado pela infinitude” (NOVAIS, 1995, p. 32). Por fim, relembra as novas tendências ligadas à Nova História que elegiam temas como “(...) o gesto, a cor, o cheiro (...) odores, sabores, amores” (NOVAIS, 1995, p. 32) como aqueles que substituiriam o interesse por temas de grande abertura, como o capitalismo, os sistemas, as estruturas, enfatizando o interesse que essas novas temáticas poderiam ter para os arquitetos:

A tendência, por exemplo, da história econômica se encaminhar para a história da vida material, segundo o rumo traçado por Braudel: história da habitação, história da alimentação. A história do cotidiano e a história da vida privada são dois rumos da historiografia moderna que certamente são do maior interesse para a formação do arquiteto. Há, portanto, uma convergência aí das nossas duas disciplinas.” (NOVAIS, 1995, p. 33)

Burke, por sua vez, recorre à história cultural e suas variantes para estabelecer o que ele acreditava ser do interesse dos arquitetos, diferenciando a “história da arquitetura” de uma “história dos edifícios”. Passando por obras de Jakob Burckhardt e Johann Huizinga, o historiador estabelece críticas aos autores de uma primeira fase da história cultural, a qual ele chama de “clássica”, pelas suas limitações acerca da definição de cultura, sua falta de conexões com a sociedade de maneira ampla e sua aposta no conceito de *Zeitgeist*. O problema atual da história cultural para Burke seria “ligar um fenômeno interessante com outro fenômeno interessante” (BURKE, 1995, p. 96), superando a escrita compartimentada que livros como os de Carl Schorske e Nicolau Sevcenko apresentavam. Para ele, a razão fundamental da história cultural era justamente o combate à fragmentação, estabelecendo relações entre boas histórias já escritas, como a história da arte, a história da arquitetura, a história da filosofia, a história das ciências etc.

O Seminário, é necessário ressaltar, ocorre no mesmo ano em que o curso de doutorado da FAUUSP completaria 14 anos de existência<sup>11</sup>. A implantação de programas de pós-graduação em arquitetura e urbanismo, a partir dos anos 1970, no Brasil, trouxe consigo um gradual processo de profissionalização do campo da história da arquitetura, que se afastava da prática projetual e se aproximava das ciências humanas. Apesar do avanço em direção à autonomia do fazer histórico na arquitetura em relação ao exercício do projeto, é revelador que a questão enviada a Burke e Novais pela organização do Seminário, ou seja, “qual o papel da história na formação do arquiteto?”, atinja pontos essenciais a esta relação: qual o papel da história da arquitetura? Qual sua utilidade para o exercício do projeto arquitetônico? E ainda mais relevante: é necessário que essa utilidade seja a base norteadora dos estudos históricos?

Dois professores da Faculdade, no entanto, mostravam em suas falas para o Seminário visões mais claras acerca da relação entre o fazer histórico e a prática projetual sem, no entanto, unir irremediavelmente os campos. Para Carlos Lemos, professor de história da arquitetura, o papel do historiador da arquitetura seria, dentro da ampla história da sociedade,

---

<sup>11</sup> O mestrado em arquitetura e urbanismo da FAUUSP foi inaugurado em 1972. Por sua vez, o doutorado foi inaugurado em 1980. O programa de doutorado da Faculdade foi o primeiro do país, e o único, até 1998.

“(...) selecionar e analisar com muita curiosidade e bastante pertinência os dados disponíveis diretamente ligados à definição do que seja arquitetura ou partido arquitetônico” (LEMOS, 1995, p. 34). Para Lemos, importava ao historiador a leitura das relações entre os aspectos históricos das sociedades do passado e o “invólucro arquitetônico, cujos espaços escondem os reflexos de uma infinidade daqueles (...) determinantes ou condicionantes ligados à permanente evolução ou variação do processo cultural (...)” (LEMOS, 1995, p. 34). Fazia-se fundamental, a partir desta reflexão, a superação das formulações da história da arquitetura provenientes da história da arte advinda da tradição acadêmica, que raramente se debruçava sobre a arquitetura feita sem arquitetos — a arquitetura vernacular — que, afinal, era fundamental para o entendimento dos determinantes e condicionantes ambientais e sociais ligados à construção, tema de maior importância ao professor.

Nestor Goulart Reis Filho, professor de história da urbanização, por sua vez, compreende a história da arquitetura enquanto “Teoria” que “serve para compreender a relação entre as mudanças na organização social e as formas de organização do espaço” (REIS FILHO, 1995, p. 40). Assim como Lemos, a relação entre sociedade e realizações materiais arquitetônicas e urbanas compunham o interesse de Reis Filho. Para ele, a forma de fazer história deveria contemplar as continuidades dos processos históricos relacionados à sociedade e às formas de construir, operando a partir de processos “de aperfeiçoamento progressivo” (REIS FILHO, 1995, p. 41) ou de etapas articuladas, de cada uma dessas esferas. Para o pesquisador, especializado na formação das cidades brasileiras, não eram os trabalhos sobre história da arquitetura redigidos em Escolas de Belas Artes<sup>12</sup> ou em universidades que

---

<sup>12</sup> Castro e Silva (2016b) apontam para o surgimento da história da arquitetura, no século XIX, como uma disciplina que estabelecia diálogos com a tratadística, mas que, autonomamente, procurava por critérios que norteassem o fazer projetual junto à um novo sistema, aquele da arquitetura acadêmica. Nesse sentido, a história passava a atuar como organizadora de estilos arquitetônicos no espaço e no tempo. A catalogação desse material construído serviria ao processo projetual dos arquitetos acadêmicos. Assim, a história estava atada, necessariamente à prática projetual.

No começo do século XX, quando ainda vigorava este modo de compreensão da história da arquitetura, Auguste Choisy, inspirado pelo conceito de *Zeitgeist*, começou a defender que o motor da história da arquitetura eram as técnicas e os materiais disponíveis à manifestação arquitetônica. Essa concepção, como colocam Castro e Silva, “[...] perpassa a historiografia moderna e supõe, além de relações causais de sentido evolutivo, de um lado uma independência total do arquiteto em sua produção, de outro, uma submissão da narrativa histórica aos ditames contemporâneos da prática projetual.” (CASTRO; SILVA, 2016b, p. 5)

Faz-se necessário compreender que historiografia da arquitetura, em um momento anterior às revisões historiográficas da segunda metade do século XX, ao compartilhar com as vanguardas artística modernas a mesma doutrina do progresso e do desenvolvimento, traz à história um discurso estereotipado, ativo na própria produção dessas vanguardas. Estas narrativas podem ser encaradas, portanto, como o resultado combinado de uma produção histórica aliada às vanguardas.

impulsionariam o campo de estudos, mas sim o trabalho teórico elaborado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) que se mostrava fundamental na maneira de pensar a história da arquitetura. O Serviço, ao atrelar a pesquisa histórica ao dever prático do restauro e conservação de obras arquitetônicas e áreas envoltórias a elas, era “obrigada [a] uma leitura do edifício e da cidade como um produto social” (REIS FILHO, 1995, p. 43). Para Reis Filho, a relação entre sociedade e arquitetura era direta, e o problema metodológico que figurava como fundamental a esta conexão era, portanto, aquele que a explicasse. Para tanto, por um lado, era necessário que se descortinassem as raízes da sociedade brasileira; e, por outro lado, que se respondessem os limites construtivos a partir de seu local social e material de produção. Ainda, ele afirma:

“A geração que se formou no final dos anos 50 e início dos 60 adotou alguns critérios teóricos e metodológicos inovadores, provavelmente sob influência da “Tradição do Patrimônio”. Em primeiro lugar, por pensar e elaborar ciência enfatizando a importância da base empírica.” (REIS FILHO, 1995, p. 43).

A preocupação com o fazer científico atrelado à escrita da história também era motivo de preocupação para Julio Katinsky, professor de História da Técnica que, no momento da realização do Seminário, era diretor da Faculdade e declarava que “não se pode negar a presença de [...] autores como Caio Prado Jr., Florestan Fernandes e Mário Wagner Vieira da Cunha, na conceituação de uma História da Arte e Arquitetura, cuja tônica científica tem sido sempre perseguida” (KATINSKY, 1995, p. 120).

A insistência no caráter científico e metodológico expressado por Katinsky, Reis Filho e Lemos em suas falas para o Seminário chama a atenção. A intenção dos professores toma a frente numa discussão em que a especialização do fazer histórico se sobrepõe a seu lugar como ciência auxiliar da arquitetura, em especial da prática de projeto. O processo que havia subtraído a história da arquitetura do campo da história e a inseria entre as ciências auxiliares da arquitetura e urbanismo a subordinava às hierarquias próprias do campo educacional arquitetônico que preparava profissionais para a execução de projeto arquitetônico e da prática construtiva. A rotinização do saber histórico acerca da arquitetura, no entanto, a partir da implantação de programas de pós-graduação na área foi fixada a partir de normas de desenvolvimento da carreira científica, traço distintivo da história produzida anteriormente, seja na universidade, seja junto aos setores do Estado voltados ao patrimônio.

Este movimento em direção à pesquisa científica se dá num momento de ampliação das referências intelectuais no campo historiográfico. A partir de 1960, o questionamento acerca do comprometimento do discurso histórico com as vanguardas e movimentos artísticos, assim como os limites dessa prática que operava a história a partir de seus fins, era recorrente. Apelava-se, então, às práticas vistas como científicas, apostava-se em procedimentos metodológicos emprestados da filosofia, da história, da sociologia, da economia, entre outras áreas do saber. Assim como no distanciamento do desenvolvimento cíclico dos estilos arquitetônicos e um entendimento dos processos de mudança do campo que foram tomando forma a partir da atenção às obras, processos conceptivos e experiências que fugiam ao cânone e à condição de produção da arquitetura apartada das relações materiais, sociais e econômicas disponíveis (PEREIRA; LIRA, 2010).

Este processo rumo à autonomização do campo da história da arquitetura, ou seja, de um trabalho voltado à história, com bases metodológicas bem-posicionadas — tema caro a Katinsky, Reis Filho e Lemos — sem a baliza definidora do projeto se mostra, a partir das falas do Seminário, em desenvolvimento naquele início da década de 1990. A bibliografia acerca da historiografia da arquitetura, no entanto, mostra que a autonomização alcança um estado de avançado desenvolvimento através da consolidação de espaços abertos à reflexão, com a inauguração de programas de pós-graduação voltados às discussões sobre a arquitetura, além de eventos acadêmicos da área, entre os anos 1980 e 1990 (CASTRO; SILVA, 2016; PEREIRA; LIRA, 2010; GUERRA, 2010). Este movimento de abertura de programas de pós-graduação é intimamente relacionado com a reforma universitária levada a cabo no ano de 1968 pelo regime militar, que mudou o caráter dos programas de pós-graduação, no Brasil. A reforma universitária fez da pós-graduação uma atividade semiautônoma ligada aos Departamentos recém-criados, que viriam a substituir o sistema de cátedras até então vigente (BALBACHEVSKY, 2005). A partir dos anos 1970, então, os programas de pós-graduação são ampliados com as políticas de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico. Balbachevsky nos mostra que:

[...] a pós-graduação brasileira cresceu a passos gigantescos. Em 1965, quando os primeiros estudos pós-graduados foram reconhecidos, o Conselho Nacional de Educação identificou ao todo 38 programas de pós-graduação: 27 mestrados e 11 doutorados. Dez anos depois, em 1975, o Brasil já contava com 429 programas de mestrado e 149 de doutorado. (BALBACHEVSKY, 2005, p. 281)

Não causa surpresa, portanto, que as décadas de 1980 e 1990, seguintes àquela do crescimento da pós-graduação comentado por Balbachevsky, funcione como marco para historiadores da historiografia da arquitetura acerca dos processos de autonomização do campo da história da arquitetura. A FAUUSP, por sua vez, desponta com o primeiro programa de doutorado em arquitetura e urbanismo do país, criado em 1980. Abílio Guerra cita o programa de pós-graduação da Faculdade como aquele que daria “novos parâmetros para a pesquisa em história, além de formar um expressivo contingente de professores para os cursos de mestrado que seriam fundados a seguir em outras universidades públicas brasileiras” (GUERRA, 2010, p. 12).

Faz-se necessário destacar que este percurso rumo à autonomia disciplinar contou com “empréstimos” travados com disciplinas da área de humanidades e com uma diversificação das fontes utilizadas na investigação histórica, superando, então, os processos de análise documental baseados unicamente em plantas, cortes e vistas arquitetônicas. A partir de 1970, segundo Pereira e Lira (2010), torna-se comum o questionamento acerca do comprometimento do fazer histórico com a prática profissional ligada ao fazer projetual. A autonomização do campo, portanto, tem no distanciamento com a prática e a aproximação entre arquitetura e outras disciplinas das humanidades, assim como suas referências teóricas fundamentais, uma chave de compreensão historiográfica. O tema do Seminário de 1994 e o convite aos historiadores Novais e Burke se insere nessa tendência. Castro e Silva (2016a), em apresentação ao “Dossiê Fazer história: o estatuto das fontes e o lugar dos acervos nas pesquisas de história da arquitetura e da cidade no Brasil”, chamam a atenção para o fato de que as

[...] referenciais teóricos de outras disciplinas, sobretudo os da História, mas ainda da Sociologia, Antropologia, Psicologia, Economia, entre outros, passaram a alimentar investigações que revisavam temas e agentes de narrativas consagradas e formulavam novos objetos de pesquisa, contribuindo para um aprofundamento historiográfico significativo. (CASTRO; SILVA, 2016a, p. 12)

Assim, é através do diálogo com as humanidades, com a ampliação da compreensão de fonte, com a crítica aos desenvolvimentos cíclicos dos estilos arquitetônicos (PEREIRA; LIRA, 2010), mas também com a mudança do entendimento do que seria a arquitetura enquanto área do saber, que perguntas e objetos de pesquisa ganham novos horizontes. É neste momento em que a ideia tafuriana de arquitetura como forma de trabalho intelectual

relativamente independente, mas que mantém laços com suas formas de produção, ganha espaço no contexto da FAUUSP. Para aqueles que não compartilhavam da compreensão de Tafuri<sup>13</sup>, havia uma outra leitura possível: o edifício em si como um artefato histórico passível de leituras que o implicava em relações sociais, econômicas, históricas, sociológicas, entre outras (CASTRO; SILVA, 2016b).

Novas formas de trabalho intelectual também podem ser observadas nesse momento. Nele, renovados ritmos de pesquisa e de possibilidades de especialização são atravessadas por reflexões advindas das humanidades e da crítica ao caráter prático dos estudos históricos e ambientados nos programas de pós-graduação que tinham na disciplina arquitetônica um objeto de interesse<sup>14</sup>. É neste circuito de operações intelectuais, profissionais e disciplinares que uma revisão historiográfica da arquitetura foi sendo realizada, assim como a ampliação do interesse por sujeitos, instituições, períodos e experiências até então pouco explorados na historiografia até então constituída, voltada principalmente aos modelos e cânones da disciplina.

O alargamento dos sentidos da disciplina arquitetônica, tanto como profissão, como objeto de pesquisa, amplia a dimensão coletiva e temporal do projeto arquitetônico e das práticas construtivas. O interesse por acervos de projetos, pela interferência de engenheiros nos projetos de arquitetura, pela existência de projetos complementares (estrutura, hidráulica e elétrica), pelas leis urbanas que delimitam a resposta criativa do projetista, pela expectativa dos clientes e pelas formas de apropriação e adaptação do uso de edifícios entram no hall de interesses de pesquisadores (SILVA, 2016, p. 53). As tipologias documentais empregadas no processo de pesquisa foram ampliadas para além daquelas mais comuns ao campo, como projetos de arquitetura, planos urbanos, fotografias de obras, exame de edifícios já construídos e depoimentos de arquitetos (CASTRO; SILVA, 2016, p. 12).

---

<sup>13</sup> Para Tafuri, a arquitetura deveria ser tomada como uma “forma particular de trabalho intelectual” (TAFURI, 2011, p. 20), na qual o trabalho concreto e o trabalho abstrato são dialeticamente arrançados. A partir desta definição, Tafuri compreende a história da arquitetura como a disciplina responsável pela apreensão de duas esferas: a primeira delas, a esfera “concreta” do fazer projetual, ou seja, aquela dedicada às escolhas linguísticas como parte de processos do trabalho intelectual e sua recepção; a segunda esfera, aquela dedicada às relações de produção, na qual a história da arquitetura procura as reações da produção à primeira esfera, a abstrata. A dialética proposta por Tafuri se contrapunha, portanto à historiografia de caráter operativo produzida por Bruno Zevi e Reyner Baham, por exemplo.

<sup>14</sup> O interesse pela arquitetura e pelo urbanismo não se restringe aos programas de pós-graduação da própria área, mas podem ser encontrados também em programas de pós-graduação em filosofia, sociologia, antropologia e história. Exemplos dessa tendência são os trabalhos de Silvana Rubino, Sophia Telles e Carlos Martins produzidos em programas de pós-graduação em antropologia, filosofia e história, respectivamente.

A presença dos referenciais teóricos das ciências humanas, mas também da ampliação da apropriação de arquivos diversos trazem aos estudos em história da arquitetura possibilidades de enfrentamento de problemas epistemológicos e metodológicos guiados por novos objetos de interesse. Faz-se necessário ressaltar que os arquivos também saltam aos olhos dos historiadores de maneira renovada a partir da década de 1960, a partir de uma desconfiança em relação aos grandes modelos explicativos no âmbito das ciências humanas que, de forma geral, exigiam novas estratégias por parte dos pesquisadores.

É, ainda, necessário pensar mais detidamente sobre o desenvolvimento de um campo voltado à história da arquitetura que gradualmente se afasta do fazer projetual como uma mudança da própria concepção do que seria a arquitetura como disciplina e, como consequência, do que seria, afinal, o papel da própria história da arquitetura. Diferenciações entre aspectos ligados ao construído (building) e à arquitetura (architecture) são encarados por Beatriz Colomina<sup>15</sup> da seguinte forma:

A arquitetura, diferentemente da construção, é um ato crítico e interpretativo. Tem uma condição linguística diferente da prática, da construção. Um edifício é interpretado quando seus mecanismos e princípios retóricos são revelados. Essa análise pode ser realizada de várias maneiras diferentes, de acordo com as formas dos diferentes tipos de discurso; entre elas estão teoria, crítica, história e manifesto. Um ato de interpretação também está presente nos diferentes modos de discurso representacional: desenho, modelagem e assim por diante. A interpretação é parte integrante do ato de projetar. (COLOMINA, 1988, p. 6).

Eduardo Costa em seu artigo “Mudanças epistemológicas na arquitetura: entre arquivos, exposições e publicações” esclarece as diferenças entre arquitetura e construção argumentando que “se por um lado a construção (building) permanece como dimensão prática inerente ao campo, a arquitetura (architecture) ganhou sentido enquanto manifestação retórica, articulada pelos modos de discurso.” (COSTA, 2021, p. 133).

As ponderações de Colomina e Costa colocam a esta pesquisa o desafio de compreensão sobre as mudanças historiográficas ocorridas na forma de concepção da história da arquitetura que tiveram a FAUUSP como local privilegiado de elaboração das bases

---

<sup>15</sup> É possível tomar a reflexão de Colomina nesta pesquisa voltada à mudança na forma de pensar arquitetura no Brasil, em especial na FAUUSP, porque o objeto de investigação de Colomina, ou seja, os modos de pensamento e produção da arquitetura nos Estados Unidos e Europa também passavam por mudanças epistemológicas. Como enfatiza Kate Nesbitt “durante esse período de reexame da disciplina (e da modernidade cultural), intensificou-se a influência de paradigmas externos à arquitetura, principalmente os provenientes da literatura, como a semiótica e o estruturalismo” (NESBITT, 2008, p. 11).

teóricas e metodológicas oriundas das humanidades. A universidade se coloca como ambiente crucial na conformação dessas mudanças nas operações intelectuais e disciplinares a partir do diálogo travado entre diferentes disciplinas a partir de sujeitos diversos, alunos e professores.

Apesar do conhecimento acerca das mudanças no campo, como a aproximação da história da arquitetura de disciplinas como filosofia, sociologia, história e antropologia, a abertura a uma variedade de fontes e um afastamento da prática projetual, Lira e Pereira afirmam que “permanece muito pouco explorado o cruzamento entre a produção historiográfica local e as referências teóricas fundamentais” (PEREIRA; LIRA, 2010, p.3) e que “o debate ainda se ressent de um exame mais atento dos procedimentos intelectuais e alinhamentos disciplinares na pesquisa especializada” (PEREIRA; LIRA, 2010, p. 2). Apesar desta falta apontada pelos pesquisadores, alguns exemplos de relações intelectuais<sup>16</sup> entre o campo da arquitetura e o das humanidades podem ser observados através da trajetória de destacados pesquisadores que navegaram entre os dois campos e influenciaram as formas com que as pesquisas em história da arquitetura são pensadas e escritas, seja através de seus próprios escritos ou através da orientação de gerações de pesquisadores que atrelariam em suas pesquisas a história da arquitetura aos parâmetros epistemológicos das humanidades. A seguir, trajetórias de pesquisadores e professores que podem lançar luz às mudanças historiográficas na pesquisa em história da arquitetura são apresentadas<sup>17</sup>.

Juarez Rubens Brandão Lopes, formado em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, interessa-se pelas relações entre desenvolvimento e urbanização, lecionando na Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP), na FAUUSP, e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da mesma universidade, além de compor o grupo de fundadores Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), em 1969, do qual foi diretor e presidente. Ainda, Lopes é autor de obras como *Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil* (1968), que tem como objetivo o estudo da industrialização e da urbanização no país, sem relacioná-los, mas sim tomando as esferas de

---

<sup>16</sup> O Apêndice A desta dissertação traz uma tabela com as teses e dissertações defendidas na FAUUSP, a partir de 1972, ano de criação do mestrado na Faculdade, sob responsabilidade do AUH.

<sup>17</sup> Nesta dissertação, a escolha por nomes ligados à FAUUSP é feita no sentido de satisfazer as questões relacionadas à pergunta e ao objeto próprios a esta pesquisa e, por esta razão, detêm-se nos nomes vinculados à faculdade. No entanto, se fossem apresentados nomes articulados à autonomização e profissionalização da história da arquitetura, no Brasil, seria necessária a inclusão de pesquisadores como: Margareth da Silva Pereira, Maria Stella Bresciani, Carlos Eduardo Dias Comas, Abílio Guerra, Renato Anelli, Paola Berenstein Jacques e Silvana Barbosa Rubino.

interesse como uma só mudança social, através de uma “compreensão interdisciplinar” (LOPES, 1980, p. XIII) no qual as interpretações a partir de levantamentos estatísticos saltam aos olhos. Neste mesmo trabalho, Brandão Lopes procura salientar as consequências sociais desse processo de industrialização e urbanização do país.

Nestor Goulart Reis Filho, por sua vez, é graduado em Arquitetura e Urbanismo (1955) pela Universidade de São Paulo e em Ciências Sociais (1962) pela mesma universidade. A partir do interesse pela relação entre sociedade colonial e urbanização brasileira, Reis Filho publica *Catálogo de iconografias de vilas e cidades do Brasil Colonial: 1500 – 1720*, em 1964, *Evolução Urbana no Brasil 1500 – 1720*, em 1968, e *Imagens de Vilas e Cidades no Brasil Colonial*, em 2000. Atento ao caráter científico da pesquisa acerca do processo de urbanização no Brasil colonial, Reis Filho, em 1964, em sua tese de livre-docência vinculada à cadeira de História da Arquitetura III, destacava que a formação urbana do país deve ser tomada como um objeto de interesse científico, na qual o sistema social da colônia determina, em parte, o processo de urbanização, sendo necessária pesquisa histórica acerca das políticas atreladas à colonização e seus impactos sobre a evolução urbana no território. Reis Filho iniciou sua atuação como professor e pesquisador na FAUUSP em 1956 e nela ministra disciplinas como Urbanização e Urbanismo no Brasil. Atuou fortemente na formação de quadros para cursos de Arquitetura e Urbanismo ao orientar dissertações e teses e, então, formar orientandos que viriam a originar uma nova geração de professores e pesquisadores da área da história da arquitetura e da cidade, como por exemplo: Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, Maria Ruth Amaral Sampaio, Paulo Julio Valentino Bruna e Benedito Lima de Toledo.

Maria Ruth Amaral Sampaio foi uma socióloga formada pela Universidade de São Paulo em 1956, que construiu sua carreira de professora e pesquisadora na FAUUSP ainda durante a escrita de sua dissertação e de sua tese *Metropolização, um estudo de habitação popular paulistana*, sob orientação de Nestor Goulart. Durante sua graduação e mestrado junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras<sup>18</sup> (FFCL), a socióloga é formada em um momento em que uma revisão crítica das interpretações sobre o Brasil, baseadas em metodologias

---

<sup>18</sup> A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) é fundada no ano de 1934, surgindo como uma das faculdades da Universidade de São Paulo (fundada no mesmo ano), responsável pelos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, História, Letras, Física, Matemática, Química, Estatística, Biociências, Geociências, Psicologia e Pedagogia. Com a reforma universitária (Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968) e a consequente elaboração do novo Estatuto da Universidade de São Paulo (Decreto nº 52.326, de 16 de dezembro de 1969), várias Faculdades e Institutos são formados a partir da dissolução da antiga FFCL, entre eles: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; o Instituto de Matemática e Estatística; o Instituto de Psicologia; a Faculdade de Educação, entre outras.

empíricas, estava em andamento. Assim, Maria Ruth convive com colegas e professores como Roger Bastide, Florestan Fernandes, Virginia Bicudo, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Juarez Brandão Lopes, Ruth Cardoso, Eunice Ribeiro Durham e Maria Sylvia de Carvalho Franco. Interessada pelos “fatos arquitetônicos e sociais da moradia” (LIRA, 2022), Sampaio foi também responsável pela formação de quadros para a FAUUSP, entre eles: Ana Claudia Castilho Barone e José Tavares Correia de Lira. Em sua tese *Metropolização: estudo da habitação popular paulistana*, o objetivo da autora era: “cooperar com os poderes públicos no encaminhamento de soluções válidas para o setor habitacional” (SAMPAIO, 1972, n.p). O estudo acerca da habitação popular ocorre em um momento de metropolização da região da capital paulista<sup>19</sup> e inova ao tomar como objeto a habitação de parcelas da população de baixa renda, em que o projeto arquitetônico era inexistente, junto ao Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto. O estudo, além de observar as condições habitacionais de setores que migraram para metrópole paulista, ainda atenta para as condições de trabalho desta mesma parcela, questionando as atividades produtivas dessa parte da população que, por estarem fora do sistema formal de trabalho, tem dificuldade de acesso aos programas habitacionais oferecidos pelo Estado. Assim, trabalho, migração e habitação são tomados como problemas conexos, em que planejamento, arquitetura, Estado e políticas públicas dialogam diretamente. Sampaio, em sua pesquisa, ainda aplica questionários a moradores da periferia de São Paulo com a finalidade de levantar dados relacionados ao trabalho, à instalação no bairro, aos modos de vida, à renda etc. É, portanto, visível a formação empírica que a professora obteve em sua formação junto à FFCL sendo aplicada nos estudos que ela dirige na FAUUSP.

Otília Beatriz Fiori Arantes é filósofa. Formada pela Universidade do Rio Grande do Sul, com mestrado pela Universidade de São Paulo sob orientação de Gilda de Mello e Souza, e doutorado pela Universidade de Paris. Fiori Arantes dedica sua pesquisa de livre-docência à relação entre arquitetura e filosofia com o trabalho intitulado *Arquitetura simulada e outros ensaios*, de 1992. Dando continuidade à sua carreira a partir do interesse pela arquitetura e pela cidade e lançando livros como *Urbanismo em fim de linha e outros ensaios sobre o colapso da modernização arquitetônica*, de 1998, e *Chai-na*, de 2011. Suas reflexões sobre a arte e cultura, aí inclusa a arquitetura, tem na compreensão da cultura contemporânea midiática e financeira a sua base. Para tal exame, Otília Fiori Arantes toma objetos não usuais

---

<sup>19</sup> A instituição da Região Metropolitana de São Paulo se dá a partir da promulgação da Lei Complementar nº 14, de 8 de junho de 1973.

na pesquisa arquitetônica para a observação: exposições, disputas políticas em torno de mudanças urbanas e arquiteturas “espetacularizadas” dos novos museus como protagonistas e sintomas da sociedade midiática. Como professora, atua em duas faculdades da Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Como orientadora, Otília Arantes também forma quadros para a FAUUSP, como Luis Recaman Barros e Maria Cecília Loschiavo dos Santos.

Carlos Alberto Ferreira Martins é arquiteto formado pela Universidade de São Paulo (1974). Em 1981, em uma atitude pouco comum entre os arquitetos naquele início de década, ingressa no mestrado em História Social da mesma universidade em que se forma. Em 1987, então, Martins defende sua dissertação *Arquitetura e Estado no Brasil. Elementos para uma análise da constituição do discurso moderno no Brasil. A obra de Lucio Costa. 1924 – 52* sob orientação de Arnaldo Daraya Contier. Durante a elaboração de sua dissertação, o pesquisador leciona na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP) e na Universidade de São Paulo nos cursos de arquitetura de ambas as universidades. A dissertação, obra fundamental no processo de mudanças historiográficas na forma de concepção da história da arquitetura, influencia pesquisadores da área durante anos. Nela, Martins, a partir de balizas históricas, articula intelectualidade e Estado para o entendimento de um discurso moderno acerca da arquitetura brasileira a partir da trajetória de Lucio Costa. Martins, como é possível verificar a partir dos autores mobilizados em sua dissertação, faz uso das teorias e dos trabalhos produzidos pelas ciências humanas. São autores mobilizados pelo pesquisador: Antonio Candido, Edgar Carone, Fernando Henrique Cardoso, Edgar de Decca, Boris Fausto e Nicolau Sevcenko. Carlos Martins segue sua carreira acadêmica ao realizar pesquisa de doutorado na Universidade Politécnica de Madri sobre a obra de Le Corbusier, intitulada *Razón, Ciudad y Naturaleza. La génesis de los conceptos en Le Corbusier*.

Por fim, Ana Lucia Duarte Lanna é cientista social formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (1980). Lanna conclui seu mestrado no ano de 1985 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) sob orientação de Fernando Novais com a dissertação *A transformação do trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata mineira, 1870 - 1920*. Sua tese, elaborada também sob orientação de Novais, porém junto ao programa de pós-graduação em História da FFLCH-USP, é intitulada *Uma cidade na transição: Santos, 1870 – 1913*. Em sua trajetória na pós-graduação, Lanna mantém o interesse pela História Social e pela História do Trabalho, mas é durante seu doutorado que a História Urbana ganha protagonismo. No cruzamento entre História Urbana e História Social, Lanna reflete sobre a

passagem do trabalho escravo para o trabalho livre e vida urbana em Santos, analisando a ascensão das formas de vida burguesa e as transformações que as posturas próprias desse modo de vida exigiam do espaço da cidade, assim como as formas de vida dos trabalhadores e suas apropriações da cidade para trabalho, moradia e lazer. Essas novas relações sociais e urbanas deixavam as configurações coloniais da região para trás e afirmavam o capitalismo como a nova ordem a moldar as configurações sociais, urbanas e econômicas. Desde 1994, Lanna leciona na FAUUSP. Sua atividade como orientadora também é prolífica, formando inclusive futuros professores da mesma faculdade em que atua. São nomes formados por Ana Lanna: Joana Mello de Carvalho e Silva, Ana Claudia Veiga de Castro e Renato Cymbalista. Todos eles atuam, hoje, junto ao AUH.

A publicação de artigos, livros, dissertações e teses, além das relações pessoais e institucionais verificáveis através da trajetória dos pesquisadores listados acima dá a dimensão cotidiana das transformações das formas de escrita da história da arquitetura, que se relacionam de forma direta — ou mediada por textos e eventos acadêmicos — com a FAUUSP. Parte do intrincado processo de formação social de uma elite intelectual — forjada em um regime ditatorial que favoreceu a expansão do ensino superior (MICELI, 1995) — voltada ao estudo da história da arquitetura se deixa observar através das relações de orientação, com os sujeitos e com as práticas intelectuais vigentes nas instituições pelas quais passam. É possível perceber ainda que vários dos pesquisadores interessados em história da cidade, história social ou história cultural, em algum momento, orientam alunos interessados em história da arquitetura, complexificando, então, as tramas disciplinares, que começam a se relacionar a partir de então e traçar novos rumos às formas de concepção da história da arquitetura.

Chama a atenção, ainda, que esses pesquisadores, em algum momento de suas trajetórias, passem pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) ou, mais tarde, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH). O trânsito de pesquisadores entre a FFCL, posteriormente FFLCH, e a FAUUSP é marcante. Apesar do arco temporal dessas trocas ser extenso — com pesquisadores como Juarez Brandão Lopes<sup>20</sup> sendo contratados como professores da FAUUSP no ano de 1954 (LIRA, 2022) ou, posteriormente, com a presença de Lourival Gomes Machado, professor de ciência política da

---

<sup>20</sup> Faz-se necessário ressaltar que Juarez Brandão Lopes e Fernando Novais, orientador de Ana Lanna, participaram juntos do “Grupo do Capital”, também conhecido como “Seminário Marx”, iniciado pelos professores assistentes José Arthur Giannotti, da filosofia, Fernando Henrique Cardoso, da sociologia e Fernando Novais, da história, no final dos anos 1950.

FFCL, que lecionara história da arte na FAUUSP, e tomava posse da diretoria da Faculdade em 1961<sup>21</sup>; ou, ainda, com Carlos Martins concluindo a graduação na FAUUSP e ingressando no programa de pós-graduação em História da FFLCH-USP em 1981 ou, nos anos 1990, quando Ana Lanna, ao finalizar seu mestrado na FFLCH, é contratada pela FAUUSP.

Reis Filho relata em entrevista concedida à *Revista FAPESP* em 2014 que quando chega ao final do curso de Arquitetura e Urbanismo percebe que os arquitetos careciam de base teórica em seus estudos históricos. O professor resolve, então, estudar ciências sociais e neste curso tem a oportunidade de assistir aulas com Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Egon Schaden. Ele admite que procurou pela dupla formação porque “queria aperfeiçoar (...) [o] trabalho de pesquisa em história da arquitetura e do urbanismo.” (REIS FILHO, 2014). Ainda em sua narração, Nestor Goulart chama a atenção para uma aula da disciplina de Antropologia Cultural ministrada por Gioconda Mussolini em que eram debatidas teorias científicas da cultura. Naquele momento, ele ressalta: “Quando vi a sistemática da teoria da Antropologia, percebi que precisava de algo assim, uma sistematização e uma abordagem.” (REIS FILHO, 2014). Ainda, narra ter trazido três ou quatro estudantes do curso de Ciências Sociais para trabalhar com pesquisa na FAUUSP e ajudar na organização dos textos dos seminários entre o fim dos anos 1950 e início dos anos 1960. Fechando uma das perguntas feitas pelo entrevistador, Reis Filho diz que: “Esse pessoal de ciências sociais trouxe uma contribuição muito importante à FAU.” (REIS FILHO, 2014)

Nos anos 1960 era intensa a discussão acerca do desenvolvimento brasileiro no curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia (PULICI, 2007). Além do interesse por este objeto de pesquisa, observava-se, em São Paulo, uma condição espacial específica: o processo de metropolização da capital. Nestor Goulart, na mesma entrevista acima citada, lembra-se de que naquele momento ele via “(...) a cidade se mexendo da (...) janela” e que era necessário “explicar isso, o trabalho teórico, mais que o histórico — que é o suporte teórico —, é para

---

<sup>21</sup> A candidatura de Lourival Gomes Machado foi articulada dentro da própria FAUUSP. Havia naquele momento uma preocupação acerca do futuro da Faculdade e do caráter da sua diretoria porque, até aquele momento, apenas engenheiros civis haviam ocupado o cargo. Nestor Goulart Reis Filho destaca: “Discutimos qual seria o futuro da FAU, porque estávamos sempre sendo dirigidos por engenheiros civis. Desejávamos autonomia e um diretor da própria escola. Como fazer isso? Estudamos o estatuto e descobrimos que o catedrático que vinha nos dirigir não precisava ser da Escola Politécnica. Fomos conversar com Lourival Gomes Machado, nosso ex-professor, catedrático de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, onde eu já estava estudando. Contei os problemas, falei que não havia departamentos, nem recrutamento de jovens, pesquisa, publicações etc. E ele aceitou ser candidato (...). (REIS FILHO, 2014). O esforço dos professores pela indicação de um diretor que não pertencesse à Escola Politécnica — instituição a partir da qual a FAUUSP foi criada, em 1948, a partir do curso de engenheiro-arquiteto — indica um distanciamento em relação à Politécnica e uma aproximação em direção à FFCL em suas práticas intelectuais e científicas.

explicar o que está se passando e ajudar a pensar o presente.” (REIS FILHO, 2014). Assim, a associação entre fenômenos urbanos e arquitetônicos contemporâneos justapostos às bases teóricas e às temáticas desenvolvidas junto à Faculdade de Filosofia parecem cristalizar tendências de pesquisa e ensino no trabalho do professor. No momento em que a FAUUSP é fundada, 1948, e quando as primeiras gerações de alunos são formadas na FFCL, também na década de 1940 e início dos anos 1950, a cidade adquiria dinâmica própria, conformando-se como metrópole e assumindo o lugar de capital econômica do país. Na Faculdade de Filosofia, a rápida transformação da cidade de São Paulo engendra pesquisadores voltados à reflexão sobre processos de mudanças sociais, atentos à cultura urbana (ARRUDA, 1995), vendo nesse espaço as mudanças sociais passíveis de análise científica. Além disso, a Faculdade também era vista como (...) um cosmo [que] irradiava-se, projetando imagens para a própria cidade e externamente a ela.” (ARRUDA, 1995, p. 138)

O trânsito entre FAUUSP e FFCL parece trazer, inicialmente, uma via de acesso a concepções teóricas que embasariam o trabalho dos arquitetos dedicados à história da arquitetura. Ainda, é possível pensar acerca de trocas mais sutis entre os dois espaços: a gradual perda de centralidade da prática projetual que ocorre especialmente com a implantação da pós-graduação na FAUUSP parece erigir, ainda, uma nova modalidade cultural, na qual a universidade se tornaria para professores e alunos um centro afetivo e profissional, e a “instância decisiva de reconhecimento do mérito científico e intelectual” (ARRUDA, 1995, p. 116), então já corrente na FFCL. Essa modalidade cultural parece consolidar, dentro da Faculdade, uma reflexão constante acerca do fazer científico e do estar na universidade, realizada no seio da carreira acadêmica — e não em escritórios de projeto de arquitetura —, pautada por exigências epistemológicas lá construídas e transmitidas através de relações de ensino e orientação.

As relações institucionais evidentes nas trajetórias dos pesquisadores anteriormente traçadas mostram a construção de um eixo próprio da cultura acadêmica voltada à história da arquitetura. Neste momento, a definição de prioridades de pesquisa e suas formas de expressão começam a ser desenhadas a partir de modelos teóricos e culturais de vivência da vida profissional dentro da Universidade — disponível no modelo da Faculdade de Filosofia. A moldagem de espaços de atuação junto ao ensino, à pesquisa, à consultoria em departamentos públicos, como aqueles dedicados ao patrimônio e à cidade, dá as bases à construção dos espaços de atuação e legitimação dos professores e pesquisadores universitários dedicados à

história da arquitetura, tal como Nestor Goulart Reis Filho, Carlos Lemos Julio Katinsky, seus colegas e orientandos.

Nos anos 1950, a produção de sociólogos a partir da Universidade de São Paulo, principalmente aquela reunida sob a chamada “escola paulista de sociologia” é tida como fundamental na profissionalização do fazer científico a partir das humanidades. No momento em que Nestor Goulart é aluno da FFCL, a produção de sociólogos da Faculdade atinge “complexidade incomum para os padrões até então vigentes, expressa em temas, teorias e técnicas de pesquisa” (ARRUDA, 1995, p. 120). Neste momento, grandes análises sobre o processo histórico brasileiro, a partir de uma visão de conjunto, é substituída por objetos de pesquisa mais circunscritos. Esta mudança não significaria o abandono do olhar sobre a sociedade brasileira, mas sim a escala empregada a este olhar. Substituindo as perguntas dos chamados “intérpretes do Brasil”<sup>22</sup>, ou seja, aquelas indagações acerca das origens da sociedade brasileira. Os sociólogos da escola paulista, por sua vez, procuravam respostas aos fenômenos contemporâneos observáveis no Brasil — e na cidade de São Paulo.

A atenção à pesquisa e à ciência por professores como Florestan Fernandes — que foi professor de parte dos pesquisadores aqui listados ou professor dos professores dos pesquisadores aqui listados — era fundamental. Em entrevista dada à revista *Língua e Literatura*<sup>23</sup>, em função das comemorações do aniversário de cinquenta anos da FFLCH, Florestan afirma que o problema enfrentado por ele em sala de aula entre os anos 1950 e 1960<sup>24</sup> era o de “criar uma ciência positiva, objetiva, crítica, capaz de explicar a sociedade brasileira, ou de acumular conhecimento original, de áreas autônomas de desenvolvimento intelectual (...)” (FERNANDES, 2020, p. 67). Nesse momento de consolidação da sociologia como ciência na USP, a “(...) investigação sociológica especializada com desenvolvimento de pesquisas originais sobre assuntos considerados relevantes para o país, em sintonia com os influxos de desenvolvimento econômico e transformação social (...)” (LIRA, 2022) ganha corpo. A linguagem científica era de fundamental importância para Fernandes. A mudança

<sup>22</sup> Em prefácio à 5ª Edição de *Raízes do Brasil*, de 1969, Antonio Candido realça as interpretações de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. como definidoras daquela interpretação do Brasil elaborada na década de 1930.

<sup>23</sup> A revista *Língua e Literatura*, por iniciativa de Walnice Nogueira Galvão, publica, entre 1981 e 1984, nos volumes 10, 11, 12 e 13, entrevistas com alunos das primeiras turmas formadas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Os entrevistados são: Paul Arbousse-Batide, Mário Schenberg, Candido Silva Dias, Florestan Fernandes, Antonio Candido de Mello e Souza, Ruy Coelho, Gilda de Mello e Souza, Fernando Henrique Cardoso e Michel Butor. No ano de 2020, a Editora da Universidade de São Paulo (Edusp) lança as entrevistas em formato de livro com “Nota sobre a edição” de Galvão e sob o título: *Sobre os primórdios da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP*.

<sup>24</sup> Florestan Fernandes foi aposentado compulsoriamente pela ditadura militar em 1969.

acerca da exposição das ideias, alicerçada sobre o domínio da teoria, dava ao intelectual a possibilidade do controle racional do seu texto, que deveria levar à verificação dos dados apresentados.

É também nos anos 1950 que o grupo regido por Fernandes a partir da cadeira de Sociologia I reivindicava a instauração de uma prática sociológica comprometida com as transformações sociais em curso no país. Para tanto, a pesquisa empírica associada a assuntos que fossem relevantes do ponto de vista da sociedade brasileira, o trabalho em equipe e a especialização da investigação sociológica deveriam ser empregadas (PULICI, 2007, p. 105). Esta postura toma corpo ao se observarem os trabalhos dedicados ao desenvolvimento do capitalismo no Brasil, como aquele de Juarez Brandão Lopes. Ainda, é clara a influência do grupo de Fernandes sobre a pesquisa empírica de Amaral Sampaio, voltada ao problema da expansão urbana da São Paulo metropolitana e suas condições de trabalho e moradia.

A história, ao contrário das ciências sociais, já contava com trabalhos especializados escritos por historiadores brasileiros antes da estruturação universitária da disciplina. Essa condição levou a cadeira de História da Civilização Brasileira da FFCL<sup>25</sup> a uma situação singular, se comparada às cadeiras de História da Civilização, de Sociologia e de Geografia, pois foi ocupada exclusivamente por professores brasileiros. Primeiramente o cargo foi apossado pelo professor brasileiro Afonso D'Escagnolle Taunay que atuou entre 1935 e 1938, quando optou por trabalhar como diretor do Museu Paulista, sendo substituído por Alfredo Ellis Júnior que, por sua vez, foi substituído por Sérgio Buarque de Holanda em 1956. O avanço dos estudos históricos na Faculdade de Filosofia obedeceu a lógicas diferentes daquelas da sociologia, na qual a própria criação de uma profissão e seus objetos de interesse estavam em disputa. No que diz respeito à história, já existiam aqui profissionais reconhecidos, como Capistrano de Abreu. Fernando Novais destaca que o perfil desses profissionais, no entanto, era tradicional, ou seja, eles mantinham suas pesquisas à margem das mudanças historiográficas em andamento, principalmente na França. É, portanto, através da cadeira de História Geral da Civilização, e não através da cadeira de História da Civilização Brasileira, que a “modernização da historiografia” se dá (NOVAIS, 1994, p. 165).

---

<sup>25</sup> As cadeiras voltadas à História na FFCL eram: História da Civilização, História da Civilização Americana, História da Civilização Brasileira, Etnologia Brasileira e Noções de tupi-guarani (ROIZ, 2007, p. 3). Faz-se necessário enfatizar que até o ano de 1955, os cursos de História e Geografia eram integrados. Dessa forma, os alunos tinham aulas com os catedráticos da História e da Geografia.

Arnaldo Daraya Contier e Fernando Novais, orientadores de Carlos Martins e Ana Lanna, respectivamente, foram orientados por Eduardo d'Oliveira França. França, que se formou em História em 1937 e pertence, conforme cronologia estabelecida por Capelato, Glezer e Ferlini, à primeira geração de alunos orientados pelos professores estrangeiros vindos à São Paulo para lecionar nos cursos de História e Geografia da FFCL<sup>26</sup>. Em depoimento, França destaca os compromissos exigidos pelo curso e os professores que mais o impressionaram quando cursou a graduação em História: “Na faculdade havia bom relacionamento dos alunos com os mestres, o que reclamava de nós um acompanhamento da vida cultural e a leitura de livros citados na bibliografia do curso. O ambiente convidava à reflexão, aos trabalhos do espírito. O professor Braudel não foi o único que me impressionou, pois o mesmo sucedeu com o professor Pierre Monbeig no campo da Geografia” (FRANÇA, 1994, p. 152).

No ano de 1946, ele defende sua tese intitulada *Realeza em Portugal na Idade Média e as origens do absolutismo* e orientada por Eurípedes Simões, sucessor de Braudel na cadeira de História da Civilização. A tese de França é marcada pelas lições oferecidas pelos professores franceses. Este aspecto fica claro quando analisadas as temáticas tratadas na tese, como o feudalismo e a monarquia nacional baseada no mundo ibérico<sup>27</sup>. Formado pela tradição francesa da grande tese de doutorado orientada por catedráticos, França foi aluno e discípulo de Fernand Braudel, então jovem professor estrangeiro, responsável por apresentar aos alunos a existência dos debates levados a cabo pelos Annales (FRANÇA, 1994, p. 153).

O perfil das grandes teses influenciadas pelos modelos franceses marcou os trabalhos apresentados até o ano de 1971, quando é instituído o programa de pós-graduação em História da FFLCH, com a presença de dois cursos: História Social e História Econômica. Nesse momento, novos parâmetros de produção científica começaram a influenciar a escrita de dissertações e teses do programa, que gradualmente substituíram o modelo francês. No plano intelectual, no entanto, permaneceram as preocupações dos professores estrangeiros na

---

<sup>26</sup> Fernanda Peixoto Massi (hoje, Fernanda Arêas Peixoto), em sua dissertação *Estrangeiros no Brasil: a Missão Francesa na Universidade de São Paulo*, esclarece que nos anos 1930 uma Missão Francesa, na forma de uma missão universitária, foi escolhida para iniciar as atividades docentes na USP para os setores de humanidades e literatura (MASSI, 1991, p. 12). Em um primeiro momento, a partir de 1934, foram trazidos professores já destacados na França que ficaram no Brasil por curtos períodos, entre seis meses e um ano; depois, já em 1935, vieram os jovens professores, que geralmente exerciam a docência em liceus franceses. É nesta segunda fase que nomes que mais tarde se destacariam no cenário intelectual vieram. São eles: Fernand Braudel, Claude Lévi-Strauss, Pierre Monbeig e Jean Maugué.

<sup>27</sup> O interesse pelo mundo ibérico e a colonização brasileira também pode ser verificada em outras teses defendidas na década de 1940, como a de Alice Canabrava e a de Astrogildo Rodrigues de Mello.

produção dos pós-graduandos da Faculdade: a orientação metodológica e a análise documental, como realçado por Capelato, Glezer e Ferlini quando descreveram as características das teses defendidas no programa<sup>28</sup>.

Fernando Novais e Arnaldo Daraya Contier defendem suas teses no ano de 1973. Durante os vinte anos anteriores, as teses de historiadores defendidas na Faculdade de Filosofia começaram a incorporar, para além das preocupações dos franceses com a metodologia e as fontes, a análise marxista e o tratamento serial e quantitativo nos estudos voltadas à História Social, História Econômica e à História das Ideias (CAPELATO; GLEZER; FERLINI, 1994). Eduardo de Oliveira França orienta pesquisas voltadas à História do Brasil Colonial e Imperial, como as teses de Novais e Contier, e à História Ibérica.

Na pós-graduação, as leituras recomendadas pelos professores foram mudando ao longo do tempo. Na década de 1970, liam-se aqueles autores que influenciaram os estudantes entre 1950 até aquele momento, como Johan Huizinga, Lucien Febvre, Marc Bloch, Eli Heckscher, Maurice Dobb e Paul Sweezy, além dos representantes dos estruturalistas e da linguística, como Louis Althusser, Nicos Poulantzas, Ferdinand de Saussure, entre outros. Entre os anos 1980 e 1990, quando Carlos Martins e Ana Lanna são alunos do programa de pós-graduação em História da FFLCH, as leituras de Febvre, Bloch, Huizinga, somam-se às leituras advindas dos estruturalistas, da História Social inglesa, da Escola de Frankfurt e da Nova História, com representantes das primeira e segunda gerações (CAPELATO; GLEZER; FERLINI, 1994, p. 355).

A tese de Ana Lanna parece testemunhar os caminhos percorridos pelos historiadores da FFLCH: Lanna ao abordar uma temática cara aos historiadores da geração das duas décadas anteriores à instalação da pós-graduação, ou seja, o desenvolvimento do capitalismo no Brasil, cercou-se de escritos de professores da FAUUSP — Carlos Lemos, Nestor Goulart, Rolnik e Murillo Marx — associando-os aos dos professores e alunos da FFLCH — Paula Bieguelman, Braudel, Canabrava, Cardoso, Laura de Mello e Souza, Bresciani, Viotti da Costa, Kowarick, Monbeig, Lara — e da Nouvelle Histoire — Philippe Ariès e Perrot — além de autores interessados na História do Trabalho e na História Urbana, como Chalhoub, Sevcenko, Rago

---

<sup>28</sup> Para as pesquisadoras, os estudos produzidos junto ao programa de pós-graduação em História entre 1971, ano de sua fundação, e 1993, ano do último panorama de dados, indicava a existência de bases comuns: “base erudita; rigor metodológico; a procura de coerência no trabalho; tradição de interdisciplinaridade; o cuidado de buscar o relacionamento constante entre a pesquisa empírica e a reflexão teórica, fugindo dos esquemas e modelos pré-estabelecidos” (CAPELATO; GLEZER; FERLINI, 1994, p. 350).

e Thompson. A dissertação defendida por Martins, por sua vez, apresenta uma bibliografia composta principalmente por autores da história da arquitetura e da sociologia, evidenciando, então, a influência da postura teórica dos professores de sua graduação na FAUUSP.

O curso Filosofia na FFCL, por sua vez, ganhou notoriedade pelo exercício da leitura atenta de obras com o objetivo de fazer com que os estudantes assimilassem suas ideias filosóficas e a sua compreensão técnica (SILVA, 1994, p. 305). É também proveniente deste curso uma certa aura mítica da Faculdade da rua Maria Antônia dada pelas relações estabelecidas entre os estudantes, os professores e a própria cidade de São Paulo. Gilda de Mello e Souza, orientadora de Otilia Fiori Arantes, foi estudante do curso de Filosofia da FFCL, formou-se em 1940, e declara que “(...) o mundo que então nos foi revelado não se insinuou apenas através das aulas e dos livros, mas de uma infinidade de pequenas brechas: os intervalos dos cursos, a troca de opiniões, a confissão mútua de projetos e dúvidas (...)” (MELLO E SOUZA, 2020, p. 113). No momento em que ela era estudante da Faculdade de Filosofia, a cidade de São Paulo, seus teatros, cinemas e cafés, aparecia como um espaço formativo, tanto quanto a sala de aula. Gilda de Mello e Souza, destaca em entrevista que:

(...) paradoxalmente, o início da [2ª] guerra foi, em São Paulo, um período de grande efervescência cultural. Com o bloqueio do Atlântico, as companhias de teatro e balé que haviam saído da Europa para as tournées costumeiras pela América do Sul ficaram presas do lado de cá do mundo e viram-se obrigadas a circular, indefinidamente, pelas grandes capitais, Rio de Janeiro, São Paulo, Montevideú, Buenos Aires. (MELLO E SOUZA, 2020, p. 116)

O caminho aberto por Mello e Souza para o estudo da estética na Faculdade de Filosofia é observado por Franklin Leopoldo da Silva, Otilia Fiori Arantes e Bento Prado Júnior, e sua predileção pelo ensaio — cercada de especialistas que recusavam esta forma de escrita — foi destacada por Paulo Eduardo Arantes (1994), em seu livro *Um departamento francês de ultramar*, que procurava traçar linhas evolutivas da história do curso de Filosofia uspiano. Gilda de Mello e Souza, ainda segundo Arantes, era uma espécie de exilada em seu próprio departamento quando exercia o magistério na mesma Faculdade em que se formara. A afirmação de que Otilia Fiori Arantes em seus ensaios toma os ensinamentos de sua orientadora é possível. Vê-se, quando debate arquitetura, que Fiori Arantes acerca a experiência da recepção da obra pelo espectador, ao mesmo tempo em que discute as formas de produção indispensáveis àquelas obras. Para a autora, as formas urbanas e arquitetônicas

formuladas pelo capitalismo são essenciais à compreensão da desigual sociedade contemporânea.

Afeita à procura dos “códigos” — vestígios quase despercebidos deixados por artistas em suas obras — Mello e Souza “desconcertava os seus pares, intrigados com tanta despreensão teórica” (ARANTES, 2006, p. 312) e, através de suas aulas, os alunos eram expostos “à influência de outro modelo de reflexão” (PRADO JÚNIOR, 1996, p. 15) em que a arte era percebida a partir do imediato fenomenológico, mas também em suas condições históricas e sociais, que combinadas traziam à reflexão de Mello e Souza “(...) não apenas uma estética da percepção (que sempre foi privilegiada), mas, também, uma estética da produção” (PRADO JÚNIOR, 1996, p. 15).

É clara, então, a construção de um lugar de produção de história da arquitetura na FAUUSP a partir de suas construções e ligações políticas, culturais, intelectuais e sociais acima descritas. Um saber indissociável da criação de uma prática social dentro da universidade estava em construção; ele se mostrava diferente daquele existente na Escola Politécnica, da qual a FAUUSP ainda procurava se desgarrar, mas também diferente daquele construído na FFCL, lugar de compreensão acerca da teoria pelos arquitetos e dos modos de exercer a intelectualidade dentro do ambiente universitário, mas que não completaria as necessidades dos historiadores da FAUUSP pela especificidade dos objetos de pesquisa da história da arquitetura, em que a arquitetura enquanto construção e disciplina ocupavam a centralidade das discussões<sup>29</sup>.

As práticas culturais compreendidas a partir do intercâmbio com as humanidades aplicadas à pesquisa e ao convívio universitário colaboravam com a formação de um espaço autônomo e particularizado de discussões acerca da história da arquitetura na Faculdade. Michel de Certeau em *A escrita da história* discute sobre a constituição do campo disciplinar da história enfatizando a associação entre as instituições do saber e a sua produção. Faz-se fundamental observar o cotidiano da FAUUSP para a apreensão das mudanças historiográficas ocorridas na forma de concepção da história da arquitetura, dos temas de interesse, das formas aceitáveis de manejar a teoria, das formas de trabalho empírico, seja em

---

<sup>29</sup> Parece necessário destacar que o objeto de interesse do historiador da arquitetura, por vezes, também possui uma temporalidade particular: o artefato arquitetônico, pela sua própria natureza material que enfrenta a passagem do tempo, coloca, como se pôde compreender através das falas do Seminário O Estudo da História na Formação do Arquiteto e das afirmações de Reis Filho acerca do crescimento da cidade de São Paulo, uma relação distinta com presente e com a agência da matéria construída também no presente.

campo ou em arquivos, e na representação do que viria a ser um intelectual dedicado à história da arquitetura a partir do diálogo com as humanidades.

Aqui, ao serem analisadas produções historiográficas da FAUUSP que colaboraram para as mudanças nas formas de escrita da história, procura-se localizar as produções e seus produtores. Como coloca Certeau, “o gesto que liga as “ideias” aos lugares é, precisamente, um gesto de historiador” (CERTEAU, 1982, p. 65). Ainda, segundo Certeau:

É (...) impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente; ou sonha com uma renovação na disciplina, assegurada pela única e exclusiva modificação de seus conceitos, sem que se intervenha uma transformação das situações assentadas.” (CERTEAU, 1982, p. 71)

A compreensão do lugar evoca a particularidade de fala do historiador e do domínio em que realiza as suas pesquisas. O trabalho histórico, então, se aplica a mostrar as relações existentes entre os produtos e os lugares de produção. Aqui, os produtos e os lugares de produção são compreendidos através de um posto privilegiado para observação: a biblioteca da FAUUSP em seu funcionamento cotidiano. Ela, como uma espécie de arquivo dos interesses intelectuais em foco em determinado momento dá ao pesquisador a oportunidade de compreender relações intelectuais, os temas e perguntas de pesquisa evidenciadas nas opções pela composição do acervo bibliográfico. Na biblioteca, as bases bibliográficas de um procedimento de análise científica, anterior à construção do texto do historiador, podem ser historicizadas e tomadas em seus percursos entre o mercado livreiro e o leitor (que também é intelectual, pesquisador, professor, e, então, autor, dando, a partir de seu próprio texto mais alguns passos adiante para aquele livro presente na biblioteca). A relação entre FAUUSP e FFCL exercida por sujeitos, mas também por publicações que são incorporadas à biblioteca da faculdade dão pistas acerca dos processos de apropriação de textos e conceitos advindos de outras áreas do saber nas práticas de pesquisa no dia a dia da instituição.

Os hábitos de pensamento em vigência na FAUUSP se tornam inteligíveis a partir da leitura da reunião, em camadas temporais, de livros, testemunhos de interesses de pesquisa e ensino específicos, junto à biblioteca da FAUUSP. Thomas Kuhn, em *A estrutura das revoluções científicas* chama a atenção para o fato de uma comunidade científica ser formada por praticantes de uma especialidade científica. Para o autor, estes praticantes foram submetidos a uma iniciação profissional e educação similares, absorvendo uma literatura

técnica e dela retirando muitas das mesmas lições. Ainda, esta comunidade científica deveria possuir objetos próprios e formas próprias de análise (KUHN, 2009, p. 43). A biblioteca, enquanto arquivo de interesses de pesquisa emerge em coluna de Eduardo Corona, então professor de Teoria da Arquitetura da FAUUSP, para a *Revista Acrópole* do mês de maio de 1967, e dá a ver a potencialidade de leitura deste lugar como peça fundamental ao funcionamento da pesquisa: “Sabemos que uma pesquisa quase sistemática, até mesmo teimosa, vem sendo feita por algumas cadeiras de arquitetura. Prova isso o acervo, já considerável, que a Biblioteca possui, seja de diapositivos (alguns milhares), monografias desenvolvidas pelos alunos, seja no levantamento da obra de alguns arquitetos e assim por diante. (CORONA, 1967, p. 18).

As bibliotecas universitárias — como a da FAUUSP — conformam um específico corpus textual e imagético reunido em um espaço. Ela é um repositório, um acervo de conhecimentos sobre determinada área, constituído por doações e aquisições que dialogam com as pesquisas, problemáticas de ensino e discussões em curso no momento da aquisição de cada um dos títulos, dentro e fora da faculdade que a abriga. É necessário compreender que cada título que passa a integrar uma coleção bibliográfica acaba por tensionar e interferir na leitura que se faz dos demais exemplares. Os movimentos de inserção — ou de extravio de volumes — afeta a interpretação e dimensionamento do todo. Esta característica se faz ainda mais presente quando se fala sobre as bibliotecas especializadas. Afinal, é sobre ela que circuitos intelectuais e de formação incidem com especial força. Roger Chartier, ao debater o papel das bibliotecas especializadas nas produções contemporâneas, salienta que:

Essa ideia do fim do século XIX e início do XX, segundo a qual se podia abraçar, em uma área específica do saber, todas as publicações fundamentais e, portanto, em certo sentido, dominar e instalar em casa este conhecimento exaustivo, se desfez com o crescimento do número de professores, a proliferação das revistas, a multiplicação das pesquisas. A posse particular do saber torna-se impossível e entramos na era, talvez particularmente inquietante para o trabalho intelectual, do desconhecimento forçado. Salvo se reduzirmos drasticamente nosso domínio de especialização, ao qual o modelo antigo ainda pode ser transposto. Desde que este seja dimensionado mais amplamente, as bibliotecas, sejam elas nacionais, públicas ou universitárias, tornam-se um recurso absolutamente indispensável (...). (CHARTIER, 1998, p. 124)

A biblioteca da FAUUSP, uma biblioteca especializada, é um tipo de coleção bibliográfica historicamente constituída, que pode lançar luz, então, às modalidades de construção do saber científico e intelectual do campo que o abriga. Frédéric Barbier,

historiador dos livros e das bibliotecas, em seu livro *História das bibliotecas*, chama a atenção para o caráter material dessa base sustentadora da produção de saberes, possibilitada pela relação desses espaços na participação em lógicas de transferências culturais. O autor afirma que: “A idealização dos objetos de pesquisa, desde que se trata de história do abstrato e da criação (história das ideias, história da arte etc), leva frequentemente a julgar que as considerações materiais, de certa forma, aviltariam o mundo das ideias.” (BARBIER, 2018, p. 13).

O texto, como o autor chama a atenção, não se apresenta à leitura de maneira abstrata, ele é mediado por um suporte físico que, pela sua própria materialidade, é embrenhado em condições sociais e econômicas que marcam seu conteúdo textual, sua circulação e sua recepção. Esta condição é fundamental pois problematiza a própria condição do autor, tema relevante para a história intelectual. Barbier chama a atenção que, para alguns pesquisadores, declaradamente Georges Duby, Luiz Holtz e Alain de Libera, a tecitura de ideias só ocorre em meios históricos coercitivos e “baseando-se num conjunto de instrumentos materiais, de instituições e de práticas [...] que lhe garantem o que vamos chamar de logística.” (BARBIER, 2018, p. 14). Por fim, salienta que a uma história instrumental do pensamento e das ideias incluiria camadas e problemas no arranjo de questionamentos de uma história dedicada à historiografia, aos intelectuais e às instituições.

A forma como o livro — e sua reunião em bibliotecas — operaria na construção de saberes é o que Barbier chama de transferências culturais. As transferências culturais, segundo ele, poderiam ocorrer a partir de três modalidades. A primeira, através da leitura de um texto contemporâneo ao leitor, ou seja, uma leitura “no presente”; a segunda, ao contrário, colocaria o leitor em um momento posterior à publicação do texto, seria uma leitura “no tempo”; a terceira e última forma seria a leitura geograficamente deslocada, ou seja, a transmissão de um texto através da compra do livro por importação ou, ainda, através da tradução. O texto, nos segundo e terceiro casos colocados, poderia ser transmitido através de um suporte antigo; ou ainda, uma nova edição de um texto, ele mesmo, antigo. Ainda sobre as modalidades de transferência cultural, a terceira se mostra especialmente interessante ao mundo científico e intelectual, uma vez que admite a inclusão de contextos culturais diversos. E, no caso de uma biblioteca de arquitetura, esse contexto pode ser textual, mas também imagético, abrindo, portanto, a possibilidade de referências intelectuais e estéticas diversas. A biblioteca garante, assim, “a conexão, por meio do escrito, entre espaços linguísticos e político-culturais, aliás amplamente autônomos.” (BARBIER, 2018, p.21). A lógica das transferências culturais a

partir da leitura de acervos bibliográficos aparece como uma possibilidade de complexificação da história intelectual, uma vez que as reflexões intelectuais do passado:

[...] se desenvolviam em diferentes planos e de acordo com lógicas variadas. A biblioteca, como instituição da transferência, confirma o fato. Ela forma efetivamente um espaço que garante a definição e a ordenação de um determinado corpus textual: será encontrado aí um conjunto de conteúdos discursivos ou outros definidos por sua própria reunião. A função que consiste em manter esse conteúdo à disposição pode ser feita por simples estocagem e ordenação, mas ela pode também recorrer a uma estratégia mais complexa, sobretudo a da classificação.” (BARBIER, 2018, p.21)

A biblioteca da FAUUSP, um desses lugares voltados às transferências culturais, surge no mesmo ano da fundação da Faculdade, em 1948. Hoje, a biblioteca conta com duas seções: a de materiais bibliográficos que é composta por livros<sup>30</sup>, folhetos, periódicos, teses e dissertações; e a seção técnica de materiais iconográficos composta, por sua vez, por mapas, fotografias, negativos, negativos em vidro, diapositivos, microfilmes, gravações em áudio e vídeo, gravuras, cartazes e desenhos originais de arquitetura, urbanismo, paisagismo e artes visuais. O movimento de aquisição de títulos por parte da instituição a partir de demandas de professores, pesquisadores e alunos, assim como movimentos vinculados às doações devem ser vistos como uma plataforma privilegiada de observação acerca das trocas intelectuais e renovações historiográficas alçadas principalmente a partir dos estudos de professores e pós-graduandos da Faculdade. Os livros, as revistas, as dissertações e as teses se mostram artefatos essenciais na conformação de balizas na construção de histórias e teorias da arquitetura independentes de uma prática projetual.

A questão desta pesquisa, ou seja, a problematização das relações entre mudanças historiográficas ocorridas na forma de concepção da história da arquitetura no Brasil, principalmente a partir da década de 1980, e o processo de aquisição de coleções pela Seção Técnica de Materiais Bibliográficos da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), então subordinada às ferramentas da história intelectual, aqui emerge diante do “olhar scrutador do historiador” para o qual “uma produção intelectual cuja face simbólica aparece de maneira irrefutável, unida à sua face material – e vice-versa –, e cujo ato de enunciação original, tanto como sua posterior circulação exigem um ator social que seja o autor e/ou receptor desses objetos” (MYERS, 2016, p. 26). Isso significa que este trabalho reside na consciência de que a produção

---

<sup>30</sup> Em 2020, a biblioteca possui cerca de 50 mil livros. Em 2000, a biblioteca contava com 35 mil volumes.

intelectual promove e é promovida pela circulação humana e material. Os livros - entendidos aqui para além de sua função de depósitos de textos, mas materialidades que carregam mensagens específicas – quando reunidos em coleções, conformam discursos e práticas. No livro *História das Bibliotecas*, o autor enfatiza o caráter discursivo da biblioteca a partir das escolhas de volumes para seu acervo e sua distribuição em categorias (BARBIER, 2018). Através dos mesmos procedimentos, ou seja, composição e categorização, a biblioteca da FAUUSP exerce uma função estratégica nas transações culturais efetuadas dentro do ambiente universitário, ao longo de sua existência, e pode ser pensada como local para o entendimento das práticas intelectuais do passado.

Tomar o acervo bibliográfico da FAUUSP e os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores durante a chamada virada historiográfica na escrita da história da arquitetura – que demandou uma grande quantidade de materiais de pesquisa, possível somente, como coloca Chartier, através da constituição de bibliotecas especializadas - significa atentar “às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido [...] é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas.” (CHARTIER, 2002, p. 26). Assim, os livros - entendidos aqui para além de sua função de depósitos de textos, mas materialidades que carregam mensagens específicas – quando reunidos em coleções, conformam discursos e práticas. Através desses procedimentos, ou seja, composição e categorização, a biblioteca da FAUUSP exerce uma função estratégica nas transações culturais efetuadas dentro do ambiente universitário, ao longo de sua existência, e pode ser pensada como elemento para o entendimento das práticas intelectuais do passado.

A biblioteca como arquivo é lugar privilegiado de acesso às tramas da escrita da história da arquitetura. Constanza Caraffa ao trabalhar com uma biblioteca de fotografias, sugere a leitura da biblioteca como um arquivo, através de uma mudança conceitual e programática. Segundo a autora:

A mudança terminológica aqui proposta, de 'biblioteca de fotografias' para 'arquivo de fotografias', é também uma mudança conceptual e programática: um convite para realizar pesquisas no Photothek (como em todas as outras coleções fotográficas) não apenas como uma 'biblioteca' que dá acesso à informação com base no assunto (por exemplo fotografias que mostram a condição de um monumento numa determinada hora ou data), mas também como um arquivo no qual são sedimentadas não só as imagens fotográficas individuais, mas também - de uma forma mais ou menos casual - toda uma constelação de outros dados que nos permite, por exemplo, reconstruir a proveniência de um grupo de fotografias, e o período e motivações da

sua aquisição, a 'história' intermédia das fotografias, a sua passagem do fotógrafo para o estudioso que encomendou a campanha, e depois talvez (após a sua morte) para o seu executor, antes de finalmente acabarem na colecção de fotografias, e aí - talvez tendo passado de uma secretária para a seguinte - serem transferidos de uma caixa para outra, como consequência das reorganizações e reclassificações de que frequentemente trazem os vestígios. (CARAFFA, 2011, p. 24)

A biblioteca da FAUUSP, e a leitura da constelação de dados vinculados aos volumes a ela pertencentes, é uma via de acesso ao passado para o historiador atento às práticas intelectuais de determinado período e as relações que possibilitaram que as ideias surgissem. A proveniência de cada um dos livros, as motivações para a compra pela biblioteca ou sua doação a ela, seu autor, sua editora, sua coleção são, a partir da lição de Caraffa, vestígios do passado vinculado ao fazer historiográfico na Faculdade. Como destaca Gérard Namer, a biblioteca “herda uma sobreposição de vontades coletivas, instituições e memórias” (NAMER, 1987, p. 161). Essa acumulação de memórias dá à FAUUSP (entre outras razões) a legitimação pelos pares de seu fazer histórico.

\*\*\*

## 2. A CIRCULAÇÃO DOS LIVROS E A CRIAÇÃO DE BALIZAS DISCIPLINARES: A BIBLIOTECA DA FAUUSP E SUA COMUNIDADE DE SENTIDO

Sob o número de tomo 015096, o já clássico *L'Architecture Contemporaine au Brésil*<sup>31</sup> de Yves Bruand é encontrado na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. A numeração corresponde a um dos três exemplares da obra doados pelo próprio autor à biblioteca em 1973, mesmo ano de seu lançamento na França pela editora SRTUL da cidade de Lille. O livro é fruto da pesquisa de doutorado realizada por Bruand na Universidade de Paris IV e finalizada dois anos antes de sua publicação em livro.

Formado em história pela *École Nationale des Chartes*<sup>32</sup>, Bruand atuou como professor visitante da USP entre os anos de 1960 e 1969, período em que realizava pesquisas de campo no Brasil para a realização de sua tese. Durante suas investigações, Bruand tomou contato com a bibliografia sobre a arquitetura moderna brasileira que antecede o seu livro, o que fez com que, nele, amplas referências às fontes bibliográficas consultadas fossem apresentadas. O papel das publicações que anteriormente divulgaram a arquitetura moderna brasileira é realçado quando o autor chama a atenção para a importância da edição de *Brazil Builds: architecture new and old, 1652 - 1942*, publicado pelo Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), em 1943: “O sucesso internacional da nova arquitetura brasileira deve-se a concepções expressivas<sup>33</sup>, marcadas por um cunho todo particular, e divulgadas em 1943 pela exposição das fotografias de R. Kidder-Smith (*sic*) no Museu de Arte Moderna de New York e pelo livro que se seguiu” (BRUAND, 1999, p. 81).

Organizado em seis seções: prefácio, introdução, três partes e conclusão, o livro *L'Architecture Contemporaine au Brésil* traz informações sobre os aspectos históricos, geográficos, sociais e políticos do Brasil que, segundo o autor, influenciavam as formas arquitetônicas desenvolvidas no país. Como historiador, Bruand toma os edifícios estudados em sua tese a partir de suas condições de surgimento e desenvolvimento sem, contudo,

---

<sup>31</sup> Os primeiros três exemplares de *L'Architecture Contemporaine au Brésil* recebem os seguintes números de tomo: 015096, 015097 e 015098

<sup>32</sup> Faz-se necessário destacar a importância da *École Nationale des Chartes* para os estudos históricos, aí incluídas a arquivologia e da história dos livros. Henri-Jean Martin, que juntamente com Lucien Febvre escreve *O Aparecimento do Livro*, foi um chartista.

<sup>33</sup> As “concepções expressivas” de que fala Yves Bruand são as obras de arquitetos como Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Marcelo, Milton e Maurício Roberto (Irmãos Roberto) e Atílio Corrêa Lima.

abandonar a tese de Lucio Costa de que é a partir da escola carioca que a afirmação da modernidade brasileira, na arquitetura, se dá (GUERRA, 2010).

Contudo, é pelo esforço de ampliação da organização de uma história da arquitetura moderna brasileira, e pelo seu formato de livro-texto, que a obra de Bruand torna-se singular. Este formato diferencia-se daquele utilizado em outras obras fundamentais à construção do imaginário acerca da arquitetura moderna no país, tal como o já citado *Brazil Builds*, editado em formato de livro-catálogo, com textos de Phillip Goodwin e fotografias de G. E. Kidder Smith. O catálogo do MoMA, é necessário ressaltar, pode ser lido através de suas imagens, independentemente do texto de Goodwin. Bruand, seguindo a tradição do livro-texto, através da argumentação textual, traz ao leitor o desenrolar dos acontecimentos que conformam o movimento artístico no qual ele está interessado, estabelecendo uma cronologia da arquitetura moderna brasileira a partir de seus antecedentes, desdobramentos e concretização de sua hegemonia, desde os movimentos de vanguarda (CABRAL, 2022, p. 82).

Desde a chegada dos três primeiros exemplares do livro à biblioteca, outros vinte e três, em edições francesa e brasileira, vieram a fazer parte da coleção. Em 1980, por exemplo, dois outros exemplares franceses são doados à biblioteca. Em 1981, chegam à coleção outros dois volumes, desta vez adquiridos pela própria instituição na Livraria Duas Cidades e editados no Brasil pela Editora Perspectiva sob o título de *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. A livraria Duas Cidades é uma das principais fornecedoras de livros para a biblioteca da Faculdade. Fundada em 1954 pela Ordem Dominicana e administrada pelo Frei Benevenuto, a livraria vendia inicialmente obras religiosas e de teologia. A empreitada, no entanto, mostrou-se um fracasso comercial. Diante dos desafios financeiros, o estabelecimento mudou de endereço, sendo transferida para a rua Bento Freitas, rua próxima à FFCL na rua Maria Antônia, à FAUUSP da rua Maranhão<sup>34</sup> e à Universidade Mackenzie. Em seu novo endereço, a Duas Cidades ampliou seu catálogo, passando a comercializar títulos de filosofia, ciências humanas e publicações estrangeiras (MACHADO, 2008, p. 197). Tratou-se, portanto, de um movimento em direção aos seus leitores. Ali, a Livraria fincou-se como um espaço cultural da cidade de São Paulo, onde estudantes e intelectuais adquiriam seus livros.

---

<sup>34</sup> A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP passa a ocupar o seu edifício na Cidade Universitária no ano de 1968. Entre a fundação da Faculdade, em 1948, a partir do curso de engenheiro-arquiteto da Politécnica, até o ano de 1968, a FAUUSP funciona nas dependências do edifício na Rua Maranhão, em Higienópolis, próximo ao endereço da FFCL, que funcionava na rua Maria Antônia.

A Editora Perspectiva, responsável pela edição brasileira do livro de Bruand, tem como fundadores Jacó Guinsburg e sua esposa, Gita Guinsburg. O casal Guinsburg funda a editora em 1965 com o objetivo de lançar livros voltados às artes e às ciências humanas. Jacó, além de fundador, foi também editor da Perspectiva e professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, a ECA-USP. A editora iniciou seus trabalhos com o lançamento de sua Coleção Judaica, composta por treze volumes, que introduziam no país autores como Scholem Aleichem e Scholem Adch. Esta primeira coleção, no entanto, não alcançou sucesso comercial. Foi apenas no ano de 1968 que a Perspectiva firmou seu lugar no comércio do livro, graças ao êxito alcançado pela coleção Debates. Nela, autores como Walter Gropius, Octavio Paz, Le Corbusier e Umberto Eco tiveram seus livros publicados. Alguns anos mais tarde outra importante coleção da editora foi lançada, trata-se da Coleção Estudos. É através dela que textos de boa comercialização, como aqueles de Benedito Campos e Haroldo de Campos, foram publicados (HALLEWELL, 2017, p. 796). Segundo o bibliógrafo José Mindlin, a editora “com seu rigoroso critério de seleção e a prioridade que sempre deu ao valor cultural de suas edições, correndo muitas vezes riscos de insucesso em vendas, [...] conquistou o respeito e a admiração de nosso meio cultural.” (MINDLIN, 1991).

No campo da arquitetura e do urbanismo, além da edição do livro *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, a editora também é a responsável pelas primeiras edições de *História da Arquitetura Moderna*, de Leonardo Benevolo, no Brasil, lançado em 1976, além de *Por uma arquitetura* de Le Corbusier, *Teoria e projeto na primeira era da máquina*, de Reyner Baham, e *Arquitetura, industrialização e desenvolvimento*, de Paulo Bruna. A tradução das obras basilares para os estudiosos da história da arquitetura é de responsabilidade de Ana Maria Goldberger. A tradutora, que também é designer, pintora, gravadora, ilustradora e editora, estudou cinema na ECA-USP, mesma instituição em que o então editor lecionava. No campo da arquitetura, a editora ganha notoriedade ao lançar obras basilares ao movimento moderno, que não haviam, anteriormente, sido disponibilizadas em português por editoras brasileiras.

A biblioteca da FAUUSP, entre os anos de 1982 e 1985, adquire mais alguns exemplares do livro de Bruand junto à livraria Dragone. No ano de 2017, outro exemplar, em sua terceira edição, é doado à biblioteca, desta vez pelo Grêmio da Faculdade<sup>35</sup>, o GFAU. Hoje, a obra ainda é parte do catálogo da Editora Perspectiva, além de fazer parte das

---

<sup>35</sup> Tombo do exemplar na biblioteca da FAUUSP: 37913.

referências bibliográficas de disciplinas voltadas à história da arquitetura oferecidas pela FAUUSP<sup>36</sup>.

Essa intrincada relação entre autor, editora, livrarias, biblioteca e leitores, ajuda na compreensão dos circuitos em que o livro *L'Architecture Contemporaine au Brésil*, assim como a sua tradução, *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, estava — e ainda está — inserido. Esses caminhos percorridos pela publicação são desenhados a partir de negociações de interesses diversos — comerciais, intelectuais, pessoais — e passíveis de identificação através das informações sobre os volumes da biblioteca da FAUUSP. Esses dados estão disponíveis, hoje, em documentações que registram o funcionamento cotidiano da biblioteca, como o livro de tomo dos livros da coleção, que contém informações acerca da autoria da obra, seu título, seu local de compra (ou doação), sua editora, seu ano de publicação e, finalmente, seu ano de entrada na biblioteca. Há também informações disponíveis nas atas do Conselho da Biblioteca<sup>37</sup>, e nos próprios livros, que através de estampas das livrarias que os vendiam, dedicatórias, observações sobre doações, marcas de processamento bibliográfico —

---

<sup>36</sup> Foram realizadas consultas às ementas das disciplinas oferecidas pela Faculdade no ano de 2019 aos alunos de graduação. Nela, ocorrências de *Arquitetura Contemporânea no Brasil* foram localizadas em listagens bibliográficas. As disciplinas que listaram o livro foram: História e Teorias da Arquitetura III; Arquitetura Moderna e Contemporânea no Brasil; História e Teorias da Arquitetura da Arquitetura IV; Arte e Arquitetura no Brasil nos Séculos XIX e XX; Patrimônio Cultural no Brasil: Políticas de Preservação: Critérios, Agentes, Práticas, entre outras. Não foram localizados os nomes dos professores responsáveis pelas disciplinas em cada uma das ementas.

<sup>37</sup> O Conselho da Biblioteca, composto de professores, bibliotecários e alunos da graduação e da pós-graduação foi formado no ano de 1985 (Portaria nº 11/1985). Através desta mesma portaria são também criados conselhos para o Laboratório de Modelos e Ensaios (LAME), para o Laboratório de Programação Gráfica (LPG), para o Laboratório de Recursos Audiovisuais (LRAV) e para o Laboratório de Coleta, Sistematização, Armazenamento e Fornecimento de Dados (CeSAD). Aos conselhos, as seguintes atividades eram atribuídas: “I. adotar as medidas que se fizerem necessárias para que a Biblioteca e os Laboratórios atuem como órgãos de apoio para o desenvolvimento dos programas de ensino e de pesquisa dos Departamentos e dos seus docentes, bem como dos programas de interesse da Faculdade como instituição; II. diligenciar no sentido de que os Departamentos e docentes, interessados em desenvolver trabalhos valendo-se dos serviços da Biblioteca e dos Laboratórios, fomentem iniciativas e apoiem medidas, visando obter recursos para o eficaz funcionamento daqueles órgãos; III. avaliar, semestralmente, o desempenho da Biblioteca e dos Laboratórios, no cumprimento dos objetivos; IV. elaborar, semestralmente, documentos estabelecendo as políticas e diretrizes gerais a serem observadas pela Biblioteca e Laboratório, a fim de cumprir os programas traçados pelos Departamentos e pela faculdade como instituição; e, V. apresentar ao CID, semestralmente o resultado da avaliação a que alude o inciso III e o documento mencionado no inciso IV deste artigo. (Lucio Grinover, 1985. Documentação do Conselho da Biblioteca da FAUUSP (material não processado). Pasta 1986 – 2005).

Em um primeiro momento, os docentes indicados para o Conselho da Biblioteca foram: Sueli Terezinha Schiffer (Departamento de Tecnologia da Arquitetura - AUT), Maria Angela Faggin Pereira Leite (Departamento de Projeto - AUP) e Maria Cecília França Lourenço (Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto (AUH). Além dos docentes, um aluno da graduação, um aluno da pós-graduação, além da Diretoria Técnica da Biblioteca, naquele momento comandada por Suzana Alessio de Toledo, eram parte do Conselho. Percebe-se, a partir da criação dos Conselhos, como os departamentos ainda estavam no processo de ampliação de instâncias decisórias que se tornaram fundamentais ao funcionamento universitário desde o fim do sistema de cátedras em 1968.

as chamadas “marcas de proveniência” — também trazem pistas acerca dos circuitos dos livros.

A arquitetura, assim como a história da arquitetura, se alicerça sobre um grande corpo textual. Uma formação discursiva que nutre o edifício disciplinar da arquitetura é amparada por distintas matérias de estudo, como a medicina, a engenharia, a filosofia, a sociologia, a história, a antropologia etc. (LASSANCE, ROCHA-PEIXOTO, BRONSTEIN, OLIVEIRA, 2010, p. 21). Verde Zein nos alerta, no entanto, para as formas de formação dos cânones disciplinares. Segundo a pesquisadora, “[os] cânones [arquitetônicos] não brotam: seu estabelecimento se dá por mecanismos de prestígio e sua consolidação por mecanismos de reiteração” (ZEIN, 2022, p. 25), assim também é com os cânones intelectuais da disciplina, como o livro *Arquitetura Contemporânea no Brasil: o seu estabelecimento ocorre através do acionamento de mecanismos de prestígio*, como, por exemplo, a fixação de determinada obra na biblioteca da FAUUSP. Quanto mais os portadores destes mecanismos de prestígio estão afastados da prática projetual, mais autonomia eles têm no estabelecimento dos cânones, tanto na esfera construtiva, quanto na esfera intelectual, daí a importância enfatizada no primeiro capítulo desta dissertação acerca da construção de espaços autônomos e dedicados à pesquisa em história da arquitetura.

A biblioteca da FAUUSP, portanto, é tomada nesta dissertação como agente e articuladora de esferas de construção de prestígio de correntes de pensamento — e das obras atreladas a elas. Através da coleção de livros da Faculdade — e das relações a ela relacionadas — obras como *Arquitetura Contemporânea no Brasil* são estabelecidos como essenciais ao campo. Rocha, em seu *Livros, leituras e bibliotecas: história da arquitetura e da construção luso-brasileira*, lançado em 2020, esclarece que a biblioteca é:

[...] um universo de referências cruzadas, entrelaçando vários aspectos como datas, lugares, dedicatórias, redes de amizade e de sociabilidade. [...] A materialidade específica do livro físico, sua capacidade ou abertura em relação à inscrição de datas e lugares, de dedicatórias reveladoras de redes de sociabilidade e de anotações diversas, que estabelecem um diálogo entre o texto de um autor e sua apropriação por um leitor, geram um palimpsesto, uma sobreposição de camadas de informações extremamente rica para historiadores e pesquisadores. (ROCHA, 2020, p. 21)

Apesar de as marginalias<sup>38</sup> não serem indícios centrais à esta dissertação, como elas foram no trabalho de Rocha<sup>39</sup>, é possível afirmar que no caso da biblioteca da FAUUSP, as marcas de proveniência e os metadados gerados pela biblioteca dão indícios da circulação dos volumes, e portanto das redes de sociabilidades caras ao autor da citação. A *circulação dos exemplares*, por sua vez, coincide com a *circulação de ideias* nesse mesmo espaço; e é por esta razão que a biblioteca da FAUUSP pode ser tomada como via de acesso às mudanças epistemológicas ocorridas na história da arquitetura.

A relação entre as bibliotecas e os livros, apesar de parecer óbvia, deve ser traçada, então, a partir dos estudos dedicados à história do livro e da biblioteca; a partir daí, a conexão estabelecida pode servir ao melhor entendimento das questões de interesse desta dissertação, em especial a circulação de volumes que incidem sobre as relações intelectuais que influenciam a escrita da história da arquitetura.

Existe um consenso quanto à origem da história das bibliotecas. Segundo Barbier, Varry e Mouren, ela é um ramo da história do livro (BARBIER, 2014; VARRY, 2005; MOUREN, 2021). Na França, a história do livro nasce de uma corrente da história total<sup>40</sup> (MOUREN, 2021) e alcança reconhecimento universitário na década de 1960 (VARRY, 2005). Varry ainda chama a atenção para a reivindicação que a história cultural faz da história das bibliotecas. Publicações como *Censores em Ação* (2014, em edição inglesa) de Robert Darnton, e o capítulo “O livro: uma mudança de perspectiva” escrito por Roger Chartier e Daniel Roche para o livro *História: novos objetos* (1974, em edição francesa) — publicação dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora — mostram que esta reivindicação é parte da agenda de alguns historiadores da cultura. Esse movimento, no entanto, ainda hoje, compete

---

<sup>38</sup> As marginalias são as anotações pessoais feitas nas margens das páginas de um livro.

<sup>39</sup> O trabalho de Rocha é composto pelo estudo de exemplares provenientes de bibliotecas particulares. A realização de marcações nos livros por parte de seus proprietários facilita este tipo de exploração documental, o que não ocorre com bibliotecas públicas, como a da FAUUSP.

<sup>40</sup> Peter Burke, em seu livro *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)*, define a história total em um pequeno verbete: “Febvre gostava de falar em história simplesmente (*histoire tout court*) em oposição à história econômica, social ou política. R. H. Tawney, em 1932, empregou o termo *histoire integrale*, utilizando talvez um modelo francês. O antropólogo Marcel Mauss, porém, gostava de empregar o adjetivo total, com o objetivo de caracterizar o tipo de abordagem de sua ciência. Braudel usou o termo na conclusão da segunda edição de seu *Mediterrâneo* e em vários outros estudos.” (BURKE, 1992, p. 91). A definição de Burke chama a atenção para o estímulo central à adesão à história total: a oposição à escrita de histórias econômica, social e política apartadas da “[...] necessidade de uma história mais abrangente e totalizante [que] nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir, não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento.” (BURKE, 1992, p. 4). Ainda, a menção ao antropólogo Mauss e ao historiador inglês Tawney mostra o alcance disciplinar e geográfico das ideias formuladas pelos Annales.

com a própria história do livro “[...] que é também uma história técnica, literária, religiosa, jurídica, econômica, social... Em suma, uma história total” (VARRY, 2005, p. 17).

A dificuldade da classificação disciplinar da história das bibliotecas se dá pela ambiguidade que a palavra “biblioteca” carrega e, conseqüentemente, a vastidão de objetos de pesquisa viáveis sob a mesma rubrica. Afinal, a biblioteca pode ser entendida como uma coleção de livros (que pode ser privada ou pública), também como uma instituição, e ainda um conjunto arquitetônico.

Barbier, em seu artigo “Où en est l’histoire des bibliothèques” (2014), propõe que a biblioteca seja encarada a partir de uma dupla articulação na qual os livros e o tratamento dado aos conteúdos da coleção bibliográfica a ela associada sejam tomados em conjunto. Segundo ele, esta fórmula permite ao pesquisador a manutenção do significante “biblioteca”, de modo que o significado da mesma palavra seja atrelado ao seu “tempo”. O uso desta formulação exige o apuro na compreensão do pesquisador acerca das características das bibliotecas em tempo e lugar determinados. Esta classificação proposta pelo autor é aquela tomada nesta dissertação, uma vez que se mostra a mais completa e maleável nas formas de tratamento do objeto de pesquisa entre as possibilidades encontradas.

A história das bibliotecas é um jovem e variado campo de estudos no qual ainda há muito o que fazer (MOUREN, 2021). Dentre os trabalhos já publicados sobre o tema, as bibliotecas do Antigo Regime, assim como as bibliotecas nacionais, figuram entre os objetos mais amplamente abordados pelos pesquisadores<sup>41</sup>. Esta característica se dá porque as principais fontes atribuídas pelos historiadores para os estudos históricos sobre bibliotecas encontram-se atrelados a estes períodos e instituições — a monarquia do Antigo Regime e o Estado Nacional moderno —, como os catálogos domésticos, os catálogos de vendas públicas, os inventários de apreensões de coleções por revolucionários e os inventários após morte. Para que o campo de estudos avance, Varry recomenda que as fontes já utilizadas sejam reexaminadas e novas fontes sejam descobertas e viabilizadas, uma vez que o período recente é pouquíssimo estudado, resultando em deficiências acerca do entendimento das bibliotecas contemporâneas (VARRY, 2005).

Mouren (2021), no entanto, enxerga possibilidades de estudos sobre a história das bibliotecas a partir da história da leitura, uma vez que esta prática, quando exercida nos

---

<sup>41</sup> Os levantamentos para esta pesquisa foram feitos em repositórios científicos em língua inglesa, francesa e espanhola. O levantamento de materiais em língua alemã e italiana é sugerido para estudos futuros sobre o tema.

espaços das bibliotecas, é um dos aspectos a ser tratado, apesar da dificuldade da localização de fontes que esclareçam a prática da leitura em períodos anteriores à leitura silenciosa<sup>42</sup>. Ainda, o estudo do uso das bibliotecas, a interação do usuário com a mobília, sua arquitetura, suas regras e os próprios livros merece atenção.

Outro problema levantando sobre a história das bibliotecas é sua limitação quanto ao público leitor dos estudos já realizados que são normalmente limitados a outros estudiosos que tem no livro, na leitura e na biblioteca o seu interesse. Rose (2003), defende a ampliação do escopo dos estudos dos historiadores das bibliotecas para que esta história possa ser inserida em um projeto intelectual de maior alcance. Para ele, a inserção de Robert Darnton e Elizabeth Eisenstein<sup>43</sup> em amplos debates do campo se deu porque eles ofereceram novas maneiras de entender a Revolução Francesa e a revolução científica a partir da história do livro.

Para Rose, essa ampliação pode ocorrer através da combinação entre a história das bibliotecas com a história de gênero, a história social, a micro-história, a história dos negócios, entre tantas outras. Para ele, o essencial é o que vem ocorrendo nos estudos sobre bibliotecas nos últimos vinte anos: em vez de demonstrar como a sociedade constrói bibliotecas, os historiadores tem mostrado como as bibliotecas constróem as sociedades. Para tanto, “eles [...] [examinam] como os leitores realmente usaram (por exemplo) a Oberlin College Library, como John Mark Tucker fez. Ou analisam as estratégias de desenvolvimento de coleções empregadas por grandes governantes para aumentar seu prestígio cultural e consolidar alianças políticas [...]” (ROSE, 2003, p. 54). A lista de possibilidades pode ser, ainda, ampliada por sugestões de Mouren (2021): a pesquisadora recomenda que o historiador das bibliotecas esteja atento à história institucional, à história das coleções e à história dos usos, sempre acompanhado de ferramentas provenientes das ciências sociais, uma vez que as bibliotecas são inseparáveis das sociedades que as criaram.

Rose igualmente aposta na relação entre bibliotecas e sociedade, uma vez que a história ampla da biblioteca procuraria reconstruir todo o “meio cultural de uma determinada comunidade” (ROSE, 2003, p. 56), a partir das circunstâncias reais da produção e da recepção dos livros. Barbier (2014), por sua vez, mostra a necessidade de estudos que enfoquem nas

---

<sup>42</sup> A leitura silenciosa enquanto prática absorvida por diferentes estratos sociais durante séculos os séculos VII e XIV, é um tema relativamente recente nos estudos históricos. As diversas formas de letramento, portanto, podem ser abordadas a partir da história das bibliotecas.

<sup>43</sup> O livro mais difundido de Eisenstein é *The printing press as na agente of change*, de 1980.

transferências culturais possibilitadas pela existência das bibliotecas. Apesar de Barbier focar nas trocas culturais empreendidas entre diferentes países, pensa-se que a possibilidade de trocas culturais (e intelectuais) entre diferentes campos de estudos seja possível através da análise das bibliotecas. Esta dissertação, então, procura responder às sugestões de Rose e Barbier no que diz respeito à ampliação do escopo dos estudos sobre bibliotecas, ao relacioná-los à história intelectual e à historiografia, procurando, para tanto, traçar as trocas culturais entre disciplinas: arquitetura e humanidades.

A história do livro, deve-se ressaltar, é praticada desde o século XIX. Naquele momento os estudiosos privilegiavam as investigações sobre as técnicas de produção do livro e as formas de organização de famosas bibliotecas. É partir de trabalhos como o de Daniel Mornet, com destaque para seu artigo de 1910 intitulado “Les enseignements des Bibliothèques privées (1750 – 1780)”, em que os catálogos das bibliotecas foram tomados como fonte de pesquisa histórica, que o desenvolvimento de pesquisas sobre as bibliotecas baseadas em catálogos e na pergunta “o que os homens liam?” ocorreu. A partir desta pergunta, Mornet busca lançar luz aos fenômenos ligados à Revolução Francesa a partir das leituras feitas ainda no Antigo Regime por certo número de agentes revolucionários e testemunhas do evento (BARBIER, 2014). Esta simples pergunta “o que os homens liam?” levou os historiadores a criarem novas abordagens na maneira de estudar os livros, a leitura e as bibliotecas (BESSONE, 2009). Esta guinada os levou, ainda, a pensar sobre a integração do livro à sociedade e à cultura. A história do livro, segundo Mouren, quer ela inclua o estudo de um só livro ou um conjunto de livros leva à história das coleções e das bibliotecas (MOUREN, 2021).

Outro trabalho fundamental na instauração da história do livro como é praticada hoje é *L'apparition du livre* de autoria de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, publicado em 1958 na França (BESSONE, 2009; DARNTON, 1982). Assim como Mornet, a investigação da dupla de autores procura responder qual o papel que o livro “[...] desempenhou nos grandes movimentos que demarcam o alvorecer da modernidade europeia” (DEAECTO, 2017, p. 13)

Dentre os intelectuais conectados ao pensamento francês, Febvre é conhecido como aquele que fundou, ao lado de Marc Bloch, a principal vertente da historiografia do século XX (DEAECTO, 2017). Em 1929, Febvre e Bloch criam a “revista dos Annales”, como é conhecida no Brasil a *Revue des Annales d'Histoire Économique et Sociale*. A tendência historiográfica traria novidades na escolha dos objetos de estudo e na forma de apreensão interdisciplinar dos problemas do passado, com a aproximação do fazer histórico às ciências

vizinhas (BURKE, 1992). Apesar da importância que a revista exerceu em reunir adeptos à nova forma de se fazer história, foram as monografias individuais que “produziram a longo prazo o maior impacto, quer sobre o público profissional, quer sobre o público geral” (BURKE, 1992, p. 9). Essa característica não escapa à obra produzida por Febvre, aí inclusa a experiência com o *L'apparition du livre*.

Henri-Jean Martin, por sua vez, era muitíssimo jovem quando se deu o início do projeto para o livro. Naquele momento, Martin trabalhava como bibliotecário para a Biblioteca Nacional da França, ainda localizada na rua Richelieu. Contudo, depois da publicação do livro e do falecimento de Febvre (1956), Martin funda a cátedra História e Civilização do Livro, em 1963, na École Pratique des Hautes Études (EPHE – Paris)<sup>44</sup>. Entre os anos de 1962 e 1970, ele dirige a Biblioteca Municipal de Lyon. A partir de 1970, inicia as atividades como docente da École Nationale des Chartes, ensinando História do Livro e da Bibliografia (DEAECTO, 2017). Tal como preconizava Febvre sobre o fazer histórico, a dupla toma o livro como um problema para a história e, ainda, através de ponderações de Martin, é questionado o efeito dos impressos sobre a cultura da Renascença e na Reforma (BURKE, 1992). Chartier, em seu texto “Escutar os mortos com os olhos”, observa a condição singular de Martin:

São poucos os historiadores cujo nome ficou vinculado à invenção de uma disciplina. Henri-Jean Martin, falecido em janeiro deste ano [2007], é um deles. A obra que ele redigiu por inspiração de Lucien Febvre e foi publicada em 1958 com o título de *O aparecimento do livro* é tida com razão como fundadora da história do livro ou, pelo menos, de uma nova história do livro. (CHARTIER, 2010, p. 7)

O oitavo capítulo de *O aparecimento do livro*, “O livro, este fermento”, pelo qual Martin é o único responsável, é o capítulo “mais preche de consequências” (BARBIER, 2017, p. 473) para as futuras empreitadas do campo. Contando com um total de 109 páginas, o capítulo é destinado à investigação de uma história intelectual vinculada ao impresso. O autor propõe esse capítulo final à obra para que questões sobre a maneira como o livro impresso incide sobre a vida intelectual fossem introduzidas. Para tanto, Martin estuda as relações do livro com o humanismo, a Reforma e a ascensão das línguas vulgares.

---

<sup>44</sup> A cátedra é ativa até os dias de hoje e produz importante reflexão a partir da história do livro. Desde 2005, a revista *Histoire et civilisation du livre: revue internationale* é publicada pela cátedra. A revista foi fundada por Frédéric Barbier, então diretor da EPHE – Paris.

A problemática proposta por Mornet, observável nos títulos de seus trabalhos como “Les Enseignements des bibliothèques privées au XVIII<sup>e</sup> siècle” e “Origines intellectuelles de la Révolution Française (1715 -1787)”, que tem como interesse as ideias veiculadas pelos jornais, pelos livros, pelas correspondências, pelos autores, pelos letrados e os pelos franco-maçons da sociedade das Luzes dá início ao projeto que desembocaria nos estudos sobre os conteúdos das bibliotecas lançando luz sobre certos movimentos intelectuais.

É, no entanto, a partir da renovação historiográfica processada nos anos 1980 e 1990, que a história das bibliotecas começa a acumular um maior número de estudos e publicações. E é por meio da história cultural que autores como Robert Darnton, Roger Chartier e Daniel Roche trabalham. Esta vertente, voltada a analisar a realidade culturalmente constituída tem se mostrado um polo atrativo para muitos historiadores interessados nos livros. Bessone destaca que:

A riqueza apresentada pelas novas abordagens tornou muito consistente os estudos sobre o livro e a leitura. A biblioteca viria também representar um tema incontornável, estudada como lugar de lazer e erudição seja por historiadores ingleses, franceses ou alemães. As bibliotecas representaram também uma pluralidade de opções para estas novas abordagens: a vida política e cultural de uma cidade, o lugar de ócio ou de lazer e erudição. Não só isto; mas também as maneiras de decorá-las ou torná-las pontos de exibição de poder. (BESSONE, 2009, p. 104)

Neste movimento, o capítulo de Roger Chartier e Daniel Roche para o livro *História: novos objetos*, chama a atenção a aproximação das perspectivas alinhadas à história cultural sobre a história do livro e das bibliotecas. No texto, os autores fazem um balanço acerca das implicações da pesquisa quantitativa para o estudo dos impressos. É com o uso do método quantitativo que o entendimento do livro enquanto mercadoria, objeto produzido para o comércio e o lucro se coloca, porém é a face de signo cultural dos impressos, que suporta em sua materialidade um sentido transmitido pela imagem e pelo texto, que é ressaltada pelos autores (CHARTIER; ROCHE, 1995). A ambição serial, segundo eles, apesar de legítima, deve “permanecer lúcida, uma vez que seu material, por natureza, abrange apenas uma parte da realidade passada e porque seus resultados não podem resumir-se mecanicamente e de maneira exclusiva ao determinismo econômico” (CHARTIER; ROCHE, 1995, 103).

Afinal, é a partir de uma evolução da temática da produção impressa que os progressos de uma cultura podem ser encontrados e, então, a pesquisa serial sobre os títulos dos livros só poderia tomar um sentido pleno quando confrontada com a sociedade de leitores. Para Barbier, a biblioteca, tratando-se da cultura escrita, “é a própria instituição de transferência [cultural]”

(BARBIER, 2018, p. 19). A função da biblioteca, coloca o autor, é estratégica quando se pensa em transferência e apropriação — funções vinculadas à vida comercial do livro, mas não exclusivamente determinadas economicamente.

Para Michel Espagne, a pesquisa sobre as transferências tem procurado o processo pelo qual as ideias passam desde seus contextos de emergência até os seus contextos de recepção. Este exame, no entanto, obriga o pesquisador a atentar para as instâncias de mediação, como os livros e as bibliotecas (ESPAGNE, 2005). O entendimento da mudança semântica ocorrida entre as instâncias de emergência e recepção é fundamental nesse tipo de estudo. O efeito desta mudança atinge o contexto de recepção, assim como o contexto de emergência, a partir do significado que é gerado pela sua recepção. As bibliotecas universitárias são um bom exemplo dos processos relacionados às transferências culturais. Ao não poder adquirir todos os livros publicados com assuntos que interessam ao campo, o processo de seleção feito pela biblioteca evidencia as escolhas intelectuais e as vertentes teóricas que interessam à escola.

As transferências culturais e disciplinares forjadas a partir dos circuitos dos livros presentes na biblioteca da FAUUSP são aqui tomadas como parte das opções intelectuais feitas por professores, bibliotecários e pesquisadores. Como pôde ser visto no início deste capítulo, o livro de Bruand — professor visitante da FAUUSP — foi editado por um professor da Universidade e a ela retorna, em seguida, servindo de referência bibliográfica central a muitos dos trabalhos ali produzidos e às disciplinas oferecidas. A vida do livro materializa, portanto, a história do pensamento. Tânia Bessone lembra, através de Robert Darnton, que: “um catálogo de uma biblioteca particular pode servir como perfil de um leitor” pois, tem a vantagem de unir o “o que” com o “quem” da leitura” (BESSONE, 2009, p. 102). O processo de observação das leituras em uma biblioteca pública, como aquela pertencente à FAUUSP, complica significativamente a aplicação da afirmação de Darnton. No contexto dos estudos sobre as bibliotecas públicas, o “quem” da leitura é formado por um público amplo que apenas pode ser tomado como coeso quando participante de uma comunidade de sentido. É por isto que nesta pesquisa, como coloca Sérgio Miceli, “os achados interpretativos dependem da imersão na historiografia do período, para atinar com as condições em que estava sucedendo o trabalho intelectual” (MICELI, 2018, p. 10), ou seja, a comunidade de sentido é compreendida como o grupo de sujeitos aptos a participarem das transferências disciplinares postas à disposição pela ação da biblioteca. Afinal, os dispositivos textuais impõem ao leitor uma posição em relação à obra, suas referências e convenções, de maneira a ler e compreender

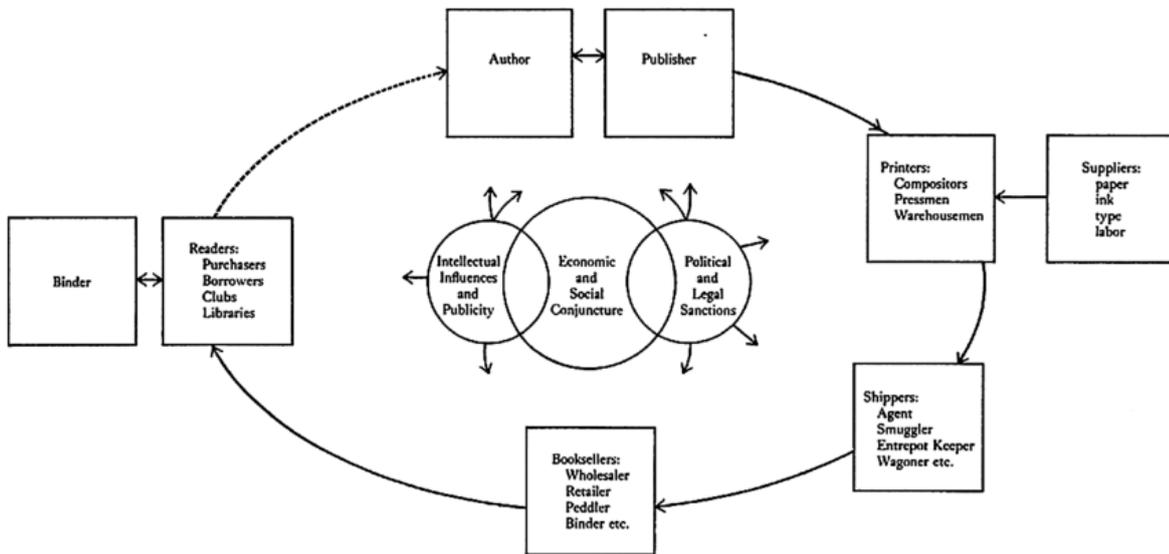
o texto. O estudo das obras presentes na biblioteca da FAUUSP ganha relevância ao serem compreendidas em seus circuitos, em sua especificidade de reconhecimento e recepção. A comunidade de sentido formada pelos professores, estudantes e bibliotecários da faculdade apresenta, no entanto, um desafio à compreensão dos circuitos dos livros e as transferências a eles relacionadas. Darnton pode contribuir para o entendimento deste fator que é fundamental para a metodologia empregada nesta pesquisa.

No ano de 1982, Robert Darnton publica o artigo “What is the history of books” no número 111 da revista *Daedalus*. O objetivo do autor era, em um momento de aumento das publicações de obras sobre a história dos livros e da multiplicação de escolhas temáticas abordadas pelos pesquisadores voltados a ela, criar um vocabulário comum sobre a temática que pudesse ser usado para dinamizar as trocas entre os estudiosos. O autor, em revisão ao artigo de 1982, publicada em 2007, diz: “a história dos livros sofria de fissiparidade: os especialistas faziam estudos tão especializados que perdiam o contato uns com os outros. Os elementos esotéricos da história do livro precisavam ser integrados em uma visão geral que mostrasse como as partes poderiam se conectar para formar um todo — ou o que caracterizei como um circuito de comunicação” (DARNTON, 2007, p. 495).

A partir dessa constatação, Darnton propõe um diagrama (Figura 2), o “circuito de comunicação”, no qual diferentes etapas da produção e apropriação do livro são interligadas. Em 1982, então, ele propunha esse modelo que poderia ser útil para a forma de analisar o surgimento dos livros e seu espalhamento na sociedade. O ciclo de vida do livro, desde a invenção do tipo móvel, segundo o autor, é mais ou menos o mesmo, o que facilitaria a incorporação do esquema apresentado para diferentes períodos da história. Este circuito, em sua concepção, poderia ser descrito como aquele que une as etapas presentes de confecção de uma obra, desde o autor até a editora, partindo para o impressor, o distribuidor, a livraria, e, enfim, para o leitor.

Para que a história do livro seja um objeto administrável pelo historiador, alguns autores costumam focar em um dos segmentos do circuito, analisando suas especificidades a partir de um problema a ela associado, como a impressão, a leitura, a comercialização, a edição etc. Mas essas partes, segundo Darnton, devem ser relacionadas ao todo para que seu sentido seja tomado de forma plena (DARNTON, 1982). Apesar do autor analisar as deficiências de seu diagrama em artigo de revisão publicado em 2007, a sua função parece apropriada à esta pesquisa ao auxiliar na visualização da singularidade da biblioteca universitária. Como foi demonstrado no início deste capítulo através do exemplo do livro de

Bruand, as instâncias legitimadoras, receptoras e criadoras confundem-se (Figura 3) quando partem de sujeitos pertencentes à comunidade de sentido da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP durante a segunda metade do século XX.



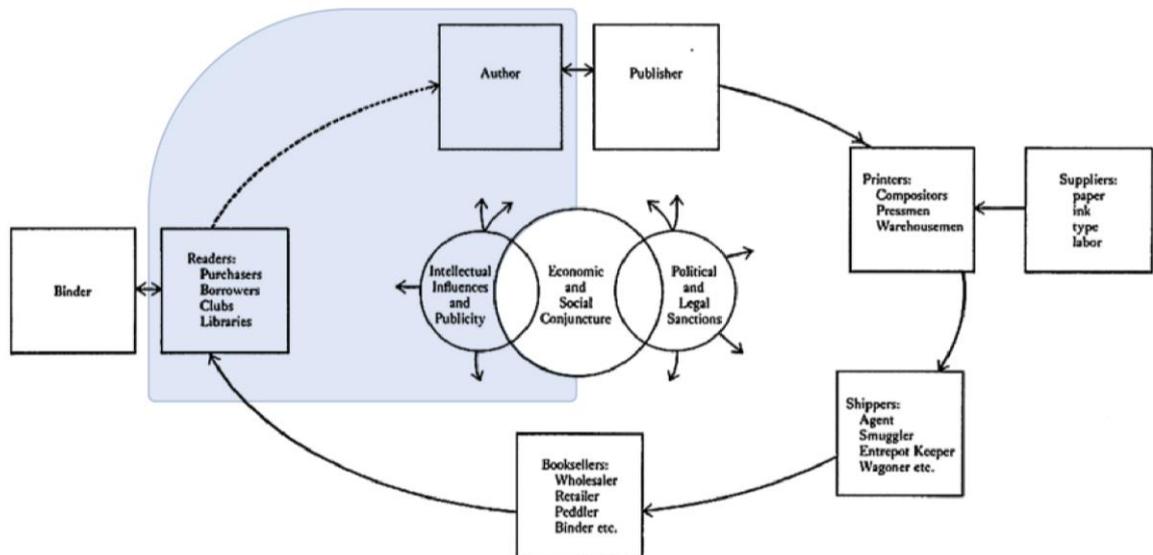
**Figura 2:** O circuito da comunicação de Darnton

**Fonte:** Darnton, 1982.

O diagrama abaixo apresentado (Figura 3) tem como objetivo, a partir do circuito criado por Darnton, representar a sobreposição acima descrita. Nela, autores, intelectuais, divulgadores trocam de posição com frequência, interferindo no processo de circulação do livro e, conseqüentemente, nos processos de transferência cultural e disciplinares observadas na Faculdade.

A singularidade observada no funcionamento da biblioteca da FAUUSP impõe ao pesquisador a necessidade de observá-la a partir de seu funcionamento específico, na qual a configuração disciplinar não se dá apenas pela escrita de teses, dissertações, livros, artigos etc., mas também através de ferramentas próprias ao funcionamento cotidiano da biblioteca, como a criação dos metadados vinculados aos volumes recebidos e comprados. A biblioteca, apesar de existir a partir da soma de exemplares singulares, afirma-se a partir de seu todo, em que processamento das obras se dá em um modelo taxonômico da ciência (ESPAGNE, 2005).

Essa taxonomia teve — e tem — um papel fundamental na definição de quais livros devem ser adquiridos pela biblioteca.



**Figura 3:** O circuito da comunicação de Darnton adaptado

**Fonte:** Diagrama adaptado pela autora a partir de Darnton, 1982. Intervenção gráfica: Natan Ferreira.

A taxonomia da ciência não é apenas uma forma de organização de obras no espaço das bibliotecas. Ela define a posição de obras no espaço social, cultural, intelectual e estético na qual ela se insere. Segundo Chartier, é por esta razão que “à dimensão de recuperação diacrônica do passado da disciplina ou da prática, deve-se agregar ou vincular uma outra dimensão, a realidade das relações múltiplas, conflitivas ou colaborativas, entre um indivíduo singular e os outros que, quaisquer que sejam [...], participam do mesmo espaço de criação” (CHARTIER apud FURTADO; COELHO, 2022, p. 1039). É por esta razão que a apreensão da biblioteca a partir de sua comunidade de sentido é tão importante: a razão de ser de determinado livro na coleção é exercido pela leitura comunitária de suas significações múltiplas.

No caso de bibliotecas universitárias especializadas, o “mundo do texto” e o “mundo do leitor” — termos de Paul Ricoeur (2018) — se encontram na instituição por intermédio

dos seus metadados, isso ocorre porque o livro não processado pela biblioteca é um livro não existente para o usuário desta biblioteca. A apropriação e formulação da biblioteca da FAU pela sua comunidade de sentido visa a escrita de uma história da disciplina inscrita em suas práticas específicas. Assim, voltar a atenção para “as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido [...] é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as ideias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.” (CHARTIER, 1991, p. 180).

A partir daqui serão apresentadas três fontes provenientes do funcionamento cotidiano da biblioteca da FAUUSP, todas elas foram desenvolvidas por bibliotecárias da Faculdade entre os anos de 1958 e 2000. São elas: Livro de Tombo da Biblioteca da FAUUSP, *Thesaurus Experimental de Arquitetura* e *Índice da Arquitetura Brasileira*. Por meio da leitura dessas fontes, algumas questões sobre periodização, construção e organização do conhecimento, especificidades dos circuitos dos livros e das transferências culturais e disciplinares associadas à profissionalização da escrita da história da arquitetura serão trabalhadas.

## 2.1 O livro de tomo da biblioteca da FAUUSP

No ano de 1953, a biblioteca da FAUUSP adquire um livro dedicado à organização de coleções bibliográficas. Trata-se do *Decimal Classification*<sup>45</sup> de Mervil Dewey, publicado em Nova York pela Forest Press. O sistema inventado por Dewey no final do século XIX trouxe profundas transformações na organização e uso das bibliotecas. Anteriormente à incorporação do sistema decimal, as coleções eram fechadas ao público, apenas sendo possível o acesso aos títulos através dos catálogos das bibliotecas. Esses catálogos, normalmente organizados em ordem alfabética, forneciam os números de chamada correspondentes aos livros ali depositados.

A organização espacial das prateleiras, por sua vez, correspondia aos números de chamada, de modo que qualquer alteração na coleção acarretava alterações no catálogo, e vice-versa. Comaromi oferece um exemplo deste tipo de correlação entre os espaços das bibliotecas e as obras preservadas, assim como as implicações que tipo de organização gerava:

---

<sup>45</sup> Trata-se do primeiro livro da biblioteca a receber um número de tomo: 000001.

A Origem das Espécies poderia ter sido marcado como J429, onde J indicava biologia, 4 o quarto nível na alcova, 2 a segunda estante e 9 o nono livro. Quando uma biblioteca se movia ou crescia além de seus limites físicos, a coleção geralmente precisava ser renumerada. Os termos usados na parte do catálogo de classe alfabética não mudaram, é claro, mas as marcas de localização, sim. Conseqüentemente, o catálogo impresso teve que ser refeito, ou muitas fichas de catálogo tiveram que ser renumeradas. (COMAROMI, 1976, p. 311)

Desde o século XIX, com o progressivo aumento da atividade editorial e a expansão das bibliotecas, o problema do catálogo e da organização física das bibliotecas ganhavam contornos de urgência. Os catálogos alfabéticos, além dos problemas já colocados, ainda impunham, por meio de sua organização alfabética e não por uma hierarquia de conhecimentos, a quase impossibilidade de acesso aos volumes por usuários leigos ou não treinados nas áreas do conhecimento que os interessavam. A passagem da organização alfabética para o sistema decimal representa, então, uma “mutação dos modos de pensamento em seu nível mais abstrato” (BARBIER, 2018, p. 347), uma inauguração da organização das disciplinas a partir de áreas do saber que exigiriam dos usuários uma mudança na forma de compreender a formulação do conhecimento.

A Classificação Decimal Universal (CDU) de Mevil Dewey, publicada pela primeira vez em 1876, adapta-se, naquele momento, sobretudo, às bibliotecas universitárias ao oferecer aos leitores a possibilidade de levantamentos bibliográficos realizados a partir de seus interesses temáticos. A CDU possibilitaria, ainda, a substituição dos catálogos por fichários (BARBIER, 2018) organizados por tema, autor, título, localização, cronologia e demais observações necessárias. As práticas de trabalho de bibliotecários, alunos universitários e pesquisadores toma, a partir dessas mudanças, outros rumos. Com o CDU, uma forma de compreensão ampliada das áreas do saber tornariam-se possíveis.

O sistema criado por Dewey, desde sua invenção, foi alterado e expandido inúmeras vezes para que pudesse ser aplicado à organização das mais diversas coleções. Esse sistema expandido é dito decimal porque seu arranjo é numérico. Nele, os cem primeiros números foram atribuídos a “trabalhos gerais”, como bibliografias gerais, enciclopédias, dicionários etc. A partir da classe “100”, os números são ordenados a partir de áreas do conhecimento da seguinte maneira: 100, Filosofia; 200, Religião; 300, Ciências Sociais; 400, Línguas; 600, Tecnologia; 700, Artes; 800, Literatura; 900, Geografia Geral e História. O segundo dígito, por sua vez, permite que cada uma das nove classes anteriores seja dividida em subclasses.

Por exemplo: Ciências Sociais dividi-se em 310, Estatística; 320, Ciência Política; 330, Economia; 340, Legislação, e assim por diante (MACHLUP, 1982).

A coleção de livros da FAUUSP é organizada através da CDU. No livro de tomo em que esses livros são listados, uma série de dados a eles conectados são dispostos: data de entrada do livro na coleção da biblioteca; número de tomo; autor; título; número da edição; local da edição; editora; ano de publicação; classificação (CDU); cutter<sup>46</sup>; exemplar e forma de aquisição<sup>47</sup>. O livro de tomo da biblioteca registra os dados de todos os volumes adquiridos a partir de 1953. A existência desses metadados possibilita ao pesquisador a averiguação dos circuitos dos livros e redes intelectuais a eles associadas.

Nesta pesquisa, três seções do livro de tomo foram estudadas. A primeira delas é a seção de classificação “100” do código de Dewey, que corresponde aos livros dedicados à filosofia; a segunda é a seção de classificação “300”, que corresponde aos livros de ciências sociais e, por fim, a seção de classificação “900”, correspondente aos livros de história. Essas análises foram motivadas pelo interesse desta pesquisa em verificar a presença de referências provenientes das ciências humanas na biblioteca durante a virada historiográfica ocorrida na história da arquitetura a partir de 1970, segundo bibliografia. No primeiro capítulo desta dissertação foram apresentados os professores que contribuíram com este movimento, assim como as disciplinas que os auxiliaram em suas pesquisas. É a partir da observação de aproximações com a filosofia, com as ciências sociais e com a história que a escolha das seções a serem observadas no livro de tomo foi feita.

A seguir, três tabelas são apresentadas (Tabela 01, Tabela 02 e Tabela 03), sendo que, cada uma delas, correspondente a uma das disciplinas selecionadas. Nelas, dados quantitativos acerca da coleção da FAUUSP são apresentados. O primeiro deles corresponde ao número de livros de cada uma das disciplinas presente na biblioteca. O segundo e o terceiro dados procuram comparar o número de livros nacionais e de estrangeiros sob cada uma das classificações; por fim, os números de livros doados e comprados pela biblioteca são colocados lado a lado. Esses números trazem pistas acerca das bases intelectuais das quais os

---

<sup>46</sup> O cutter é um código alfanumérico que representa o sobrenome do autor da obra, com a finalidade de individualizar o livro na coleção.

<sup>47</sup> Na coluna “forma de aquisição” do livro de tomo é listada a forma de entrada do livro na biblioteca. Duas são as opções: compra e doação. Quando uma obra é adquirida, a célula é preenchida com o nome da livraria onde o livro foi comprado. Agora, quando uma obra é doada à biblioteca, o nome do doador geralmente preenche a célula junto à indicação de doação.

livros pertenciam — se nacionais ou estrangeiras — e se havia disposição por parte Faculdade em investir nas áreas de conhecimento selecionadas, através da compra de obras.

Como fica claro na exposição de autores anteriormente citados, como Roche e Chartier, o método quantitativo não é suficiente para a compreensão de uma biblioteca. Por esta razão, dados qualitativos também serão aqui explorados. No entanto, inicialmente, é necessário sinalizar que as evidências quantitativas, no caso da tabela voltadas às ciências sociais, e qualitativas, no caso das seções voltadas à história e à filosofia, permitem afirmar que a mudança historiográfica que ocorreu na forma de escrita da história da arquitetura influenciou e foi influenciada pelos volumes existentes na biblioteca. Desta forma, ainda é possível afirmar que o estudo de bibliotecas universitárias especializadas pode ser aplicado em outras áreas do conhecimento para que histórias de disciplinas diversas sejam escritas.

Na tabela 01 é possível perceber um esforço da Faculdade na aquisição de significativo volume de livros voltados às ciências sociais desde os anos 1950, ocorrendo, nesta década, a predominância pela compra de exemplares importados, ainda sem tradução no Brasil. Como foi possível constatar no primeiro capítulo, uma parte dos primeiros professores contratados para o AUH eram provenientes das ciências sociais, principalmente a sociologia, como Juarez Brandão Lopes e Maria Ruth Amaral de Sampaio. Lopes, inclusive, é figura constante na lista de doares de livros de sociologia à biblioteca da FAUUSP.

Nos anos 1950, as livrarias Pioneira, Triângulo, Kosmos, Ler, Francesa, Italiano são as principais fornecedoras de livros à FAUUSP. Nos anos 1960, somam-se a elas, as livrarias Parthenon e Duas Cidades. Durante os anos 1970, Labor e London Art Bookshop fornecem livros de história à Faculdade. Nos anos 1980, a livraria Dragone e a Grossohaus Wegner também aparecem entre as fornecedoras. Nos anos 1990, a Cultura, a Canuto, a Belas Artes e a Bumpus também compõem o quadro.

Em relação às disciplinas, é possível perceber que os autores dos livros de ciências sociais comprados nos anos 1970, correspondem àqueles que possuíam um lugar de prestígio em seu campo de origem. Trata-se de Fernando Henrique Cardoso, Celso Furtado, Raymond Aron, Nelson Werneck Sodré, Jean Baudrillard, Edgar Morin, Juarez Brandão Lopes, Paul Singer, Fernand Braudel, Lucio Kowarick, Sérgio Buarque de Holanda, Henri Lefebvre, Octavio Ianni, Howard Becker, Richard Morse, Gabriel Cohn, Gilberto Freire, Florestan Fernandes, Lewis Mumford, Max Weber e György Lukács. Alguns desses nomes, como Singer, Kowarick, Cardoso, Lopes, Cohn e Fernandes foram formados e lecionavam na FFLCH. Isto

indica que as relações travadas em FAU e FFCL / FFLCH abordadas no primeiro capítulo se expandem no tempo através da circulação de publicações.

**Tabela 01 - Livros sob classificação "300": Ciências Sociais e educação**

<b>Década</b>	<b>Nº total de livros adquiridos por década</b>	<b>Nº livros sob classificação "300"</b>	<b>Nº de livros sob classificação "300" em %</b>
<b>1950</b>	5361	370	6,90%
<b>1960</b>	6273	558	8,90%
<b>1970</b>	9784	1303	13,32%
<b>1980</b>	6005	878	14,62%
<b>1990</b>	7112	507	7,13%

<b>Década</b>	<b>Nº livros nacionais</b> (total e % a partir da classificação "300")	<b>Nº livros importados</b> (total e % a partir da classificação "300")	<b>Nº livros sem localização da edição</b> (total e % a partir da classificação "300")
<b>1950</b>	164 (44,6%)	204 (54,9%)	2 (0,5%)
<b>1960</b>	317 (56,8%)	228 (40,9%)	13 (2,3%)
<b>1970</b>	750 (57,5%)	517 (39,7%)	36 (2,8%)
<b>1980</b>	656 (74,7%)	202 (23,0%)	20 (2,3%)
<b>1990</b>	264 (52,1%)	223 (43,9%)	20 (4%)

<b>Década</b>	<b>Nº livros comprados</b> (total e % a partir da classificação "300")	<b>Nº livros doados</b> (total e % a partir da classificação "300")	<b>Outras formas de acesso à coleção</b> (total e % a partir da classificação "300")
<b>1950</b>	290 (78,4%)	80 (21,6%)	0
<b>1960</b>	397 (71,2%)	161 (28,8%)	0
<b>1970</b>	705 (54,1%)	594 (45,6%)	4 (0,3%)
<b>1980</b>	397 (45,2%)	466 (53,1%)	15 (1,7%)
<b>1990</b>	119 (23,5%)	383 (75,5%)	5 (1,0%)

**Fonte:** Tabela elaborada pela autora a partir do livro de tomo da biblioteca da FAUUSP (2023)

**Tabela 02 - Livros sob classificação "900": História e geografia**

<b>Década</b>	<b>Nº Total de livros adquiridos por década</b>	<b>Nº Livros sob classificação "900"</b> (total e %)	<b>Nº de livros sob classificação "900" em %</b>
<b>1950</b>	5361	384	7,16%
<b>1960</b>	6273	512	8,16%
<b>1970</b>	9784	573	5,86%
<b>1980</b>	6005	363	6,04%
<b>1990</b>	7112	261	3,67%

<b>Década</b>	<b>Nº Livros nacionais</b> (total e % a partir da classificação "900")	<b>Nº Livros importados</b> (total e % a partir da classificação "900")	<b>Nº livros sem localização da edição</b> (total e % a partir da classificação "900")
<b>1950</b>	156 (40,6%)	224 (58,3%)	4 (1,1%)
<b>1960</b>	292 (57,0%)	209 (40,8%)	11 (2,2%)
<b>1970</b>	398 (69,46%)	171 (29,84%)	4 (0,7%)
<b>1980</b>	286 (78,8%)	70 (19,3%)	7 (1,9%)
<b>1990</b>	161 (61,7%)	92 (35,2%)	8 (3,1%)

<b>Década</b>	<b>Nº Livros comprados</b> (total e % a partir da classificação "900")	<b>Nº Livros doados</b> (total e % a partir da classificação "900")	<b>Outras formas de acesso à coleção</b> (total e % a partir da classificação "900")
<b>1950</b>	350 (91,2%)	34 (8,8%)	0
<b>1960</b>	422 (82,42%)	86 (16,8%)	4 (0,8%)
<b>1970</b>	188 (32,9%)	380 (66,4%)	4 (0,7%)
<b>1980</b>	110 (30,3%)	248 (68,3%)	5 (1,4%)
<b>1990</b>	77 (29,49%)	183 (70,11%)	1 (0,4%)

**Fonte:** Tabela elaborada pela autora a partir do livro de tombo da biblioteca da FAUUSP (2023)

**Tabela 03 - Livros sob classificação "100": Filosofia e psicologia**

<b>Década</b>	<b>Nº Total de livros adquiridos por década</b>	<b>Nº Livros sob classificação "100" (total e %)</b>	<b>Nº de livros sob classificação "100" em %</b>
<b>1950</b>	5361	14	0,26%
<b>1960</b>	6273	63	1,00%
<b>1970</b>	9784	114	1,16%
<b>1980</b>	6005	103	1,71%
<b>1990</b>	7112	144	2,02%

<b>Década</b>	<b>Nº Livros nacionais (total e % a partir da classificação "100")</b>	<b>Nº Livros importados (total e % a partir da classificação "100")</b>	<b>Nº livros sem localização da edição (total e % a partir da classificação "100")</b>
<b>1950</b>	2 (14,3%)	12 (85,7%)	0
<b>1960</b>	24 (38,1%)	39 (61,9%)	0
<b>1970</b>	60 (52,6%)	52 (45,6%)	2 (1,7%)
<b>1980</b>	72 (69,9%)	31 (30,1%)	0
<b>1990</b>	49 (34,0%)	88 (61,1%)	7 (4,9%)

<b>Década</b>	<b>Nº Livros comprados (total e % a partir da classificação "100")</b>	<b>Nº Livros doados (total e % a partir da classificação "100")</b>	<b>Outras formas de acesso à coleção (total e % a partir da classificação "100")</b>
<b>1950</b>	13 (92,8%)	1 (7,1%)	0
<b>1960</b>	51 (80,9%)	12 (19,0%)	0
<b>1970</b>	66 (57,9%)	48 (42,1%)	0
<b>1980</b>	77 (74,7%)	26 (25,2%)	0
<b>1990</b>	70 (48,6%)	65 (45,1%)	9 (6,25%)

**Fonte:** Tabela elaborada pela autora a partir do livro de tomo da biblioteca da FAUUSP (2023)

Nesta década, a seção “300” recebe doações de Alberto Xavier, Juarez Brandão Lopes, Gabriel Bolaffi, Carlos Lemos, Neide Patarra e Julio Katinsky, todos professores da Faculdade. Ainda, a biblioteca recebeu doações de autores de obras, de editores, de editoras universitárias, como a EDUSP e a Editora da UFRGS, de prefeituras, de órgãos governamentais, como o BNH e do GFAU.

Em 1980, os principais doadores de obras são Maria Adelia Souza, Paulo Bruna, Lucio Gomes Machado, Murillo Marx e Nestor Goular, todos professores da FAUUSP. A biblioteca também recebeu doações da Edusp e da Editora da UnB. Nos anos 1990, as doações são provenientes de Erminia Maricato, Murillo Marx, Nestor Goulart, Julio Katinsky, Ana

Belluzo, todos professores da faculdade, além de doações provenientes de compras feitas através de recursos de reserva técnica da FAPESP, feitas por alunos de pós-graduação.

Desde a década de 1980, o número de livros de ciências sociais comprados pela Faculdade é superado pelo número de livros doados a esta mesma categoria. Porém, é nos anos 1990 que a diferença numérica se mostra ainda mais latente. Naquele momento, o número de livros doados alcança  $\frac{3}{4}$  do total de livros voltados às ciências sociais que entram na biblioteca. A partir de certa cobertura dos lançamentos nacionais pelas doações, a Faculdade opta pela compra de exemplares estrangeiros, como aqueles escritos por Fernand Braudel, Félix Guatarri, Guy Debord, Pierre Bourdieu, Manuel Castells, Bernard Lepetit, E. P. Thompson e Jane Jacobs, autores destacados nas humanidades, e que foram também incorporados pela história da arquitetura.

No entanto, percebe-se que a compra de livros de história não alcança o volume de compras feitas para as ciências sociais. Uma hipótese para esta característica é a de que a história na FAUUSP seria trazida para as discussões de maneira mais pormenorizada a partir da entrada de Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lanna para o AUH nos anos 1990. Antes disso, as ferramentas e problemas das ciências sociais eram majoritárias no Departamento.

Entre os anos 1950 e 1970, percebe-se que a compra de obras de história era voltada aos livros de viajantes<sup>48</sup> que percorreram o território brasileiro, assim como histórias gerais de civilizações. Os autores que figuram entre as entradas da coleção durante esses anos foram: Debret, Varhaghen, Franz Kohout, Gastão Cruls, Rughendas, Saint-Hilaire, Thomas Davatz, Charles Ribeyrolles, Jean de Léry, Carl Seidler, Joan Nieuhof, John Luccock, Padre Sepp, Daniel Kidder, Carl Von Koseritz, Augusto Saint Hillaire, Martius, Hans Staden, entre outros. Além desses, aparecem alguns volumes ligados à Coleção História Geral da Civilização Brasileira — coordenada por Sérgio Buarque de Holanda e Pedro Moacyr Campos, historiador e doutor pela FFCL — além de poucos livros de Alfredo d'Escagnolle Taunay, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., Carlos Guilherme Mota, Richard Morse, Nestor Goulart e Sérgio Buarque. Nos anos 1990, livros de Murillo Marx, Philippe Ariès, Nicolau Sevcenko, Alfredo Bossi, Janice Theodoro Silva, Peter Gay, Carl Schorske, Aldo Rossi, Ana Lanna, Michelle Perrot, Pierre Nora e Carlo Ginzburg entram na coleção. Os interesses

---

<sup>48</sup> Os livros dos viajantes, no entanto, são a base para a pesquisa de Ana Maria Bulluzo que em 1977 defende sua tese de livre-docência intitulada *Brasil dos Viajantes*. É possível também pensar no aumento do número de publicações dos relatos dos viajantes a partir do uso de impressão tipo offset no Brasil, que eleva a qualidade da impressão de imagens, algo comum nos livros dos viajantes, o que facilitava a comercialização deste tipo de material.

renovados pela história, seus temas e seus métodos se mostram de forma clara por intermédio das mudanças no caráter dos livros que são adicionados à biblioteca da FAUUSP a partir dos anos 1990.

A filosofia, por sua vez, conta com um número pequeno de aquisições e doações, quando comparada às ciências sociais e à história. Apesar desta área de conhecimento contar com relevante compra de obras nos anos 1970, os livros adquiridos correspondiam aos clássicos da disciplina. Essa característica continua presente também nos anos 1980 e é apenas em 1990, quando Otília Arantes se coloca de forma mais constante no ambiente da FAUUSP, que os livros de autores de interesse para a história da arquitetura — a partir da leitura de Arantes, principalmente — são adquiridos.

Percebe-se, portanto, a relação travada entre a presença de professores com interesses e pesquisas voltadas às humanidades — assim como a sua influência institucional — e o aumento do volume e qualidade das obras adquiridas pela biblioteca da FAUUSP ao longo da segunda metade do século XX.

## **2.2. O *Thesaurus Experimental de Arquitetura***

O *Thesaurus Experimental de Arquitetura* é um tesouro de autoria de Eunice R. Ribeiro Costa e Tatiana Douchkin, então bibliotecárias da FAUUSP, lançado em 1982, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq. Eliana de Azevedo Marques, que também foi bibliotecária da faculdade, em seu artigo “A seção técnica de materiais iconográficos da biblioteca da FAUUSP: origem e história”, de 2021, destaca que o corpo técnico da biblioteca, desde os anos 1950, desenvolveu ferramentas bibliográficas especializadas (MARQUES, 2021) para que o funcionamento do ensino e da pesquisa na Faculdade fosse otimizado. Vê-se, desde a apresentação do Livro de Tombo da biblioteca, que o trabalho dos bibliotecários é parte fundamental da história desta instituição. Mouren (2021) percebe que quando a história das bibliotecas é construída sem a presença dos bibliotecários, ela acaba por perder o fator humano que molda e moderniza a biblioteca e seus usos. O trabalho das bibliotecárias sobre o *Thesaurus* mostra não apenas uma intervenção no espaço da biblioteca, mas também no campo da arquitetura. Afinal, o *Thesaurus* é peça ativa no discurso público sobre a arquitetura, e não apenas uma reprodução desse discurso (ANDERSON; SKOUVIG, 2006). Mendes, Reis e Maculan destacam que os *thesaurus* podem ser organizados através de relações partitivas, indicando que há

um elo entre um todo e suas partes, e o conceito do todo pode ser relativo a um “corpo, um organismo, um sistema” (DODEBEI, 2002, p.9). [...] as relações partitivas podem ser obtidas a partir das especificações das partes de um objeto natural (planta, animal), dos elementos de um produto (edifício, avião) ou de um setor organizacional (um Estado e suas cidades, uma empresa e suas seções). (MENDES, REIS, MACULAN, 2015, 55)

O *Thesaurus Experimental de Arquitetura* é obra pioneira na construção de linguagem documentária específica para a arquitetura no Brasil. Os tesaurus, através da criação de elos entre conceitos, tem como objetivo a constituição de “um vocabulário hierárquico de controle de terminologia para traduzir a linguagem usual empregada nos documentos numa linguagem sistemática, também chamada de linguagem documentária ou de informação” (RIBEIRO COSTA, 1982, p. 5). Segundo Marques (2021), o *Thesaurus* serviu de base para trabalhos acadêmicos e o desenvolvimento de outros vocabulários controlados na área da arquitetura.

É essencial, no entanto, compreender qual o ponto de partida de Costa e Douchkin para a elaboração do documento. Consta na apresentação do *Thesaurus* que as autoras tomaram a definição de Lucio Costa para o termo “arquitetura”. Ele a define como “construção concebida com uma determinada intenção plástica, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de um determinado material, de uma determinada técnica e de um determinado programa”. A partir desta definição, o *Thesaurus* tende a construir um vocabulário voltado ao caráter construtivo do campo, afastando-se das possibilidades de compreensão da arquitetura como uma disciplina devotada ao ato interpretativo, como sugere Beatriz Colomina (1988) e já debatido por Eduardo Costa (2021).

Ainda, é a partir de Costa que os campos semânticos do *Thesaurus* são retirados: **forma, função, técnica e tempo** regem as relações compreendidas pela obra. A partir da determinação do campo semântico, são apresentados os descritores de cada um dos campos. Ao campo **função**, por exemplo, seguem descritores de primeiro, segundo, terceiro e quarto graus, na seguinte ordem: **função** → *habitação* → *dependência da habitação* → *sala* → *sala de estar*. Onde *habitação* é um descritor de primeiro grau, *dependência da habitação* é um descritor de segundo grau, *sala* é um descritor de terceiro grau e *sala de estar* é um descritor de quarto grau. Verifica-se que, à proporção em que decresce a escala hierárquica, aumenta o sentido de especificação do termo. A hierarquia apresentada neste trabalho serviu como meio de estruturação dos conceitos num quadro geral de modo a englobar os assuntos mais utilizados no campo da arquitetura.

Por meio dos campos semânticos: **forma, função, técnica e tempo**, são articulados os descritores de primeiro nível, como é possível perceber pelo exemplo acima citado. A seguir, são apresentados todos os descritores de primeiro grau a partir de seus campos semânticos:

**Forma:** *arquitetura de interiores, arquitetura paisagística, desenho industrial, estética arquitetônica, planejamento nacional, planejamento regional, planejamento rural, planejamento urbano.*

**Função:** *circulação e comunicação, cultura, habitação, trabalho.*

**Técnica:** *Canteiro de serviço, equipamento de construção, estrutura coberta, estrutura elemento balanceado, estrutura elemento elevado, estrutura elemento ornamental, estrutura elemento reentrante, estrutura elemento sustentado, estrutura elemento sustentante, estrutura pavimento, estrutura sistema construtivo, estrutura vão, estrutura vedado, material de construção, plano e especificações da obra, terreno.*

**Tempo:** *arte.*

Durante a análise deste documento, dois descritores de primeiro nível chamaram a atenção: *habitação* e *arte*. Ao campo semântico **tempo** um descritor de primeiro nível é associado a ele, trata-se do descritor *arte*. Ao descritor *arte*, três outros descritores são associados: *aspectos de arquitetura à margem do tempo, aspectos da arte à margem do tempo* e *história da arquitetura*. Em *história da arquitetura*, são associados os descritores de terceiro grau: *arquitetura acadêmica civil – Sec. 19; arquitetura acadêmica civil - Séc. 20; arquitetura acadêmica oficial – Séc. 19; Arquitetura acadêmica oficial – Séc. 20; Arquitetura acadêmica religiosa – Séc. 19; Arquitetura acadêmica religiosa – Séc. 20; Aquitetura art deco; Arquitetura art nouveau; Arquitetura barroca civil – Séc. 16; Arquitetura Barroca Civil – Séc. 17; Arquitetura barroca civil – Séc. 18; Arquitetura barroca religiosa – Séc. 16; Arquitetura barroca religiosa – Séc. 17; Arquitetura barroca religiosa – Séc. 18; Arquitetura eclética civil – Séc. 19; Arquitetura eclética civil – Séc. 20; Arquitetura eclética religiosa – Séc. 19; Arquitetura eclética religiosa – Séc. 20; Arquitetura litorânea – Séc. 16; Arquitetura litorânea – Séc. 17; Arquitetura litorânea – Séc. 18; Arquitetura litorânea – Séc. 19; Arquitetura moderna civil – Séc. 20; Arquitetura moderna oficial – Séc. 20; Arquitetura moderna religiosa – Séc. 20; Arquitetura modernista civil – Séc. 20; Arquitetura modernista oficial – Séc. 20; Arquitetura modernista religiosa – Séc. 20; Arquitetura neo-clássica civil – Séc. 19; Arquitetura neo-clássica oficial – Séc. 19; Arquitetura neo-clássica religiosa – Séc. 19; Arquitetura neo-colonial civil – Séc. 20; Arquitetura neo-colonial religiosa – Séc. 20;*

*Arquitetura racionalista; Arquitetura rococó civil – Séc. 18; Arquitetura rococó oficial – Séc. 18; Arquitetura rococó religiosa – Séc. 18; Arquitetura rural – Séc. 16; Arquitetura rural – Séc. 17; Arquitetura rural – Séc. 18; Arquitetura rural – Séc. 19; Arquitetura rural – Séc. 16; Arquitetura rural – Séc. 17; Arquitetura rural – Séc. 18; Arquitetura rural – Séc. 19.*

Se um pesquisador interessado em história da arquitetura tomasse o campo semântico tempo para a elaboração de sua pesquisa, ele a trabalharia a partir da perspectiva artística da arquitetura e sua periodização seria atrelada aos estilos arquitetônicos. Há, porém, um outro descritor, *habitação*, que tende a desafiar esta lógica de concepção da história arquitetura. O esquema no qual o descritor se encaixa é produzido da seguinte forma: **Função** → *habitação* → *aspecto histórico da habitação* → *casa bandeirista, casa século 16, casa século 17, casa século 18, casa século 19, casa de 1900-1920, casa de 1920-1940, casa de 1940-1960, casa de 1960-1970, casa de 1970 em diante, casa grande, casa indígena, senzala.*

Neste esquema parece haver um problema histórico e social que motiva a escolha de vocabulários, em especial as formas de habitar de cada um dos grupos sociais — como aqueles que habitam a casa bandeirista, a casa grande, a casa indígena, ou ainda, a senzala — em seu próprio tempo. Nesse sentido, a habitação se coloca como um problema para história, superando o esquema anteriormente apresentado no qual a arquitetura era tomada como uma expressão artística que não implicaria na colocação de perguntas para a disciplina, prática típica desenvolvida pelos historiadores dos *Annales*.

No ano em que o *Thesaurus* é lançado, o programa de doutorado da faculdade existia há apenas dois anos. As mudanças de forma da escrita da história da arquitetura são colocadas por Guerra e Silva como frutos da pesquisa desenvolvidas pelo programa. No entanto, este *Thesaurus* nos mostra que as ideias acerca da escrita da história já se mostravam, mesmo que deficitária de elaboração teórica, em curso neste ano de 1982. Estas pistas podem indicar que as temporalidades vinculadas à historiografia da arquitetura podem, então, ser repensadas.

### **2.3. O Índice de Arquitetura Brasileira**

O Índice de Arquitetura Brasileira é um compilado de artigos sobre arquitetura publicados em periódicos e revistas comerciais. Os números do Índice abrangem os anos de: 1950 – 1970; 1971 – 1980; 1981 – 1983; 1984 – 1989; 1990 – 1991; 1992 – 1993 e 1994 – 1995. Coordenado pela bibliotecária Eunice Ribeiro Costa, o primeiro volume do *Índice de*

*Arquitetura Brasileira* é publicado no ano de 1974, abrangendo o período de 1950 a 1970. Nele são indexados, catalogados e classificados artigos publicados em revistas nacionais especializadas em arquitetura. Os periódicos consultados para a formulação do primeiro número foram:

- *Arquitetura Brasileira do Ano – Cadernos de Arquitetura Brasileira*. Editado no Rio de Janeiro e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1967 – 70.
- *Arquitetura e Construção*. Editado em São Paulo e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1966 – 67.
- *Arquitetura e Decoração*. Editado em São Paulo e artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1953 – 58.
- *Acrópole*. Editado em São Paulo e com artigos levantados entre os números publicados entre os anos de 1950 – 70.
- *Arquitetura*. Editado no Rio de Janeiro e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1961 – 69.
- *Bem Estar*. Editado em São Paulo e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1958 – 60.
- *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Editado no Rio de Janeiro e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1953 – 57.
- *Casa e Jardim*. Editado no Rio de Janeiro e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1966 – 70.
- *Engenharia Municipal*. Editado em São Paulo e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1955 – 70.
- *Habitat*. Editado em São Paulo e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1950 – 65.
- *Módulo*. Editado no Rio de Janeiro e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1955 – 65.
- *Projeto e Construção*. Editado em São Paulo e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1970.
- *Publicação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Editado no Rio de Janeiro e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1938 – 60.
- *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Editado no Rio de Janeiro e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1937 – 69.

Observa-se na lista acima que os periódicos não são de caráter inteiramente científico, como os periódicos que hoje são disseminados na academia. Apesar de especializados, estas revistas, talvez com exceção de *Engenharia Municipal*, eram lidas por arquitetos que não estavam inseridos no ambiente acadêmico enquanto estudantes ou professores. Além dos arquitetos profissionais, alguns dessas revistas também eram publicações voltadas à cultura, como a *Habitat* e a *Casa e Jardim*, interessando também aos leitores não arquitetos. Neste volume do *Índice da Arquitetura Brasileira*, as seções dedicadas à história da arquitetura são agrupadas na seção “Arquitetura – História” e, a partir dela, organizadas a partir da região de sua construção. Assim, artigos voltados à arquitetura no Japão, na Alemanha ou no Brasil estão lá listados.

Diferentemente da primeira publicação do *Índice*, o número referente aos anos 1970 possui apoio do Ministério da Educação (MEC), através de sua Secretaria de Educação Superior e é impresso em Brasília-DF. Eunice R. Ribeiro Costa ainda é responsável pela pesquisa e coordenação desta publicação.

Os periódicos consultados para o segundo número foram:

- *Arquitetura Brasileira*. Editado no Rio de Janeiro e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1971 – 76.
- *Acrópole*. Editado em São Paulo e com artigos reunidos entre os números publicados entre os anos de 1971.
- *Barroco*. Editado em Belo Horizonte e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1971 – 79.
- *Casa e Jardim*. Editado no Rio de Janeiro e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1971 – 80.
- *CJArquitetura*. Editado no Rio de Janeiro e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1973 – 78.
- *CONDEPHAAT*. Editado em São Paulo e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1977.
- *Engenharia Municipal*. Editado em São Paulo e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1955 – 70.
- *A Construção em São Paulo*. Editado em São Paulo e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1971 – 80.

- *Módulo*. Editado no Rio de Janeiro e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1975 - 80.
- *Pampulha*. Editado em Belo Horizonte e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1979 – 80.
- *Projeto*. Editado em São Paulo e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1977 – 80.
- *Projeto e Construção*. Editado em São Paulo e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos 1971 - 74.
- *Publicações do SPHAN*. Editado em Brasília e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1978.
- *Revista do Arquivo Municipal*. Editado no Rio de Janeiro e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos 1971 - 79.
- *Revista da Fundação Jones dos Santos Neves*. Editado em Vitória e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos 1978 - 79.
- *Revista Brasileira de Geografia*. Editado em Brasília e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1978.
- *Revista da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Editado em Brasília e com artigos reunidos a partir dos números publicados entre os anos de 1978.
- *Revista SPAM*. Editado em São Paulo e com artigos reunidos a partir dos números publicados em 1980.

Neste número, é possível perceber a conformação de uma especialização da pesquisa em arquitetura através da aproximação com ciências vizinhas, como a geografia, ou a revista do arquivo histórico, voltada à discussão documental e histórica.

Na seção “Arquitetura – História”, artigos de Affonso Ávila para a revista *Barroco* comenta a obra de Nestor Goulart, *Quadro da Arquitetura no Brasil*. Carlos Lemos, por sua vez, tem artigo publicado em *CJ Arquitetura*, sob o título “Breve relato sobre as construções paulistas: colônia e império”, assim como na revista *Módulo*, com “A preservação da fisionomia paulista”. Ainda, vê-se a presença de artigo de Benedito Lima de Toledo na revista *CJ Arquitetura*, intitulado “Em um século, três cidades”.

Conforme o aumento das publicações de artigos ocorre, a publicação do *Índice* se torna mais recorrente. Existem, portanto, publicações dedicadas aos seguintes anos: 1981-83; 1984-89; 1990-91; 1992-93 e 1994-95.

O Número dedicado aos anos de 1981-83 volta a ser editado em São Paulo e não recebe apoio do MEC. A pesquisa e coordenação da publicação ainda é de Ribeiro Costa, porém Emily Ann Labaki Agostino colabora com o trabalho, além de ser sua revisora. Neste número, chama a atenção a inclusão do periódico *Espaço e Debates*, voltado ao público acadêmico. Este periódico parece inaugurar um novo movimento do *Índice*, logo nos anos seguintes à inauguração do programa de doutorado da FAUUSP (1980), quando há uma ampliação dos formatos de publicação em arquitetura, expandindo o olhar para além das revistas profissionais ou de cultura.

Neste mesmo número, um primeiro artigo dedicado à Filosofia é registrado. Trata-se de um texto de Ermínia Maricato, intitulado “A questão da ideologia na arquitetura e nos objetos de consumo”, escrito para a revista *Sinopses*. É possível ainda verificar que Hugo Segawa publica seis dos onze artigos listados na seção “Arquitetura – História”. Entre eles, o texto “A arquitetura na capital e um estado novo”, pela *Projeto*.

Guerra chama a atenção para o papel desempenhado pelas revistas não acadêmicas a partir dos anos 1980 nas mudanças na forma de encarar o passado arquitetônico. Segundo o autor:

No campo das publicações periódicas, depois de um interregno de quase uma década sem revistas de arquitetura relevantes, o quadro irá se reverter nos anos 1980, “No Brasil”, assinala Hugo Segawa, “revistas como *Habitat* e *Módulo* dos anos 1950 e *Acrópole* dos anos 1960 (com menos rigor) aproximaram-se das linhas editoriais de tendência, como *Arquitetura* refletiu as posições da corporação nessa mesma década, até o fencimento da imprensa de arquitetura no início dos anos 1970. O ressurgimento das publicações regulares nos anos 1980, com a *Projeto* (a partir de 1979) e *AU* (desde 1985), não marcou a retomada de ‘revistas de tendência’, mas refletiu as incertezas de um país no limiar da redemocratização, o atordoamento pós-moderno e a concordata da modernidade brasileira. [...] Na revista *Projeto* daquele período é possível encontrar textos jornalísticos inspirados, em que a intuição dos articulistas aponta para temas e questões inovadoras, e o início de preocupações mais rigorosas do ponto de vista crítico e histórico. (GUERRA, 2010, p. 14-15)

No número dedicado aos anos 1984 – 1989, Emily Ann Labaki Agostino passa a ser responsável pela pesquisa e coordenação, enquanto Mônica de Arruda Nascimento, também bibliotecária, passa a ser responsável pela revisão do volume. Neste número, os periódicos consultados não são listados. Porém, a seção “Arquitetura – História” ainda é mantida. Nela,

Hugo Segawa volta a figurar entre os autores de artigos voltados à história da arquitetura, assim como Ruth Verde Zein, com “O futuro do passado” para a *Projeto*. Ainda, é possível verificar a existência da indexação de um texto de Otilia Arantes, “Arquitetura francesa: frente e verso”, para a *Arquitetura e Urbanismo* e Julio Katinsky com “Arquitetura Paulista: uma perigosa montagem ideológica”, para a *Arquitetura e Urbanismo*. Neste número é possível perceber a crítica e história da arquitetura ainda atreladas às publicações comerciais.

O número dedicado às publicações de 1990 e 1991 só é publicado em 1996 sob pesquisa, coordenação e revisão de Mônica de Arruda Nascimento, bibliotecária da faculdade. O número é impresso pela Seção de Publicações da própria FAUUSP. Nele, é possível verificar novamente a lista de periódicos consultados. Entre eles, um chama a atenção: *Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação da FAUUSP*, a revista *Pós* publica artigos acadêmicos voltados à arquitetura e ao urbanismo e parece enfatizar o processo de profissionalização do fazer científico voltado à arquitetura. Se no primeiro número do Índice, as publicações eram voltadas não apenas para o público acadêmico, mas para arquitetos dedicados ao projeto e à construção, o número dedicado aos anos 1990-1991 mostra uma mudança nesse padrão de interesse da Faculdade, que se voltava aos periódicos acadêmicos. O Índice ainda indica o passo vagaroso da profissionalização da escrita da história da arquitetura a partir do cotidiano da biblioteca e das pesquisas empreendidas na FAUUSP. Prova deste desenvolvimento é o aparecimento da revista acadêmica *Óculum*, da PUCCAMP, entre os periódicos revisitados para a edição dedicada aos anos de 1992 e 1993. Neste número, os pesquisadores tidos como responsáveis pela mudança na forma de escrita da arquitetura, como Maria Lucia Bressan Pinheiro, Ruth Verde Zein e Hugo Segawa aparecem com mais força. Os temas, como sinaliza o texto de Homem, avançam na direção da história amparada pela documentação histórica e preocupações do campo da História.

\*\*\*

### 3. A CONSTRUÇÃO DE UMA BIBLIOTECA, DE UM DEPARTAMENTO, DE UM CAMPO

Em entrevista concedida ao periódico *Geosul*, Maria Adélia Aparecida de Souza, geógrafa formada pela FFCL, e professora da FAUUSP até assumir o cargo de docente da FFLCH junto ao curso de Geografia, ao ser questionada sobre sua atuação profissional na universidade, explica:

Eu fui convidada pelo professor Nestor Goulart Reis a trabalhar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ele foi me buscar no Rio de Janeiro para ajudar a montar a pós-graduação. E eu [geógrafa], junto com o professor Juarez Brandão Lopes [sociólogo] e o arquiteto Leo Nishikawa, desenhamos o primeiro modelo do curso de pós-graduação da FAU. (SOUZA apud *Geosul*, 2003, p. 189)

Souza não foi a única professora que não havia se formado em arquitetura a fazer parte do quadro de docentes do AUH. Entre os anos de 1960 e 1970, duas intervenções na FAUUSP, uma interna e outra externa, levaram a uma reconfiguração de sua fisionomia. A primeira delas é a aproximação de Reis Filho das ciências sociais, a partir de sua formação na FFCL, quando já era arquiteto, e que o leva a convidar colegas de curso para exercerem, enquanto assistentes, a docência e a pesquisa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Como já destacado anteriormente nesta dissertação, o professor havia trazido à faculdade “[...] três ou quatro estudantes de ciências sociais para trabalhar com pesquisa e eles antes já ajudavam a organizar os textos dos seminários com os arquitetos” (REIS FILHO, 2014, p.35). Além deste primeiro fator, a organização da instituição em departamentos e o fim do sistema de cátedras levam a uma ampliação do número de disciplinas em história da arquitetura e do urbanismo, o que, por consequência, eleva o número de docentes no departamento dedicado à história. Destaca-se, ainda, que a reforma universitária de 1968, na qual o fim das cátedras está inserido, obriga as universidades a aumentarem a oferta de vagas para cursos de graduação, fator que também leva ao aumento pessoal contratado pelas Faculdades.

É a partir desta configuração inicial que, entre as décadas de 1970, 1980 e 1990, o número de professores e alunos de pós-graduação da faculdade que haviam feito a graduação em cursos das ciências humanas aumenta. Inicialmente, aqueles formados em Ciências Sociais eram a maioria dentre aqueles graduados fora da arquitetura, pela própria intervenção feita por Reis Filho. Mas, com o passar dos anos, professores formados em Letras e em História,

por exemplo, começaram a ensinar na FAUUSP. É reconhecida, como ressaltado nos capítulos anteriores, que a aproximação da história da arquitetura das ciências humanas é uma das engrenagens envolvidas na mudança na forma de escrita da arquitetura observada, principalmente, entre 1980 e 1990 (COSTA, 2021; CASTRO; SILVA, 2016a; CASTRO; SILVA, 2016b; PEREIRA; LIRA, 2010; GUERRA, 2010). É possível perceber que este diálogo disciplinar se dava em termos humanos e no trânsito de ideias por meio de impressos, como foi possível verificar no capítulo anterior, pelas compras de livros realizadas pela biblioteca da FAUUSP<sup>49</sup>.

A professora Maria Adélia Aparecida de Souza, depois de finalizar a graduação em Geografia, estudou Planejamento Territorial na França. Na época de sua contratação pela FAUUSP, ela trabalhava para o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo, o SERFHAU, órgão do Ministério do Interior, na cidade do Rio de Janeiro. Juarez Rubens Brandão Lopes é outro professor que construiu carreira na FFLCH após um período de trabalho na FAUUSP. Faz-se necessário destacar que no período de formação e iniciação de uma carreira universitária desses professores, ou seja, em meados dos anos 1960, o regime de cátedra limitava a contratação de novos quadros para a universidade. Os limites se impunham, primeiro, pela escolha do catedrático de seus próprios professores assistentes, em número limitado. Em segundo lugar, os postos de trabalho para a docência eram demarcados pela baixa capacidade da universidade em receber um número significativo de alunos. Este quadro é alterado após a reforma universitária, principalmente no âmbito dos cursos que eram voltados, entre outras funções, para a formação de professores do ensino básico<sup>50</sup>.

A ampliação do quadro disciplinar oferecido pelo AUH aos alunos da FAUUSP faz com que uma série de professores formados em cursos diversos sejam contratados. É possível afirmar que após a composição da faculdade em departamentos, a fisionomia do AUH é projetada pelo professor Reis Filho ao recrutar profissionais formados na FFCL para comporem o departamento. Ainda, ao longo do tempo, ocorrem contratações de jovens doutores formados pelo programa de pós-graduação da faculdade, o que faz com que as tradições de pesquisa trazidas por essa equipe multidisciplinar, que inicialmente configura o AUH, sejam decantadas nas investigações de seus orientandos, que formam assim uma

---

<sup>49</sup> Para voltar aos números de volumes adquiridos pela biblioteca, ver: Tabela 01, Tabela 02 e Tabela 03, no segundo capítulo desta dissertação.

<sup>50</sup> O aumento de vagas no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP é visível pela própria estrutura física dedicada às atividades da Faculdade. Se até 1968 ela ocupava um casarão na rua Maranhão, na cidade de São Paulo, a partir desta data, a faculdade passa a ocupar o edifício Vilanova Artigas na cidade universitária, que dispunha de grandes ateliês de projeto e um número significativo de salas de aula.

tradição de pesquisa que ajuda a compor o campo da história da arquitetura no país. Aqui, por meio do levantamento das teses defendidas na faculdade pelo AUH<sup>51</sup>, a trajetória de uma série de professores — e alunos de pós-graduação que se tornariam professores mais adiante — serão destacados para que se possa compreender a criação de uma tradição departamental de pesquisa em história arquitetura construída a partir do ferramental das ciências humanas.

Os professores que entre 1972 e 2000 que formam o maior número de doutores que reingressam na FAUUSP como professores doutores do AUH serão apontados a seguir. Nestor Goulart Reis Filho, arquiteto e sociólogo, orienta quatro doutorandos que construiriam suas carreiras junto ao AUH: Benedito Lima de Toledo, Maria Ruth Amaral Sampaio, Dácio Araújo Benedito Ottoni e Paulo Júlio Valentino Bruna.

Lima de Toledo, arquiteto, defende sua tese *Real corpo de engenheiros na capitania de São Paulo destacando-se a obra do brigadeiro João da Costa Ferreira* em 1972; Amaral Sampaio, socióloga formada pela FFCL da USP, defende sua tese *Metropolização: estudo da habitação popular paulistana*, em 1972. Benedito Ottoni, arquiteto, defende sua tese *São Paulo – Rio de Janeiro – Séculos XIX e XX – Aspectos da formação de seus espaços centrais* em 1973. Paulo Júlio Valentino Bruno, defende sua tese *Arquitetura, industrialização e desenvolvimento* em 1973. Desta forma, Reis Filho, nos primeiros 30 anos do regime departamental, forma quatro dos futuros professores do AUH<sup>52</sup>.

Benedito Lima de Toledo, orientando de Reis Filho, também forma quatro doutores que seriam futuramente professores do AUH. São eles: Murillo de Azevedo Marx, formado em arquitetura e urbanismo, defende sua tese *Seis conventos, seis cidades*, em 1984. Em 1992, Lucio Gomes Machado se torna doutor com a tese *Rino Levi e a renovação da arquitetura brasileira*. Beatriz Magayar Köhl, por sua vez, escreve a tese *Preservação da arquitetura do ferro em São Paulo* e, no ano de 1996, ela a defende. No ano seguinte, 1997, Maria Lucia Bressan Pinheiro defende a tese *Modernizada ou moderna?: a arquitetura em São Paulo, 1938 – 4*. Lima de Toledo, então, forma quatro dos doutores que exerceriam o magistério junto ao

<sup>51</sup> O “Apêndice A: teses defendidas junto ao AUH entre as décadas de 1970 e 1990” traz a relação de teses defendidas por doutorandos orientados por professores pertencentes ao AUH durante as décadas de 1970, 1980 e 1990. É necessário lembrar que o curso de doutorado da FAUUSP foi o único a ser oferecido no país até o ano de 1998. Assim, a criação de uma Departamento — e uma tradição de pesquisa — a partir de seus próprios formandos é um dado a ser observado.

<sup>52</sup> Entre os anos de 1972 e 1980, ano em que ocorre a inauguração do curso de doutorado na FAUUSP, foi comum a realização de teses entre os professores assistentes da faculdade, como é o caso dos primeiros orientandos de Reis Filho. Neste sentido, existe aí algum prolongamento das sociabilidades anteriores à reforma universitária que se adequam à nova composição do ensino superior.

AUH. Murillo Marx, orientado por Lima de Toledo, por sua vez, orienta Maria Lucia Refinetti Rodrigues Martins, que viria a ser professora do Departamento de Projeto da FAUUSP, o AUP. Ela defendeu a tese *Qual modernidade, qual utopia?: São Paulo dos últimos 10 anos*, em 1993.

Paulo Julio Valentino Bruna, que também foi orientado por Reis Filho em seu doutoramento, orienta um doutorando que viria a ser professor do AUH. Trata-se de Leandro Medrano, que se doutorou em 2000 com a tese *Habitar no limiar crítico do espaço: idéias urbanas e conceitos sobre habitação coletiva*. Medrano, antes de ensinar e pesquisar na FAUUSP, foi professor do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), entre 2003 e 2013. Ainda, Bruna forma Odilea Helena Setti Toscano, autora da tese *Cidade Contemporânea, a visão de Piranesi*, de 1989, que viria a ensinar na FAUUSP, mas pertenceria ao Departamento de Projeto, o AUP.

Juarez Rubens Brandão Lopes, sociólogo, orienta duas teses na FAUUSP: Gabriel Bolaffi, também formado em ciências sociais, defende a tese *Aspectos sócio-econômicos do plano nacional de habitação*, em 1972. Além de Bolaffi, Carlos Lemos também é orientado por Brandão Lopes e defende, em 1973, a tese *Cozinhas, etc.: um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista*.

Carlos Lemos, por seu turno, também orienta dois doutorandos que viriam a compor o quadro docente do AUH: Maria Cecília Naclério Homem, formada em Letras, defende, em 1992, a tese *Palacete paulistano: o processo civilizador e a moradia da elite do café (1867 – 1914-18)*; Lemos também orienta Antônio Luiz Dias de Andrade, autor da tese *Um estado completo do que pode jamais ter existido*, defendida em 1993.

Aracy Amaral, jornalista pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestre e doutora pela USP, orienta outros três doutorandos que viriam a ensinar na faculdade, pelo AUH. São eles: Maria Cecília França Lourenço, arquiteta, que com a tese *Maioridade do moderno em São Paulo: anos 1930/40* se torna doutora em 1990. Hugo Massaki Segawa, arquiteto, doutora-se com a tese *Ao amor ao público: jardins no Brasil 1779 – 1911*, em 1994. Por fim, Ana Maria Belluzzo, desenvolve a tese intitulada *Artesanato, arte e indústria*, que é defendida em 1988.

Maria Ruth Amaral Sampaio, socióloga orientada por Reis Filho, orientaria José Tavares Correia de Lira, um arquiteto que, no momento de seu doutoramento, cursava Filosofia na FFLCH. Ele defende a tese *Mocambo e cidade: regionalismo na arquitetura e*

*ordenação do espaço habitado*, em 1997. Lira e Segawa, antes de ingressarem como professores da FAUUSP, ensinaram no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU- USP), sediado no campus de São Carlos. Lira permanece no IAU entre 1998 e 2003; e Segawa, entre 1995 e 2004. As trajetórias de Lira e Segawa chamam a atenção. Hugo Segawa, como foi detalhado no segundo capítulo desta dissertação, colabora ativamente com revistas não acadêmicas de arquitetura. José Lira, por sua vez, apresenta artigos em jornais e revistas não especializados com uma frequência menor. A contratação de ambos pela FAUUSP, no entanto, mostra que as vias de legitimação intelectual ligadas à história da arquitetura eram diversas, naquele momento. Se, por um lado, na década de 1990 e início dos anos 2000, o crescimento de periódicos especializados em história da arquitetura indicava a profissionalização acadêmica da pesquisa. Por outro lado, a via do debate público até então corrente entre os arquitetos ainda era de grande importância para o campo.

Celso Lamparelli é outro professor que forma três doutores que ingressarão como docentes do AUH. São eles: Rebeca Scherer, formada em ciências sociais, doutora-se em 1987 com a tese *Descentralização e planejamento urbano no município de São Paulo*. Além de Scherer, Lamparelli também orienta Regina Proserpi Meyer, que, em 1991, defende sua tese *Metrópole e urbanismo: São Paulo anos 1950*. Há, ainda, mais um orientando de Lamparelli que viria a exercer o magistério na FAUUSP. Trata-se de Luiz Carlos Costa, que defende sua pesquisa *Plano diretor: um personagem a procura dos seus autores: São Paulo nos anos 80*, em 1994.

Existem também os casos de professores que formam um doutor que viria a lecionar na FAUUSP. Marlene Yurgel orienta a pesquisa de Carlos Augusto Mattei Faggin intitulada *Carlos Millan: itinerário profissional de um arquiteto paulista* e defendida em 1992. Ana Maria de Moraes Belluzzo, por seu turno, orienta Agnaldo Arice Caldas Farias em sua pesquisa *Esculpindo o espaço: a escultura contemporânea e a busca de novos modos de relação com o espaço*, defendida em 1997<sup>53</sup>.

Guerra (2010), como já destacado anteriormente, vê a pós-graduação da FAUUSP, em especial seu programa de doutorado, como aquele que forneceria professores e pesquisadores para as universidades federais, que também a partir dos anos 1970 iniciavam a implantação de seus próprios programas de pós-graduação. Entre os doutores formados entre 1980 e 2000

---

<sup>53</sup> As genealogias acadêmicas mencionadas foram construídas a partir dos dados disponibilizados na Plataforma Lattes e na Plataforma Acácia.

por professores do AUH que viriam a exercer o magistério em universidades públicas e privadas estão: Cristina Sá, da Universidade Federal de Juiz de Fora; Geraldo Gomes da Silva, da Universidade Federal de Pernambuco; Ângela Moulin Simões Penalva Santos, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Ângela P. M. de Castro e Silva Bertolucci, do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP; Carlos Teixeira de Campos Júnior, da Universidade Federal do Espírito Santo; Yara Vicentini, da Universidade Federal do Paraná; Nadia Somekh, da Universidade Presbiteriana Mackenzie; Enaldo Nunes Marques, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Lilian Fessler Vaz, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Jorge Azevedo Castro, da Universidade Federal Fluminense; Gilberto Yunes, da Universidade Federal de Pelotas; Vera Lucia Ferreira Motta Rezende da Universidade Federal Fluminense; Haroldo Gallo, da Universidade Estadual de Campinas; Marcos Paraguassu de Arruda Câmara, da Universidade Federal da Bahia, Ester Limonad da Universidade Federal Fluminense; Matheus Gorovitz, da Universidade de Brasília; Maria Inez Turazzi, da Universidade Federal Fluminense; Aduino Lucio Cardoso, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Pablo César Benetti, também da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Antônio Carlos Zani, da Universidade Estadual de Londrina; Marília Maria Brasileiro Teixeira Vale, da Universidade Federal de Uberlândia; Marcelo Cláudio Tramontano, do IAU-USP; Pedro Antônio de Lima Santos, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Maria Josefina Gabriel Sant'Anna, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Carla Maria Furuno Rimkus, da Universidade Federal de Sergipe; Virgínia Pitta Pontual, da Universidade Federal de Pernambuco; Luciana Corrêa do Lago, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Andrey Rosenthal Schlee, da Universidade de Brasília; Carlos Roberto Monteiro de Andrade, do IAU-USP; Regina Andrade Tirello, da UNICAMP; Angela Maria Gordilho Souza, da Universidade Federal da Bahia; Jorge Marão Carnielo Miguel, da Universidade Estadual de Londrina; João Massao Kamita da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Lisete Terezinha Assen de Oliveira, da Universidade Federal de Santa Catarina; Nilson Ghirardello da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Maria Vilma Rodrigues Nasal, da Universidade Federal de Ponta Grossa e Emília Rutkowki, da UNICAMP.

A dispersão de doutores formados pela FAUUSP em diversas instituições de ensino superior revela o papel exercido pela faculdade na profissionalização não apenas no campo da história voltada à arquitetura, no Brasil, mas também no ensino e pesquisa de projeto, tecnologia, urbanismo, entre outros. Como afirma Cunha:

A Reforma do ensino empreendida em 1968 nos marcos das Leis 5.540 e 5.539 (Estatuto do Magistério Superior Federal), bem como dos documentos legais que as antecederam, propiciaram condições institucionais para a efetiva criação da instituição universitária no Brasil, onde, até então, existiam somente faculdades isoladas ou ligadas por laços mais simbólicos do que propriamente acadêmicos. (CUNHA, 2007, p. 178)

A criação do sistema universitário parece significar para a história da arquitetura a possibilidade de profissionalização de seu campo de estudos. A criação da pós-graduação na área, assim como a organização de revistas especializadas, como a revista *Pós FAUUSP*, de eventos científicos, de indexadores de artigos, de vocabulários especializados etc. indicam a conformação de um campo no qual indivíduos, instituições, arquivos, bibliotecas, assim como o Estado, participam de um movimento de criação — e disputa. A biblioteca da FAUUSP é uma das ferramentas de legitimação neste espaço, e suas coleções são trunfos no processo de disputa pela hegemonia no campo.

Sem desconsiderar as consequências que a ditadura militar teve na vida acadêmica do país, é preciso levar em conta que o regime impulsionou a formação do sistema universitário brasileiro. O Decreto-lei 53/66, anterior à reforma em si, já havia determinado os princípios de organização das universidades federais. Nelas, era vedada a duplicação de meios para fins acadêmicos equivalente, o que esvaziava o papel da cátedra na universidade, uma vez que elas eram implantadas a partir de disciplinas únicas por cursos. Ainda, o decreto determinava a unidade entre ensino e pesquisa, além da criação de Faculdades voltadas à formação de professores para o ensino secundário (CUNHA, 2007).

Dada a contiguidade entre o ensino e a pesquisa, logrou-se a instituição de programas de pós-graduação. No início, esta instância estava associada à formação de pesquisadores para o emprego como docentes nos cursos de ensino superior. Como pode ser verificado no “Apêndice A” desta dissertação, dos 92 doutores formados por professores do AUH na FAUUSP, apenas 16 deles não exerceram trabalho de pesquisa ou docência em faculdades públicas ou particulares, o que indica que a reestruturação do ensino superior ocorria como planejado pelo regime. Nota-se também que grande parte das teses defendidas entre as décadas de 1970 e 1990 tinham na cidade, nos direitos relativos ao espaço urbano e no problema da habitação na cidade que se tornava metrópole seus temas mais recorrentes.

Naquelas décadas, as ideias de Henri Lefebvre, Manuel Castells e David Harvey são tomadas por pesquisadores interessados na cidade e na habitação, assim como por

movimentos sociais voltados ao direito à cidade e à moradia (TAVOLARI, 2016). A recepção dos livros destes autores se deu em pleno regime militar, e em programas de pós-graduação criados por ele. Naqueles anos, as “[...] noções de direito, justiça e democracia tinham peso social ainda maior” (TAVOLARI, 2016, p. 98). A recepção das ideias dos autores, é necessário reforçar, não se deu apenas em instituições voltadas ao estudo da arquitetura e da cidade, mas também em faculdades de ciências sociais, história e filosofia. Na biblioteca da FAUUSP, exemplares de livros de Lefebvre já estavam disponíveis em 1975, de Castells, desde 1973, e de Harvey, desde 1978. Se for considerado que Harvey começa a publicar no último ano da década de 1960 e que Castells inicia a venda de livros em 1970, percebe-se a rapidez com que os escritos dos dois autores foram notados pela faculdade.

Percebe-se também pela observação dos dados presentes no “Apêndice A” a presença de teses que tinham como objetivo de pesquisa o estudo da obra de apenas um arquiteto. Esse tipo de monografia popularizou-se na área e é uma das responsáveis pela incorporação de novas fontes históricas em pesquisas em história da arquitetura. Identifica-se a incorporação, pelos pesquisadores, de documentos como aquelas provenientes de escritórios de arquitetos que abriam espaço para o reconhecimento de obras que não pertenciam ao cânone disciplinar (CASTRO E SILVA, 2016; GUERRA, 2010; SILVA, 2016). Costa (2021), no entanto, percebe que o entendimento do que vem a ser *arquitetura* também ganha nova dimensão, para além daquela construtiva, ao mesmo tempo em que esses arquivos são tomados para o estudo da história da arquitetura. Nessa ampliação, as manifestações visuais e textuais dedicadas à disciplina “passam a ocupar lugar importante na configuração do campo” (COSTA, 2021, p. 132). Ainda segundo Costa (2021), a compreensão do fazer arquitetônico fora do cânone historiográfico e construtivo só seria possível quando fossem incorporadas às pesquisas fontes de outras naturezas, como desenhos, mapas, cartas, fotografias etc. A sofisticação com que essas renovadas abordagens se davam abriu espaço para a “a formação de novas gerações, incentivando a continuidade da reflexão pelos jovens pesquisadores que aprofundariam as pesquisas, formulando novos problemas e estabelecendo novas linhas de investigação.” (CASTRO; SILVA, 2016a, p.12).

As pesquisas em história da arquitetura vão ganhando, a partir de sua relação com as humanidades e com as fontes, profundidade teórica e metodológica. Sabe-se, como afirma Hartog, que esta virada historiográfica fundamentada na importância das fontes, durante a segunda metade do século XX, não é exclusiva à história da arquitetura, mas também ganha relevância na própria disciplina histórica. Segundo o historiador, houve uma “[...] valorização

do arquivo e um refinamento considerável no seu tratamento e, finalmente, uma virada ética, especialmente em casos de memória e justiça. Como articular história e ética? Essas três esferas (não rotativas), que têm cada uma sua especificidade, parecem apontar para a mesma direção: a de uma perda de segurança do discurso histórico comum ou canônico. (HARTOG apud MARQUES; CAZELATO; RODRIGUES, 2013, p. 11 – 12). A tomada criteriosa dos arquivos atende, nas duas disciplinas, o objetivo de contestação do discurso canônico.

Em 1965, a família de Carlos Millan (1927 – 1964) doa o acervo de seu escritório à FAUUSP, escola em que o arquiteto lecionou projeto arquitetônico. Naquele momento, não existia um plano da faculdade para a constituição de acervos como o de Millan, nem mesmo recursos para a guarda, conservação e catalogação daquele tipo de material (SILVA, 2016). No entanto, a doação foi aceita. É necessário atentar ao fato de que naquele tempo a compreensão da biblioteca como um “lugar de memória, uma instância importante na constituição da história da arquitetura e do urbanismo” começa a ser disseminada (SILVA, 2016, p. 49). Além disto, na década 1960, vários arquitetos com forte atuação na cidade de São Paulo começavam a se desligar das atividades projetuais. Eles e suas famílias procuravam, então, a FAUUSP, como instância de reconhecimento, para a guarda de seus arquivos. À doação do conjunto documental de Millan, portanto, seguiram-se outras. No âmbito da Universidade de São Paulo, no entanto, a FAUUSP não estava sozinha na iniciativa de captação de arquivos durante as primeiras décadas da segunda metade do século XX.

No espaço de seis anos, entre 1962 e 1968, a Universidade de São Paulo adquire e recebe doações de arquivos, fundos e coleções de várias matrizes. Em 1962, com a criação do Instituto de Estudos Brasileiros, a universidade adquire uma biblioteca. Em 1963, segundo Meneses (1994, p. 573), a USP “incorpora quatro organismos de um tipo até então completamente alheio à sua estrutura”: o Museu de Arte Contemporânea, o MAC-USP; o Museu de Arqueologia e Etnologia, o MAE-USP, o Museu Paulista (MP) e seu desdobramento, o Museu de Zoologia, assim como o anexo do MP, o Museu Republicano *Convenção de Itú*.

Criado por Sérgio Buarque de Holanda, em 1962, o Instituto de Estudos Brasileiros é um centro de pesquisa e documentação sobre a história do Brasil. A formação da biblioteca ocorre em 1962 com a compra, feita pela Universidade, da biblioteca de Yan de Almeida Prado. À coleção de Prado, outras bibliotecas pessoais são incorporadas à biblioteca do IEB, como as de Mário de Andrade e Alberto Lamengo. Atualmente, a biblioteca conta com 37 coleções que pertenceram à intelectuais e escritores brasileiros, como Caio Prado Jr., Milton

Santos, Paul Singer, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, entre outros. Além das coleções mantidas em sua unidade, a biblioteca também possui uma coleção geral. O arquivo do IEB, por sua vez, surge em 1968. A partir de 1974, o seu crescimento exponencial leva a sua separação da biblioteca. Faz-se necessário ressaltar que em três ocasiões houve a presença de professores da FAUUSP na composição da diretoria do IEB. A primeira delas ocorre entre 1966 e 1981, quando Eduardo Kneese de Mello ocupa a vice-diretoria do Instituto. Depois, entre 1998 e 2002, Murillo Marx, professor do AUH, é diretor do IEB. Por fim, entre 2006 e 2010, Ana Lúcia Duarte Lanna, também professora do AUH, ocuparia o cargo de diretora da instituição (IEB, 2010, p. 23). A complexidade dos arquivos, fundos e coleções da instituição podem ter servido como um exemplo de práticas de preservação. Assim como as relações entre FAUUSP e FFCL/FFLCH, a relação entre a FAUUSP e o IEB, especialmente no que diz respeito à preservação de arquivos, deve ser objeto de atenção de pesquisadores, no futuro, para que sejam compreendidas em profundidade.

O Museu de Arte Contemporânea (MAC USP), por sua vez, é criado em 1963 quando a USP recebe de Francisco Matarazzo Sobrino, então presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), a doação do acervo que constituía o MAM (GONÇALVES, 1994, p. 585). O MP e o Museu de Zoologia são incorporados à Universidade a partir da desvinculação das instituições da Secretaria de Educação, no caso do MP, e da Secretaria de Agricultura, no caso do Museu de Zoologia.

A partir dos casos do MAC USP, do IEB-USP, do MP, do MAE-USP e do Museu de Zoologia é possível perceber a assimilação de organizações e demandas até então alheias à estrutura da universidade. Neste sentido, a FAUUSP, ao receber da família de Carlos Millan, em 1965, a doação do material de seu escritório de arquitetura, configura-se como parte deste processo ambientado USP de criação de estruturas voltadas aos arquivos, coleções, acervos e fundos de ordem material diversa que colocavam problemas não apenas no âmbito de sua preservação, mas também de sua governança e apropriação na estrutura universitária baseada no ensino e na pesquisa.

É também a partir da ampliação do ensino superior brasileiro que o mercado editorial nacional cresce, como é possível perceber através do aumento da compra de obras nacionais pela FAUUSP, como demonstrado no capítulo anterior. A ampliação do público consumidor, formado por universitários, ajuda na superação da crise do mercado dos anos 1950, que ocorreu pelas dificuldades econômicas decorrentes da Segunda Guerra, assim como a diminuição do público leitor, uma vez que o interesse por novas mídias, como a televisão, era

pulsante (LABANCA, 2010). A partir dos anos 1960, como observa Reimão (2018), a classe média urbanizada e letrada — o alunato típico dos cursos da USP — consumia livros teóricos e ficcionais em importante quantidade, influenciados pelas manifestações artísticas e culturais do período. A década de 1970, por sua vez, com o milagre brasileiro, viu a ampliação profissionalizada e industrializada do mercado editorial — que também sofreu com censuras — a partir da entrada de novas tecnologias de impressão que possibilitaram novos parâmetros de design e temáticas mais abrangentes aos livros, que podiam, agora, contar com um número maior de imagens. É possível perceber pelas tabelas de aquisição de livros da FAUUSP, que as décadas de 1960, 1970 e 1980 são de incorporação de livros nacionais ao acervo, reflexo da ampliação da oferta do mercado editorial. As décadas de 1980 e 1990 são de diversificação do mercado editorial, com a ampliação do número de editoras, gráficas e livrarias.

As relações travadas entre determinações estatais, o mercado do livro, o ensino superior e o mercado editorial mostram que os indivíduos pertencentes a determinado campo compartilham de uma grande trajetória partilhada também por outros indivíduos e instituições. Chartier, ao avaliar o papel do campo, coloca:

[...] o indivíduo se localiza dentro de uma trajetória compartilhada por outros indivíduos que tenham conhecido o mesmo destino social. Há, então, uma possibilidade, ou uma necessidade, de localizar o indivíduo singular dentro de um sistema de representações que compartilha com outros no mesmo momento histórico. Mas, para evitar, talvez, a relação entre vida e obra em uma escala estritamente individual, parece-me que a noção de campo (pode-se falar de espaço, de domínio, não importa tanto a palavra), seria essencial, porque permite localizar a prática intelectual, artística, estética, de um indivíduo particular em um espaço social de afrontamentos, relações, oposições e, assim, impor uma modalidade de pensar de forma relacional. Inclusive, se você está fazendo uma biografia de um indivíduo particular é preciso levar em conta que o que foi escrito ou feito por esse indivíduo depende, conscientemente ou não, de sua localização em um espaço de combate, de discussão, de disputa que, por sua vez, define o sentido de sua própria contribuição. O que importa é entender e praticar esse modo de pensamento relacional. O indivíduo não é somente um gênio singular, pois sempre compartilha esquemas de pensamento, de percepção e de representação com os outros que tenham tido a mesma trajetória social.” (CHARTIER, 2022, p. 1038)

As temporalidades inerentes ao processo de transformação disciplinar — que tem nos circuitos dos livros importante lugar — e seus processos de legitimação são estratégicos para a definição das periodizações associadas às mudanças ocorridas na forma de escrita da história da arquitetura. Essas temporalidades vinculadas aos circuitos, percebe-se, operam em dois sentidos que se entrelaçam: o primeiro é caracterizado pelo tempo em que livros são

adquiridos pela biblioteca e tornam-se promessas de interesse de leitura e fonte para pesquisas no futuro; o segundo é o momento de apropriação de obras pelos pesquisadores que as utilizam em suas pesquisas, através de sua leitura, estudo e interpretação — trazendo o livro de volta ao espaço de debates.

O tempo de apropriação de determinada obra por autores é verificável, por exemplo, pela existência de paratextos editoriais. Eles são recursos textuais que amparam o texto principal. Título, dedicatórias, citações, bibliografia e notas de rodapé são exemplos de paratextos (GENETTE, 2009). A análise dos paratextos foi a principal estratégia de análise para as obras de destacados professores e pesquisadores que na FAUUSP doutoraram-se ou, ainda, redigiram importantes obras e, como foi acima sinalizado, construíram tradições metodológicas e temáticas através de suas orientações e ensino. Reside nos paratextos um potencial de obtenção de informações de diversas condições que possibilitaram, no cotidiano da feitura do texto, a forma final da escrita e as ideias nela embutidas. São exemplos de paratextos e suas potencialidades: citações e bibliografia informam as referências primordiais que sustentaram a escrita de determinada obra e quais eram as áreas do conhecimento que, naquele momento, foram fundamentais ao autor. Além disto, o paratexto indica a longevidade de uma obra em certo espaço intelectual. A citação em determinado texto indica a existência de debate, interesse e utilidade para determinada obra. Assim, os livros se colocam como produto editorial inscrito no processo histórico de organização e institucionalização do campo (CARVALHO, 2020, p. 12) da história da arquitetura.

Procurou-se, neste capítulo, mostrar como a construção do AUH está atrelado à reforma universitária de 1968 e às condições materiais de pesquisa dentro da USP, assim como as condições do mercado editorial que influenciava nos contornos intelectuais que o Departamento, aos poucos, foi desenhando. Assim, sugere-se, a partir da compreensão da importância das obras e arquivos adquiridos pela faculdade, da contratação de professores graduados em ciências sociais, assim como a mudança estrutural do ensino superior, que os estudos acerca das mudanças na escrita da história da arquitetura recuem aos anos 1960. Essa mudança na periodização traria novos elementos para o entendimento deste movimento intelectual, além de sua ligação com a instauração de programas de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, no Brasil.

## CONCLUSÃO: IMAGINAR A BIBLIOTECA COMO UM ARQUIVO

A biblioteca da FAUUSP, em seus 75 anos de funcionamento, não acumula apenas livros, desenhos arquitetônicos, fotografias, diapositivos, revistas, teses e folhetos. A instituição guarda histórias entrelaçadas ao seu cotidiano. Nessas histórias, alunos, professores, bibliotecários, mudanças intelectuais, regimentos universitários, fenômenos e fracassos editoriais, ideias, conflitos, técnicas de preservação e organização, divergências, negociações, interesses e expectativas de agentes diversos estão presentes. A pergunta que esta pesquisa procurava responder era se as mudanças historiográficas ocorridas na forma de concepção da história da arquitetura poderiam ser lidas a partir da coleção bibliográfica preservada pela biblioteca, ou ainda, pode-se dizer, a partir dessas tantas histórias acumuladas e transmutadas em ofícios, metadados, livros, teses, índices etc.

O primeiro problema que se impôs à pesquisadora no caminho que levaria à resposta para a questão de pesquisa foi a própria forma de trabalho que deveria ser posta em prática. A ausência de pesquisas que assumissem questões semelhantes, ou seja, que aproximassem as questões historiográficas das bibliotecas universitárias, levou à adaptação dos métodos de investigação provenientes da história intelectual, da história do livro e da história das bibliotecas. Nele, o entendimento da condição peculiar de uma biblioteca especializada e pertencente à uma universidade foi fundamental para que se pudesse vislumbrar as relações travadas entre os livros, os intelectuais ligados à faculdade e as mudanças na forma de concepção de pesquisas em história da arquitetura. Nesse sentido, o encontro do circuito dos livros, como demonstrado no capítulo 2, com as demandas de pesquisadores e professores da FAUUSP, conformaram a busca pelo corpus documental desta dissertação.

A biblioteca especializada se distingue das demais tipologias de biblioteca, porque nela são embaralhados e sobrepostos os papéis de autor, editor, promotor e crítico — como é possível apreender na adaptação feita do diagrama de Robert Darnton para o segundo capítulo deste volume. É nesta sobreposição que circuito dos livros é afetado por estruturas como a biblioteca da FAUUSP. Em bibliotecas especializadas, faz-se necessário ressaltar, o tempo dos livros — e das ideias ali contidas — se expandem porque eles são incorporados aos novos estudos, e tornam-se parte do ferramental utilizado pelo campo para a investigação de seus objetos. As fontes históricas mobilizadas foram, portanto, centrais para o desenho de um método de pesquisa que assimilasse não apenas *lugar* de gestão e gestação das ideias, *como*

também seu *tempo*, compreendidos, portanto, na dimensão cotidiana de produção sobre a história da arquitetura a partir da FAUUSP.

A mobilização, a combinação e o confronto dos documentos abriram vias de acesso ao dia a dia de uma biblioteca que contribuía na construção de um espaço especializado de pesquisa. Os metadados presentes no livro de tombo dos livros da biblioteca, o *Thesaurus experimental de arquitetura*, o *Índice de arquitetura brasileira*, os documentos gerados pelo seu funcionamento cotidiano e os trabalhos de professores e pesquisadores ligados à faculdade lançaram luz aos processos pelos quais a invenção de um departamento e de um campo de estudos voltado à história da arquitetura passaram.

É a partir das problemáticas acima listadas que a biblioteca da FAUUSP é tomada como uma espécie de arquivo das práticas e disputas intelectuais vigentes na faculdade entre as décadas de 1950 e 1990, especialmente no que diz respeito à(s) história(s) da arquitetura nela praticadas. A existência de bibliotecas e arquivos são condicionais aos sistemas de registro a eles associados e ao desempenho de três papéis fundamentais: a conservação, a seleção e a acessibilidade aos documentos que lá são mantidos. A partir da coincidência de definições práticas e da tomada de documentos gerados pela biblioteca como fontes, não se torna imprudente a tomada desta biblioteca como um arquivo, um lugar que guarda a memória de trocas intelectuais e editoriais que testemunham o passado da FAUUSP e o legado de autores, editores, professores, alunos e bibliotecários.

Ainda, a tomada dos diversos processos sociais e intelectuais dos quais a feitura de pesquisas e o funcionamento da biblioteca participavam foi fundamental para a compreensão dos constrangimentos e projetos que contribuíram para a profissionalização da pesquisa em história da arquitetura na faculdade. O desenvolvimento profissional das atividades de pesquisa em história da arquitetura e as afinidades que esse processo mantinha com disciplinas pertencentes às ciências humanas, especialmente a sociologia e a história, era um dos aspectos que chamava a atenção. Era também necessária a compreensão desta marcha intelectual quando inserida no ambiente politicamente reativo à liberdade acadêmica que imperava durante a ditadura militar, quando também ocorre a criação de departamentos e extinção de cátedras.

Outras questões foram abertas a partir da interseção entre a história das bibliotecas e a história da arquitetura. A primeira delas, evidenciada pela compra de obras das ciências sociais e pela contratação de professores da área, é a relação mantida entre a FAUUSP e a FFCL /

FFLCH. Observa-se um interesse do AUH pelos métodos e conceitos advindos da Faculdade de Filosofia, mas também é possível perceber a construção de carreira de professores das humanidades na Faculdade de Arquitetura como um primeiro passo em direção aos postos almejados em seus departamentos de origem, como é possível perceber na trajetória de Juarez Brandão Lopes e de Maria Adélia Aparecida de Souza. Outrossim, o ambiente altamente vigiado da FFCL/FFLCH trazia prejuízos no andamento das pesquisas lá em curso. A possibilidade de pesquisar e ensinar na FAUUSP — que não fugia à repressão — poderia ser uma alternativa ao ambiente de ainda maior opressão instalado na Faculdade de Filosofia. Investigações sobre a relação entre FAUUSP e FFLCH devem ser desenvolvidas para que as questões colocadas possam ser elucidadas.

A profissionalização da pesquisa em história da arquitetura não pode ser apartada do movimento de definição dos departamentos e suas formas de funcionamento após a extinção das cátedras. Afinal, a legitimação da produção científica, desde o fim do sistema de cátedras, é desenhada a partir de um sistema que se horizontaliza, se comparado à hierarquia verticalizada do arranjo anterior, e que tem na avaliação por pares a sua maior característica. Se um sistema é regido pela criação de consensos pelos pares no campo, a criação de linguagens comuns, temas de interesse, periodizações e métodos de pesquisa tendem à uniformização. Portanto, a compreensão do desenvolvimento de pesquisas em história da arquitetura em um departamento que reinventa a si mesmo foi central nesta dissertação, que mostra, através dos ciclos de contratação de pesquisadores formados na própria FAUUSP, como um departamento se constrói a partir de sua dedicação à pesquisa e à pós-graduação.

O tempo presente é outra questão central para o entendimento das relações disciplinares travadas na FAUUSP, porque ele é o responsável por engendrar questões para os professores pertencentes ao AUH, especialmente aqueles ligados às ciências sociais. A metropolização da cidade de São Paulo e o escancaramento das desigualdades sociais na forma do tecido urbano chamam o intelectual à reflexão. O lugar das ciências sociais junto à história da arquitetura emerge enquanto via de acesso à sociedade brasileira e seu espaço construído, sendo a cidade o lugar de apreensão pública dos conflitos, interesses e negociações sociais, políticas e econômicas. A tomada da cidade enquanto objeto de estudo está ligada a outros temas relevantes das ciências sociais, no Brasil, como o funcionamento do Estado e as desigualdades, tão caros às pesquisas feitas na FFCL / FFLCH dedicadas à sociedade brasileira, como pode ser observado no primeiro capítulo da dissertação.

Sobre as aproximações disciplinares que participam do processo de mudanças de posturas na escrita da história da arquitetura, foi possível, através da observação do fluxo de compra de livros de ciências sociais, história e filosofia, repensar a periodização desse processo sugerida pela bibliografia. Observa-se que a compra de livros voltados às ciências sociais, assim como a contratação de professores formados nesta mesma área, já era perceptível desde as décadas de 1960 e 1970, enquanto a apropriação de literatura proveniente da História desponta mais fortemente a partir de 1990, quando as compras e doações de livros estão mais intimamente conjugadas às discussões travadas em departamentos voltados a essa disciplina. Ainda, a contratação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lanna, nesta mesma década de 1990, evidencia a aproximação da faculdade da disciplina histórica, sem, no entanto, abandonar a preferência pelos profissionais graduados em ciências sociais, como é o caso de Duarte Lanna. É por esta razão que nesta conclusão é sugerida a ampliação do período estudado para compreensão dos fenômenos que levaram às mudanças na forma de escrita da história da arquitetura. Sugere-se que o período entre 1980 e 1990 seja ampliado para o período entre 1960 e 2000.

Pode-se, portanto, perceber que a biblioteca, quando lida a partir de seus próprios códigos, pode ser comparada a um arquivo a serviço do historiador interessado nas mudanças que ocorreram na disciplina e no campo. É possível somar a esta afirmação que não apenas as mudanças disciplinares podem ser apreendidas pelas bibliotecas especializadas, mas também o seu tempo específico e seu funcionamento cotidiano, que influencia na conformação de novas balizas historiográficas para a história da arquitetura.

\*\*\*

## REFERÊNCIAS

### Conjuntos documentais consultados:

- Livro de tomo da coleção bibliográfica da biblioteca da FAUUSP em arquivo digital do tipo .xlsx

- Documentação do Conselho da Biblioteca da FAUUSP (material não processado) dividido em: Pasta 1986 – 2005; Pasta 1995 – 1996; Pasta 1996 – 1997; Pasta 1998 – 2001; Pasta 2002 – 2005.

- *Índice de Arquitetura Brasileira* (8 volumes). Em ordem cronológica de lançamento, os volumes são:

COSTA, Eunice R. Ribeiro; CASTILHO, Maria Stella de Castilho (orgs.). **Índice de Arquitetura Brasileira 1950-70**. Parte 1. São Paulo: Universidade de São Paulo; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Biblioteca, 1972.

\_\_\_\_\_. **Índice de Arquitetura Brasileira 1950-70**. Parte 2. São Paulo: Universidade de São Paulo; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Biblioteca, 1972.

COSTA, Eunice R. Ribeiro (org.). **Índice de Arquitetura Brasileira 1971-80**. Brasília: Universidade de São Paulo; Ministério da Educação e Cultura, 1982.

COSTA, Eunice R. Ribeiro; AGOSTINHO, Emily Ann Labaki (orgs.). **Índice de Arquitetura Brasileira 1981-83**. São Paulo: Universidade de São Paulo; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1992.

AGOSTINHO, Emily Ann Labaki; NASCIMENTO, Mônica de Arruda (orgs.). **Índice de Arquitetura Brasileira 1984-89**. São Paulo: Universidade de São Paulo; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1995.

NASCIMENTO, Mônica de Arruda (org.). **Índice de Arquitetura Brasileira 1990-91**. São Paulo: Universidade de São Paulo; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1996.

\_\_\_\_\_. **Índice de Arquitetura Brasileira 1992-93**. São Paulo: Universidade de São Paulo; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1998.

\_\_\_\_\_. **Índice de Arquitetura Brasileira 1994-95**. São Paulo: Universidade de São Paulo; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2000.

- *Thesaurus Experimental de Arquitetura*

RIBEIRO COSTA, Eunice R.. **Thesaurus experimental de arquitetura**. São Paulo: Fauusp; Cnpq, 1982.

### Bases de dados consultadas:

- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP

- Plataforma Acácia
- Plataforma Lattes
- Plataforma Sucupira
- Portal Busca Integrada da USP

## Bibliografia

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Notas sobre o método crítico de Gilda de Mello e Souza. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 20, n. 56, p. 311-324, abr. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142006000100021>. Acesso em 10 jan, 2023

ARANTES, Paulo Eduardo. **Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. A sociologia no Brasil: florestan fernandes e a "escola paulista". In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil (Vol. 2)**. São Paulo: Editora Sumaré, 1995. p. 107-232.

AURÉLIO, Daniel Rodrigues. **Bibliografia básica: A coleção Grandes Cientistas Sociais e a relação o entre mercado editorial e a expansão do ensino superior brasileiro nas décadas de 1970 e 1980**. Orientador: Maria Celeste Mira. 2014. 146 f. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3550/1/Daniel%20Rodrigues%20Aurelio.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2023.

BALBACHEVSKY, Elizabeth. A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. In: BROCK, Colin; SCHWARTZMAN, Simon (Ed.). **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 285-314.

BARBIER, Frédéric. Escrever O Aparecimento do Livro. In: FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Edusp, 2017. p. 441-486.

\_\_\_\_\_. Où en est l'histoire des bibliothèques? **Histoire Et Civilisation Du Livre**, Genebra, v. 10, n. 1, p. 7-12, dez. 2014. Disponível em: <https://revues.droz.org/index.php/HCL/article/view/2251>. Acesso em: 10 jan. 2023.

\_\_\_\_\_. **História das bibliotecas: de Alexandria às bibliotecas virtuais**. Tradução de Regina Salgado Campos. São Paulo: Edusp, 2018.

BESSONE, Tânia. A história do livro e da leitura: novas abordagens. **Floema: caderno de teoria e história literária**, [S.L.], n. 5, p. 97-111, out. 2009. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/floema/article/view/1758/1496>. Acesso em: 3 mar. 2023.

BONTEMPI JR., Bruno; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Historiografia da educação brasileira: no rastro das fontes secundárias. **Perspectiva**, Florianópolis, n. 20, p. 9 - 30, 1 jan. 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10323>. Acesso em: 23 fev. 2023.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BUFREM, Leilah Santiago. **Editoras Universitárias no Brasil**: uma crítica para a reformulação da prática. 2ª edição. ed. rev. São Paulo: Edusp, 2015.

BURKE, Peter. O que é a história cultural? **Revista Pós - Número Especial**: O Estudo da História na Formação do Arquiteto, São Paulo, p. 32-33, ago. 1995.

\_\_\_\_\_. **A revolução francesa da historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CABRAL, Claudia Costa. Breve retrospectiva da historiografia do movimento moderno no Brasil. In: ZEIN, Ruth Verde (org.). **Revisões historiográficas**: arquitetura moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Riobooks, 2022. p. 74-86.

CAPELATO, M. H. R.; GLEZER, R.; FERLINI, V. L. A. Escola uspiana de História. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 8, n. 22, p. 349-358, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9719>. Acesso em: 19 jan. 2023.

CARAFFA, Costanza. From "photo libraries" to "photo archives": on the epistemological potencial of art-historical photo collections. In: CARAFFA, Costanza (ed.). **Photo Archives and the Photographic Memory of Art History**. Berlim: Deutscher Kunstverlag, 2011. p. 11-44.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. História da educação: notas em torno de uma questão de fronteiras. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 26, p. 5-13, dez. 1997.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção Atualidades Pedagógicas**: do projeto político ao projeto editorial. São Paulo: Edusp, 2020. p. 13-18.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de; SILVA, Joana Mello de Carvalho e. DOSSIÊ - Fazer história: o estatuto das fontes e o lugar dos acervos nas pesquisas de história de arquitetura e da cidade no Brasil. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 11-18, dez. 2016a. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672016v24n03do>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/126840>. Acesso em: 27 jan. 2023.

\_\_\_\_\_. História e historiografia da arquitetura e da cidade. In: CABRAL, Claudia Costa; COMAS, Carlos Eduardo (Orgs.). ENANPARQ, Estado da Arte, 4., Porto Alegre, 2016b. **Anais...** Porto Alegre: PROPARG/UFGRS, 2016. Disponível em: Acesso em: 27 jan. 2023.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. "Escutar os mortos com os olhos". **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142010000200002>. Acesso em: 3 jan. 2023.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40141991000100010>. Acesso em: 15 jan 2023.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel (org.). O livro: uma mudança de perspectiva. In: GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre (org.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 99-115.

COLOMINA, B. Introduction: on architecture, production and reproduction. In: COLOMINA, B. **Architecture-production**. Series Revisions: Papers on Architectural Theory and Criticism. New York: Princeton Architectural Press, 1988. p. 6-23

COMAROMI, John P.. Knowledge organized is knowledge kept: the dewey decimal classification, 1873.:1976. **The Quarterly Journal of the Library of Congress**, Washington, v. 4, n. 33, p. 311-331, out. 1976. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/29781706>. Acesso em: 15 fev. 2023.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Apresentação - História da Vida Privada no Brasil**. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535931723/historia-da-vida-privada-no-brasil-vol1-edicao-de-bolso>. Acesso em: 01 fev. 2023.

CORONA, Eduardo. Arquitetura: ensino e pesquisa. **Acrópole**, São Paulo, v. 339, n. 4, p. 18, maio 1967.

COSTA, Eduardo Augusto. Mudanças epistemológicas na arquitetura: entre arquivos, exposições e publicações. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 72, p. 129-147, jan. 2021. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/82095/78957>. Acesso em: 20 dez. 2022.

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino superior e universidade no Brasil. In: VEIGA, Cynthia Greive; LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **500 anos de educação no Brasil**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 151 - 204.

DARNTON, Robert. "What is the history of books?" revisited. **Modern Intellectual History**, [S.L.], v. 4, n. 3, p. 495-508, 4 out. 2007. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s1479244307001370>. Acesso em: 5 março 2023.

\_\_\_\_\_. What Is the History of Books? **Daedalus**, Cambridge, v. 3, n. 111, p. 65-83, jan. 1982. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20024803>. Acesso em: 15 jan. 2023.

DEAECTO, Marisa Midori. Prefácio à 2ª edição brasileira. In: FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Edusp, 2017. p. 11-36.

ESPAGNE, Michel. Transferts culturels et histoire du livre. **Histoire et civilisation du livre**, Genebra, v. 1, n. 5, p. 201-2018, nov. 2009.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo: Edusp, 2017. p. 11-36.

FERNANDES, Florestan. Florestan Fernandes. In: GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). **Sobre os primórdios da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP**. São Paulo: Edusp, 2020. p. 65-96.

FRANÇA, Eduardo de Oliveira. Eduardo de Oliveira França: um professor de história. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 8, n. 22, p. 151-160, dez. 1994. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40141994000300013>. Acesso em: 23 fev. 2023.

- FURTADO, André; COELHO, Anna. A invenção de biografias, traduções e historiografia: entrevista com Roger Chartier. Parte III. **Varia Historia**, [S.L.], v. 38, n. 78, p. 1023-1041, dez. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-87752022000300015>. Acesso em: 7 março 2023.
- GEOSUL. Entrevista com a professora Maria Adélia Aparecida de Souza. **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 35, p. 173 - 210, jan. 2003.
- GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. MAC: uma coleção contemporânea. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 8, n. 22, p. 585-586, 1994.
- GUERRA, Abilio. Apresentação: a construção de um campo historiográfico. \_\_\_\_\_ (org.). **Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira. Volume 1**. São Paulo: Romano Guerra, 2010. p. 11-22.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2017.
- IEB. **Guia do IEB**: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, maio 2010. Disponível em: <https://www.ieb.usp.br/guia-ieb-2/>. Acesso em: 2 abr. 2023.
- KATINSKY, Júlio R.. Sete proposições sobre história da arquitetura. **Revista Pós - Número Especial: O Estudo da História na Formação do Arquiteto**, São Paulo, p. 119-123, ago. 1995.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de (org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 64-66.
- LAMPARELLI, Celso. Sessão inaugural. **Revista Pós - Número Especial: O Estudo da História na Formação do Arquiteto**, São Paulo, p. 16-17, ago. 1995.
- LASSANCE, Guilherme; ROCHA-PEIXOTO, Gustavo; BRONSTEIN, Laís; OLIVEIRA, Beatriz Santos de. De rumores e sombras: uma arqueologia do texto. In: LASSANCE, Guilherme; ROCHA-PEIXOTO, Gustavo; BRONSTEIN, Laís; OLIVEIRA, Beatriz Santos de (org.). **Leitura em teoria da arquitetura.**: 2. textos. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010. p. 21-31.
- LEMONS, Carlos A. C.. O estudo da História na formação do arquiteto. **Revista Pós - Número Especial: O Estudo da História na Formação do Arquiteto**, São Paulo, p. 34-40, ago. 1995.
- LIRA, José Tavares Correia de. Arquitetura, historiografia e história operativa nos anos 1960. In: 8º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 2009, Rio de Janeiro. **Anais do 8º Seminário Docomomo Brasil**. Rio de Janeiro: Docomomo, 2009. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/052-1.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2023.
- \_\_\_\_\_. Um retrato de Maú: homenagem a Maria Ruth Amaral de Sampaio. **Arquitextos**, São Paulo, nov. 2022. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.270/8644>. Acesso em: 07 fev. 2023.
- LOPES, Juarez Rubens Brandão. **Desenvolvimento e mudança social**: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil. São Paulo: Nacional, 1980.

MACHADO, Ubiratan. **Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MACHLUP, Fritz. **Knowledge: its creation, distribution and economic significance**, vol. II. Princeton: Princeton University Press, 1982.

MARQUES, Danilo; CAZELATO, Débora; RODRIGUES, Deise. Entrevista Prof. Dr. François Hartog. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 10 - 15, 1 maio 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5471>. Acesso em: 24 jan. 2023.

MARQUES, Eliana de Azevedo. A seção técnica de materiais iconográficos da biblioteca da FAUUSP: origem e história. In: CASTRO, Ana Cláudia Veiga de; SILVA, Joana Mello de Carvalho e; COSTA, Eduardo Augusto (org.). **Arquivos, memórias da cidade, historiografias da arquitetura e do urbanismo**. São Paulo: Fauusp, 2021. p. 68-83. (Coleção Caramelo). Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/723/642/2384>. Acesso em: 02 mar. 2023.

MASSI, Fernanda Peixoto. **Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo**. 1991. 281f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1575886>. Acesso em: 19 jan. 2023.

MAUÉS, Flamarion. O mercado editorial de livros no Brasil no período da abertura (1974 - 1985). **Educação em debate**, [S.L], ano 28, v. 1, n. 51/52, p. 26 - 35, 1 jan. 2006.

MENDES, Paula Raphisa; REIS, Raquel Martins dos; MACULAN, Benildes Coura Moreira dos Santos. Tesouros no acesso à informação: uma retrospectiva. In: 32º Painel biblioteconomia, 32., 2015, Lages. **Anais do 32º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina**. Lages: ACB, 2015. p. 49-66. Disponível em: <file:///C:/Users/55119/Downloads/Dialnet-TesourosNoAcessoAInformacao-5026070.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2023.

MICELI, Sérgio (org.). O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil. In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil (Vol. 2)**. São Paulo: Editora Sumaré, 1995. p. 7-24.

MICELI, Sergio. **Sonhos da periferia**. São Paulo: Todavia, 2018.

MINDLIN, José. Marcos da Cultura Brasileira, **O Estado de S. Paulo**, n. 550, p. 11, 23 fev. 1991 (Caderno Cultura).

MOUREN, R. Escrever sobre a história das bibliotecas hoje. **BIBLOS**, [S. l.], v. 35, n. 1, 2021. DOI: 10.14295/biblos.v35i1.12802. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/12802>. Acesso em: 19 jan. 2023.

MYERS, Jorge. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In: Sá, Maria Elisa Noronha de (org.). **História Intelectual Latino-Americana: itinerários, debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

NAMER, Gerard. **Memoire et societe**. Paris: Meridiens, 1987.

- NDERSEN, Jack; SKOUVIG, Laura. Knowledge Organization: a sociohistorical analysis and critique. **The Library Quarterly: Information, Community, Policy**, [s. l.], v. 3, n. 76, p. 300-322, jul. 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/511139>. Acesso em: 05 mar. 2023.
- NESBITT, Kate. Introdução. In: NESBITT, Kate (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 15-88.
- NOVAIS, Fernando. Mudanças na historiografia. **Revista Pós - Número Especial: O Estudo da História na Formação do Arquiteto**, São Paulo, p. 32-33, ago. 1995.
- NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. **Cadernos Anped**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 7-64, set. 1992.
- PEREIRA, Margareth da Silva; LIRA, José Tavares Correia de. Historiografia da arquitetura: métodos, objetos e narrativas. In: I ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2010, Rio de Janeiro. **Anais do I ENANPARQ**. Rio de Janeiro: PROURB, 2010. p. 1-3. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/138/138-786-1-SP.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.
- PRADO JÚNIOR, B. Gilda de Mello e Souza. **Discurso**, [S. l.], n. 26, p. 15-18, 1996. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.1996.38001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38001>. Acesso em: 07 maio. 2023.
- PULICI, C. De como o sociólogo brasileiro deve praticar seu ofício: as cátedras de sociologia da USP entre 1954 e 1969. **Perspectivas**, Maracaibo, v. 31, p. 97-120, 2007.
- REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro** [recurso eletrônico]. 1. ed. São Paulo: ECA-USP, 2018. 61 p. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/264/231/1390?inline=1>. Acesso em: 27 fev. 2023.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. Algumas raízes. **Revista Pós - Número Especial: O Estudo da História na Formação do Arquiteto**, São Paulo, p. 40-45, ago. 1995.
- \_\_\_\_\_. Nestor Goulart Reis Filho: do prédio à cidade para interpretar a evolução urbana. Mariluce Moura. **Revista FAPESP**. São Paulo, 2014.
- RIBEIRO COSTA, Eunice R.. **Thesaurus experimental de arquitetura**. São Paulo: FAUUSP; CNPq, 1982.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2018.
- ROCHA, Ricardo. **Livros, leituras e bibliotecas: história da arquitetura e da construção luso-brasileira**. São Paulo: Edusp, 2020.
- ROIZ, D. S. A institucionalização do ensino universitário de geografia e história na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo entre 1934 e 1956. **Ágora**, v. 13, n. 1, p. 65-104, 29 nov. 2007.
- ROSE, Jonathan. Alternative Futures for Library History. **Libraries & Culture**, Austin, n. 38, p. 50-60, jan. 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25549067>. Acesso em: 01 fev. 2023.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. **Metropolização**: um estudo da habitação popular paulistana. 1972. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. Um acervo, uma coleção e três problemas: a Coleção Jacques Pilon da biblioteca da FAUUSP. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 45-70, set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/4vxtLjNgqTMnjMRVBc8gmLF/?lang=pt>. Acesso em: 23 out. 2022.

SOUZA, Gilda de Mello e. Gilda de Mello e Souza. In: GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). **Sobre os primórdios da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP**. São Paulo: Edusp, 2020. p. 113-130.

TAFURI, Manfredo. Arquitetura e historiografia: uma proposta de método. **Desígnio**, São Paulo, n. 11/12, p. 19-28, mar. 2011.

TAVOLARI, Bianca. Direito à cidade: uma trajetória conceitual. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 1, n. 104, p. 93 - 109, mar. 2016.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida Toledo. **Coleção Atualidades Pedagógicas**: do projeto político ao projeto editorial (1931 - 1981). 1ª. ed. São Paulo: Edusp, 2020.

VARRY, Dominique. L'histoire des bibliothèques en France: état des lieux. **Bulletin Des Bibliothèques de France**, [S.L], v. 2, n. 1, p. 16-22, jan. 2005. Disponível em: <https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2005-02-0016-003>. Acesso em: 29 dez. 2022.

XV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2010, Vitória. Mercado brasileiro de livros em meados do século XX: a conquista de uma nova mentalidade econômica. **INTERCOM**: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Vitória: INTERCOM, maio 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-1038-1.pdf>. Acesso em: 23 março 2023.

ZEIN, Ruth Verde. Introdução: reconhecimento do cânon e seus vazios: o caso brasileiro. In: ZEIN, Ruth Verde (org.). **Revisões historiográficas**: arquitetura moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Riobooks, 2022. p. 14-35.

**Apêndice A: Teses defendidas junto ao AUH entre as décadas de 1970 e 1990**

Ano	Título	Orientador	Autor	Título	Torna-se professor da FAUUSP?	Curso graduação	Instituição, se professor universitário
1972	Doutor	Nestor Goulart Reis Filho	Benedito Lima de Toledo	Real corpo de engenheiros na capitania de São Paulo destacando-se a obra do brigadeiro João da Costa Ferreira	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1972	Doutor	Nestor Goulart Reis Filho	Maria Ruth Amaral Sampaio	Metropolização: estudo da habitação popular paulistana	Sim (AUH)	Ciências Sociais	FAUUSP
1972	Doutor	Juarez Rubens Brandão Lopes	Gabriel Bolaffi	Aspectos sócio-econômicos do plano nacional de habitação	Sim (AUH)	Ciências Sociais	FAUUSP
1973	Doutor	Nestor Goulart Reis Filho	Dacio Araujo Benedicto Ottoni	São Paulo - Rio de Janeiro - Séculos XIX e XX - Aspectos da formação de seus espaços centrais	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1973	Doutor	Juarez Rubens Brandão Lopes	Carlos Alberto Cequeira Lemos	Cozinhas, etc.: um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1973	Doutor	Flavio Motta	Julio Roberto Katinsky	Casas bandeiristas: nascimento e reconhecimento da arte em São Paulo	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1973	Doutor	Nestor Goulart Reis Filho	Paulo Julio Valentino Bruna	Arquitetura, industrialização e desenvolvimento	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1984	Doutor	Benedito Lima de Toledo	Murillo de Azevedo Marx	Seis conventos, seis cidades	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1987	Doutor	Celso Monteiro Lamparelli	Rebeca Scherer	Descentralização e planejamento urbano no município de São Paulo	Sim (AUH)	Ciências Sociais	FAUUSP
1987	Doutor	Gustavo Neves da Rocha	Adilson Costa Macedo	Ideias preliminares para o projeto urbano da cidade universitária Armando de Salles Oliveira	Sim (AUP)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1987	Doutor	Candido Malta Campos Filho	Marta Dora Grostein	Cidade clandestina: os ritos e os mitos; o papel da "irregularidade" na estruturação do espaço urbano no município de São Paulo, 1900 - 1987	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1987	Doutor	Maria Adelia Aparecida de Souza	Maria do Carmo Bicudo Barbosa	Tudo como dantes no quartel de abrantes: as práticas da produção do espaço da cidade de São Paulo (1890 - 1930)	Não	s/i	s/i
1988	Doutor	Eduardo Corona	Cristina Sá	Arqueologia do urbano em pedra de Guaratiba, Arraial do Cabo e Quinta do Cajú: contribuição para o estudo do processo de construção do espaço social	Não	s/i	Universidade Federal de Juiz de Fora
1989	Doutor	Julio Roberto Katinsky	Odilea Helena Setti Toscano	Cidade contemporânea, a visão de Piranesi	Sim (AUP)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1989	Doutor	Julio Roberto Katinsky	João Carlos Rodolpho Stroeter	Arquitetura: imagem, reflexos	Não	s/i	s/i
1990	Doutor	Nestor Goulart Reis Filho	Gunter Weimer	Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul	Não	s/i	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
1990	Doutor	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Geraldo Gomes da Silva	Engenho e Arquitetura: morfologia dos edifícios dos antigos engenhos de açúcar pernambucanos	Não	s/i	Universidade Federal de Pernambuco
1990	Doutor	Gabriel Bolaffi	Angela Moulin Simões Penalva Santos	Planejamento e desenvolvimento: o Estado da Guanabara	Não	s/i	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

1990	Doutor	Aracy Amaral	Maria Cecília França Lourenço	Maioridade do moderno em São Paulo: anos 1930/40	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1991	Doutor	Paulo Julio Valentino Bruna	Ricardo Toledo Silva	Habitação, infra-estrutura e regulação pública: limites da privatização	Sim (AUT)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1991	Doutor	Eduardo Corona	Luiz Alberto do Prado Passaglia	Influência do movimento da arquitetura moderna no Brasil na concepção do desenho e na formação do arquiteto	Não	s/i	s/i
1991	Doutor	Celso Monteiro Lamparelli	Regina Maria Prosperi Meyer	Metrópole e urbanismo: São Paulo anos 50	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1991	Doutor	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Angela M. P. de Castro e Silva Bortolucci	Moradias urbanas construídas em São Carlos no Período Cafeeiro	Não	s/i	Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos (IAU - USP)
1991	Doutor	Julio Roberto Katinsky	Marlene Milan de Azevedo Acayaba	Branco & preto: uma historia do design brasileiro nos anos 50	Não	s/i	s/i
1992	Doutor	Benedito Lima de Toledo	Lucio Gomes Machado	Rino Levi e a renovação da arquitetura brasileira	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1992	Doutor	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Maria Cecília Naclério Homem	Palacete paulistano: o processo civilizador e a moradia da elite do café (1867 - 1914-18)	Sim (AUH)	Letras	FAUUSP
1992	Doutor	Marlene Yurgel	Carlos Augusto Mattei Faggin	Carlos Millan: itinerário profissional de um arquiteto paulista	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1993	Doutor	Nestor Goulart Reis Filho	Marta Maria Soban Tanaka	Favela e periferia: estudos de recomposição urbana	Sim (Serviço técnico especializado)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1993	Doutor	Murillo de Azevedo Marx	Maria Lucia Refinetti Rodrigues Martins	Qual modernidade, qual utopia? São Paulo dos últimos 10 anos	Sim (AUP)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1993	Doutor	Maria Adelia Aparecida de Souza	Carlos Teixeira de Campos Júnior	Capitalismo se apropria do espaço: a construção civil em Vitória (ES)	Não	s/i	Universidade Federal do Espírito Santo
1993	Doutor	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Antônio Luiz Dias de Andrade	Um estado completo que pode jamais ter existido	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1994	Doutor	Celso Monteiro Lamparelli	Yara Vicentini	Cidade e história na amazônia	Não	s/i	Universidade Federal do Paraná
1994	Doutor	Maria Adelia Aparecida de Souza	Nadia Somekh	A cidade vertical e o urbanismo modernizador: São Paulo 1920 - 1939	Não	s/i	Mackenzie
1994	Doutor	Aracy Amaral	Hugo Massaki Segawa	Ao amor ao público: jardins no Brasil 1779 - 1911	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1994	Doutor	Paulo Julio Valentino Bruna	Enaldo Nunes Marques	Desenho urbano - análise morfológica e funcional para a regulamentação urbana	Não	s/i	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
1994	Doutor	Suzana Pasternak Taschner	Lilian Fessler Vaz	História da habitação coletiva na cidade do Rio de Janeiro: estudo da modernidade através da moradia	Não	s/i	Universidade Federal do Rio de Janeiro
1994	Doutor	Murillo de Azevedo Marx	Maria Izabel Perini Muniz	Cultura e arquitetura: a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo	Não	s/i	s/i
1994	Doutor	Celso Monteiro Lamparelli	Luiz Carlos Costa	Plano diretor: um personagem a procura dos seus autores: São Paulo nos anos 80	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1994	Doutor	Paulo Julio Valentino Bruna	Jorge Azevedo de Castro	Invento e inovação tecnológica na construção	Não	s/i	Universidade Federal Fluminense

1995	Doutor	Murillo de Azevedo Marx	Gilberto Yunes	Cidades reticuladas: a persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul	Não	s/i	Universidade Federal de Pelotas
1995	Doutor	Rebeca Scherer	Vera Lucia Ferreira Motta Rezende	Planejamento e política fundiária: o caso da cidade do Rio de Janeiro	Não	s/i	Universidade Federal Fluminense
1995	Doutor	Decio Azevedo Marques de Saes	Jonas Tadeu Silva Malaco	A construção da cidade na "República" de Platão	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1995	Doutor	Paulo Julio Valentino Bruna	Haroldo Gallo	Ideia de autoria em arquitetura e sua proteção no Brasil	Não	s/i	Universidade Estadual de Campinas
1995	Doutor	Philip Oliver Mary Gunn	Mario Henrique Simão D'Agostino	Geometrias simbólicas: espaço, arquitetura e tradição clássica, estudo de história e teoria da arquitetura e do urbanismo	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1995	Doutor	Marta Dora Grostein	Marcos Paraguassu de Arruda Câmara	Cidades e vilas da escravidão: espaços dos excluídos	Não	s/i	Universidade Federal da Bahia
1996	Doutor	Paulo Julio Valentino Bruna	Hugo Camilo Lucini	Requalificação urbana e novos assentamentos de interesse social	Não	s/i	s/i
1996	Doutor	Celso Monteiro Lamparelli	Ester Limonad	Lugares da urbanização: o caso do interior Fluminense	Não	s/i	Unuversidade Federal Fluminense
1996	Doutor	Benedito Lima de Toledo	Beatriz Mugayar Kühl	Preservação da arquitetura do ferro em São Paulo	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1996	Doutor	Julio Roberto Katinsky	Matheus Gorovitz	Sobre o ensino de história da arte e da arquitetura: textos de apoio didático	Não	s/i	Universidade de Brasília
1996	Doutor	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Maria Cristina Wolff de Carvalho	Arquitetura de Ramos de Azevedo	Não	s/i	Fundação Armando Alvares Penteado
1996	Doutor	Julio Roberto Katinsky	Doris Maria Machado de Bittencourt	Casas residenciais em Porto Alegre em fins do século XIX e início do século XX	Não	s/i	Universidade de Santa Cruz do Sul
1997	Doutor	Eduardo Corona	Maria Inez Turazzi	As artes do ofício: fotografia e memória da engenharia no século XIX	Não	s/i	Universidade Federal Fluminense
1997	Doutor	Julio Roberto Katinsky	Angela Maria Rocha	Por uma caracterização da pintura contemporânea	Sim (AUT)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1997	Doutor	Benedito Lima de Toledo	Maria Lucia Bressan Pinheiro	Modernizada ou moderna?: a arquitetura em São Paulo, 1938 - 45	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1997	Doutor	Maria Ruth Amaral de Sampaio	José Tavares Correia de Lira	Mocambo e cidade: regionalismo na arquitetura e ordenação do espaço habitado	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo e Filosofia	FAUUSP
1997	Doutor	Ana Maria de Moraes Belluzzo	Aginaldo Arice Caldas Farias	Esculpindo o espaço: a escultura contemporânea e a busca de novos modos de relação com o espaço	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
1997	Doutor	Maria Ruth Amaral Sampaio	Lygia Gonçalves Constantino	Habitação popular em Campinas: ação e identidade	Não	s/i	s/i
1997	Doutor	Suzana Pasternak Taschner	Adauro Lucio Cardoso	O urbanismo moderno e a questão da natureza	Não	s/i	Universidade Federal do Rio de Janeiro
1997	Doutor	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Eudes de Mello Campos Júnior	Arquitetura paulistana sob o império: aspectos da formação da cultura burguesa em São Paulo	Não	s/i	s/i
1997	Doutor	Suzana Pasternak Taschner	Helena Maria Menna Barreto Silva	Terra e moradia: que papel para o município?	Não	s/i	s/i

1997	Doutor	Suzana Pasternak Taschner	Pablo César Benetti	Projetos de avenidas no Rio de Janeiro	Não	s/i	Universidade Federal do Rio de Janeiro
1997	Doutor	Nestor Goulart Reis Filho	Maria de Lourdes Pinto Machado Costa	Transformação do espaço da cidade do Rio de Janeiro sob a ação do poder público entre 1964 e 1988	Não	s/i	s/i
1997	Doutor	Maria Irene de Queiroz Ferreira Szmrecsanyi	José Oswaldo Soares de Oliveira	Contribuição ao estudo das origens da ideologia do planejamento moderno no Brasil: Domingos Jaguaribe e as propostas dos núcleos coloniais: 1874 - 1900; faces do planejamento territorial no processo de modernização sob o complexo cafeeiro paulista	Não	s/i	Universidade de Taubaté
1997	Doutor	Eduardo Corona	Antônio Carlos Zani	Arquitetura de madeira: reconhecietno de uma cultura arquitetônica norte-paranaense	Não	s/i	Universidade Estadual de Londrina
1998	Doutor	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Silvia Ferreira Santos Wolff	Jarsim América: o primeiro bairro Jardim de São Paulo e sua arquitetura	Não	s/i	s/i
1998	Doutor	Julio Roberto Katinsky	Marília Maria Brasileiro Teixeira Vale	Arquiteturareligiosa do século XIX no antigo "Sertão da Farinha Podre"	Não	s/i	Universidade Federal de Uberlândia
1988	Doutor	Suzana Pasternak Taschner	Marcelo Cláudio Tramontano	Novos modos de vida, novos espaços de morar, Paris, São Paulo, Tokyo: uma reflexão sobre a habitação contemporânea	Não	s/i	Instituto de Arquitetura e Urbanismo (USP)
1998	Doutor	Rebeca Scherer	Pedro Antônio de Lima Santos	Batal século XX do urbanismo ao planejamento urbano	Não	s/i	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
1998	Doutor	Suzana Pasternak Taschner	Maria Josefina Gabriel Sant'Anna	Cidade, habitação e família contemporâneas: os flats cariocas como nova forma de morar	Não	s/i	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
1998	Doutor	Ana Maria de Moraes Belluzzo	Liana Ruth Bergstein Rosemberg	Da imagem retórica: a questão da visualidade na pintura de Pedro Américo no Brasil oitocentista	Não	s/i	s/i
1998	Doutor	Eduardo Corona	Carla Maria Furuno Rimkus	Shopping Centers: expressão arquitetônica da cultura capitalista do consumo	Não	s/i	Universidade Federal de Sergipe
1998	Doutor	Celso Monteiro Lamparelli	Virginia Pitta Pontual	O saber urbaístico no governo da cidade: uma narrativa do Recife das décadas de 1930 a 1950	Não	s/i	Universidade Federal de Pernambuco
1998	Doutor	Suzana Pasternak Taschner	Luciana Corrêa do Lago	Estruturação urbana e mobilidade espacial: uma análise das desigualdades socioespaciais na metrópole do Rio de Janeiro	Não	s/i	Universidade Federal do Rio de Janeiro
1998	Doutor	Nestor Goulart Reis Filho	Antônio Carlos Cabral Carpintero	Brasília: prática e teoria urbanística no Brasil, 1965 - 1998	Não	s/i	s/i
1998	Doutor	Dacio Araújo Benedicto Ottoni	Sueli Ferreira de Bem	Contribuição para estudos das estações ferroviárias paulistas	Não	s/i	Universidade Paulista
1998	Doutor	Ana Maria de Moraes Belluzzo	Maria Alice Millet	Tiradentes: o corpo do herói - ilustrado -.	Não	s/i	s/i
1998	Doutor	Carlos Alberto Cerqueira Lemos	Andrey Rosenthal Schlee	A arquitetura das charqueadas desaparecidas	Não	s/i	Universidade de Brasília
1998	Doutor	Murillo de Azevedo Marx	Carlos Roberto Monteiro de Andrade	Barry Parker: um arquiteto inglês na cidade de São Paulo	Não	s/i	Instituto de Arquitetura e Urbanismo (USP)

1999	Doutor	Julio Roberto Katinsky	Regina Andrade Tirello	A ruína, o restauro e as pinturas murais oitocentistas do Vale do Paraíba paulista	Não	s/i	Universidade Estadual de Campinas
1999	Doutor	Suzana Pasternak Taschner	Angela Maria Gordilho Souza	Limites do habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX	Não	s/i	Universidade Federal da Bahia
1999	Doutor	Celso Monteiro Lamparelli	Emilia Rutkowski	Desenhando a bacia ambiental: subsídios para o planejamento das águas doces metropolitanizadas	Não	s/i	Universidade Estadual de Campinas
1999	Doutor	Julio Roberto Katinsky	Joege Marão Carnielo Miguel	Pensar e fazer arquitetura: Levi & Artigas, concepções de espaços residenciais	Não	s/i	Universidade Estadual de Londrina
1999	Doutor	Marlene Yurgel	João Masao Kamita	Espaço moderno e país novo: arquitetura moderna no Rio de Janeiro	Não	s/i	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
1999	Doutor	Murillo de Azevedo Marx	Lisete Terezinha Assen de Oliveira	Formas de vir-a-ser cidade: loteamentos e condomínios na ilha de Santa Catarina	Não	s/i	Universidade Federal de Santa Catarina
1999	Doutor	Dacio Araújo Benedicto Ottoni	Marcia Simão Macul	Arquitetura em prosa: uma aproximação ao objeto referencial	Não	s/i	s/i
1999	Doutor	Murillo de Azevedo Marx	Nilson Ghirardello	A beira da linha: formações urbanas do noroeste paulista	Não	s/i	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
2000	Doutor	Nestor Goulart Reis Filho	Alessandro Ventura	Produção seriada e projeto arquitetônico: o exemplo de uma escola secundária	Sim (AUP)	Arquitetura e Urbanismo	FAUUSP
2000	Doutor	Julio Roberto Katinsky	Ana Lucia Pecoraro Schaefer	Estudos analíticos das técnicas e materiais históricos da Igreja Nossa Senhora do Rosário do Embu por um plano de conservação	Não	s/i	Universidade Nova de Lisboa
2000	Doutor	Marlene Yurgel	Maria Vilma Rodrigues Nadal	Arte, técnica e tecnologia nos caminhos de ferro do Paraná	Não	s/i	Universidade Estadual de Ponta Grossa
2000	Doutor	Paulo Julio Valentino Bruna	Leandro Medrano	Habitar no limiar crítico do espaço: ideias urbanas e conceitos sobre a habitação coletiva	Sim (AUH)	Arquitetura e Urbanismo	Universidade Estadual de Campinas e FAUUSP
2000	Doutor	Paulo Julio Valentino Bruna	Mônica Junqueira de Camargo	Princípios de arquitetura moderna na obra de Oswaldo Arthur Bratke	Sim (AUH)	Arquitetura	FAUUSP
2000	Doutor	Eduardo Corona	Maria Helena de Moraes Barros Flynn	Concursos de arquitetura no Brasil: 1850 - 2000: sua contribuição ao desenvolvimento da arquitetura	Não	s/i	s/i

\*as informações sobre o curso de graduação dos autores serão reservadas àqueles que se tornaram professores da FAUUSP

\*\* s/i: sem informação